

Ana Paula Martins Castro Pegas

2º Ciclo de Estudos em Turismo

***O visível que não se vê* e o património cemiterial: proposta de
criação de uma Rota Turística dos Cemitérios do Porto**

2013

Orientador: Prof. Doutora Inês Amorim

Classificação: Ciclo de estudos:

Dissertação/relatório/Projeto/IPP:

O Cemitério

Aqui nesta porção de terra
Em que se erguem cruces mil,
Um nome toda vida encerra
Esse nome é teu. Morte, Vil!

Tudo derrubais e carcomes
Nessa ceifa cruel e instante
Tudo descança, tu não dormes
Morte cruel, sem semelhate!

Tão negra terra se comida,
Tinha o sabor, de condimentos.
Acre e doce, de qualquer vida.

Aqui é da morte o império,
Findam ilusões e sofrimentos,
É triste e lindo o cemitério!

Hernâni

in jazigo-capela nº 5 da família Leite de Faria, no Cemitério da Lapa

Agradecimentos

Esta dissertação não tinha sido possível de concretizar, sem o apoio das seguintes pessoas:

Aos meus pais, irmã e restante família, um muito obrigada por tudo, não por estes dois últimos anos, mas por estes anos todos.

À Prof. Doutora Inês Amorim, pela disponibilidade, interesse, ajuda e acima de tudo a atenção prestada ao longo deste percurso, não podendo esquecer as palavras de apoio que foram fundamentais para que fosse possível chegar até ao fim.

Aos meus amigos, destacando o contributo que o Joel, a Cristina, o Paulo, a Maria João, o Filipe, a Catarina e a Márcia tiveram nestas viagens pelos cemitérios. Obrigada pelo vosso carinho e amizade.

À Eng.^a Arnaldina Riesenberger, pela sua ajuda preciosa e disponibilidade bem como pelo interesse que transmite naquilo que faz.

Ao Dr. Terry Weineck, à Sra. Pat Sinclair, à Sra. Judith Murray, e a toda comunidade inglesa que me acolheram tão bem.

À Dra. Jacqueline Leal Ribeiro, à Dra. Analdina Sousa Rocha, bem como às respetivas Ordens Terceiras que representam, um muito obrigado pelo vosso contributo na recolha de informação, imprescindível neste trabalho.

À Sra. Cecília Teixeira, ao Prof. Doutor Francisco Ribeiro Silva, à Dra. Brígida, ao Daniel Oliveira e ao Sr. Francisco Espírito Santo, pelas visitas guiadas que me fizeram, das quais trago excelentes recordações.

Por último mas não menos importante, o meu especial agradecimento às pessoas que assistiram às visitas guiadas e que se disponibilizaram a responder, sendo parte integrante deste trabalho.

Esta dissertação também é vossa, obrigada!

Resumo:

Os cemitérios, para o cidadão comum, são locais de enterramento dos ente-queridos, espaços estes onde se tem contacto com a tão indesejada morte. Foi um processo secular, até aos nossos dias, criando subterfúgios para que o nosso maior receio fosse atenuado. E são estes mesmos recursos, o património funerário que, hoje em dia, é alvo de procura por parte do turismo: interessante para uns, mórbido para outros, a tendência do turismo cemiterial é de aumentar.

Neste sentido, surge a presente dissertação que, tratando-se de um estudo exploratório, pretende debruçar-se sobre as características do Turismo Cemiterial: o que é oferecido e quem o procura; o porquê de ser amado por uns e odiado por outros, sem esquecer o contributo que este tipo de turismo tem tido para a valorização patrimonial em Portugal. Por último, partindo para o caso em particular, delimitaremos o nosso objeto de estudo à cidade do Porto, sugerindo assim a criação coerente da Rota dos Cemitérios do Porto, que usando percursos já timidamente percorridos, ganhe vitalidade e seja servido por instrumentos de comunicação que ponham o turista em contacto com esses espaços de silêncio e simbologia.

Palavras-Chave: Morte, Cemitério, Património, Turismo Negro, Turismo Cemiterial

Abstract

The cemeteries, for the common citizen, are burial sites of loved ones, places where you have contact with such unintended death. It was a secular process until our days, creating loopholes in order to mitigate our greatest fear. And the funerary heritage is today a target of tourism demand: interesting for some, morbid for others; the trend is to increase Cemetery Tourism.

In this sense, the present dissertation that, being an exploratory study, aims to look into the characteristics of Cemetery Tourism: what is offered and who demands it, why it is loved by some and hated by others, without forgetting the contribution that this kind of tourism has had for the appreciation of heritage in Portugal. Finally, starting with a particular case, the study will be limited to the city of Porto, therefore suggesting the coherent creation of the Porto Cemeteries' Route, that using paths traversed timidly, will get vitality and will be served by communication tools to put the tourist in contact with these spaces of silence and symbolism.

Key-words: Death, Cemetery, Heritage, Dark Tourism, Cemetery Tourism

Índice

Introdução	9
1. A sociedade e a morte	15
1.1 Como se foi vivendo com a morte: da morte domesticada à morte interdita	15
1.1.1. A morte domesticada e a morte de si próprio	15
1.1.2. A morte do outro	17
1.1.3. A Morte Interdita	19
2. Do Turismo Negro ao Turismo cemiterial	24
2.1. Turismo Negro	24
2.1.1 Lado Oferta: O Espetro do Turismo Negro	26
2.1.1.1. Sete Categorias de Produtos de Turismo Negro	28
2.1.2 O lado da procura: os motivos	32
2.1.3 Implicações do Turismo Negro	34
2.2. Os Cemitérios e o Turismo	36
2.2.1. Cemitérios como lugares de memória	36
2.2.2. O Turismo Cemiterial	38
2.2.3 Iniciativas internacionais de organização institucional do turismo cemiterial	40
2.2.4 Criação da Rede Europeia de Cemitérios Significativos	41
2.2.5. Cemitérios do Mundo	43
2.2.5.1. O Caso de Lisboa	47
2.2.5.1.1. Cemitério Municipais: O Cemitério dos Prazeres e o Cemitério Alto do S. João	47
2.2.5.1.2 Cemitério Britânico	49
3. Porto: na rota do turismo cemiterial	50
3.1. Caracterização do Município	50
3.2. O Porto e Turismo	51
4. As Características Turísticas dos Cemitérios mais importantes do Porto	55
4.1. Cemitérios Particulares	55
4.1.1. Cemitério Britânico- St James Cemetery	55
4.1.2 Cemitério da Nossa Senhora da Lapa	57
4.1.3 Cemitério Catacumbal de S. Francisco	58
4.2. Cemitérios Municipais- Cemitério Prado do Repouso e Agramonte	59

4.2.1. Visita- guiada – “Semana à Descoberta dos Cemitérios”	61
4.2.1.1. O interesse pelas visitas cemiteriais – perfil, tendências	62
4.2.1.1.1 O perfil dos visitantes	62
4.2.1.1.2 Caracterização das visitas Guiadas aos Cemitérios Prado do Repouso e Agramonte	62
4.2.1.1.3 A relação dos cemitérios do Porto com alguns internacionais	64
4.2.1.1.4 A Atratividade de locais/eventos relacionados com a morte	67
4.3. A perspetiva dos experts: o Turismo Cemiterial, de Portugal para o Porto	68
5. Estudo de caso: A Rota dos Cemitérios do Porto	71
5.1 Objetivos gerais e específicos	72
5.2 Análise SWOT	73
5.3 Definição e descrição dos itinerários	74
5.4 A rota dos Cemitérios do Porto: da ideia ao negócio	78
5.4.1 Recursos necessários	78
5.4.2 Entidade responsável	79
5.4.3 Público-alvo	80
5.4.4. Enquadramento dos itinerários: criação elementos dinamizadores	80
Conclusões, limitações e recomendações	86
Referências Bibliográficas	89
Apêndices	99
Apêndice I -Entrevistas por e-mail às pessoas representantes de cada um dos cemitérios	100
Apêndice II - Inquérito por questionário aplicado aos participantes na atividade “Visitas Guiadas aos Cemitérios Prado do Repouso e Agramonte”	107
Apêndice III - Informação sobre todos cemitérios do Porto	114
Apêndice IV -Turismo Negro: o caso de Portugal	125
Apêndice V - Resultados dos inquéritos por questionário	130

Índice de Tabelas

Tabela 1- Potencialidades e Fraquezas	73
Tabela 2- Oportunidades e Ameaças	74
Tabela 3- Locais de Descanso Eternos e o Património Mundial - 1º Dia	75
Tabela 4- Locais de Descanso Eternos e o Património Mundial - 2º Dia	76
Tabela 5- Porto Romântico	77
Tabela 6- Noite Negra	77
Tabela 7- Recursos Necessários	78
Tabela 8- Cemitérios não incluídos no segmento principal da Rota	124
Tabela 9- Caracterização dos inqueridos segundo a idade	131
Tabela 10- Dados demográficos de quem foi à visita guiada aos Cemitérios Agramonte e Prado de Repouso	131
Tabela 11- Dados demográficos de quem foi à visita guiada ao Cemitério Prado de Repouso	132
Tabela 12- Dados demográficos de quem foi à visita guiada ao Cemitério de Agramonte	132
Tabela 13- Caracterização dos inqueridos segundo a ocupação profissional	132
Tabela 14- Caracterização dos inqueridos segundo o concelho onde reside	133
Tabela 15- Caracterização dos inqueridos segundo as habilitações literárias	133
Tabela 16- Caracterização dos inqueridos segundo o estado civil	133
Tabela 17- Qual(ais) da(s) visita(s) guiada(s) assistiu	134
Tabela 18- Motivo(s) de não ter assistido à outra visita guiada	134
Tabela 19- Quais das visitas guiadas gostou mais	134
Tabela 20- Como obteve conhecimento	134
Tabela 21- Com quem assistiu	135
Tabela 22- Teve que pernoitar fora da área de residência para assistir a esta atividade	135
Tabela 23- Já tinha assistido às edições anteriores das “Visitas Guiadas aos Cemitérios Prado de Repouso e Agramonte”	135
Tabela 24- Já conhecia o cemitério anteriormente	135
Tabela 25- Em que âmbito já conhecia o cemitério	136
Tabela 26- Estaria disposto(a) a pagar pela atividade	136
Tabela 27- Até quanto estaria disposto a pagar	136
Tabela 28- Qual(ais) dos cemitérios do Porto já frequentou	137
Tabela 29- Em que âmbito conhece os cemitérios	137
Tabela 30- Quais dos cemitérios portugueses já frequentou	138
Tabela 31- Conhece/ ouviu falar na Rota Europeia dos Cemitérios mais significativos	138
Tabela 32- Qual(ais) dos cemitérios portugueses acha que estão inseridos na Rota Europeia dos Cemitérios mais Significativos	139
Tabela 33- Conhece pessoalmente algum cemitério internacional	139
Tabela 34- Motivos para visitar os cemitérios	139
Tabela 35- Locais/Eventos relacionados com a morte	140
Tabela 36- Motivos para frequentar espaços/eventos relacionados com a morte	141
Tabela 37- Classificação do tipo de turismo	141
Tabela 38- Como dinamizaria o cemitério com características “especiais”	142

Índice de Figuras

Figura 1- Espetro do Turismo Negro	28
Figura 2 - Rede Europeia dos Cemitérios Significativos	41
Figura 3 - Localização dos Cemitérios	72
Figura 4 - Planta do Cemitério de Agramonte	116
Figura 5 - Planta do Cemitério Prado do Repouso	118
Figura 6 - Planta do Cemitério da Lapa	122

Introdução

1. Justificação da escolha do tema

*"O fantástico não está fora do real, mas no sítio do real
que de tão visível não se vê."*

(Vergílio Ferreira citado por Fidalgo, 2012:15)

Concebidos como espaços de enterramento, os cemitérios, em particular o cemitério oitocentista, deve ser entendido como lugar por excelência de reprodução simbólica do universo sociocultural, um lugar de memória e recordação, não da pessoa que se encontra aí sepultada mas da pessoa em vida. Por isso, a expressão de Vergílio Ferreira enuncia, o material (real) que apenas é um símbolo do que não se vê (do imaterial). Assim, numa busca incessante de fugir à morte e ao que ela representa, os familiares, os que sobrevivem com a ausência do ente-querido recorreram a estratégias de modo a que lhe sejam atenuados os seus maiores receios.

O túmulo surge assim, associado a uma série de recursos visíveis que materializam a memória, o que justifica o investimento na realização dos melhores exemplos de pedra tumular, epitáfios, estatuária, fotografia. A sua beleza e a pujança conduzem à admiração e recordação eterna por parte dos que “cá ficam”, dissimulando o que está subentendido, o lado invisível, o facto da pessoa que recordam já ter falecido.

Assim, surgem no século XIX, os primeiros cemitérios do período Romântico que “foram concebidos precisamente para serem visitados e admirados pelas obras de arte neles contidas, obras essas que eram muitas vezes representativas do que de melhor se fazia na época (Queiroz, 2009:1).”

Com o fim deste período, o cemitério urbano enquanto espaço de passeio entra em desuso conduzindo ao seu desinteresse e deterioração dos espaços. Só a partir da segunda metade do século XX, mais concretamente a partir dos anos 60 é que renasce o interesse pelos cemitérios aliados às noções de herança cultural e património. Contudo é na década 90 que desperta o interesse pelos cemitérios numa vertente turística, tendência que foi aumentado e que se prevê que vá aumentar a médio prazo (Queiroz, 2009:1).

No entanto, em Portugal apesar de certos cemitérios poderem ser equiparados a nível artístico a alguns dos mais significativos mundiais, o turismo cemiterial ainda não

está bem estruturado e explorado, quando se prevê, a acreditar em experiências noutros países, ser uma mais-valia a nível económico, patrimonial, etc. (QUEIROZ,2011).

Assim, torna-se fulcral perceber quais são os motivos que levam um turista a visitar um cemitério, o que pretendem conhecer, qual o seu perfil, sobretudo procurando perceber o binómio turismo e cemitérios, ou seja, se esta associação traz vantagens ou desvantagens mútuas. Sobretudo se tivermos em consideração o valor patrimonial, arquitetónico e artístico, em que medida o turismo estimula a valorização do cemitério e de que forma o valoriza, ou como é que esse património é fator de atratividade.

2. Objetivos do trabalho

O presente trabalho tem como objetivo geral uma reflexão contextualizada acerca do turismo cemiterial que terá como palco de observação a cidade do Porto e alguns espaços cemiteriais: cemitérios de Agramonte, Britânico, Lapa, Prado do Repouso e o Catacumbal de S. Francisco. Esta relação teórica e prática culmina na realização de uma proposta relativa à definição de uma Rota dos Cemitérios da cidade do Porto, que englobe diversos itinerários. Assim, pretendemos identificar e valorizar os cemitérios passíveis de serem atrações turísticas, integrando-os numa proposta que vise a sua dinamização. Para que tal seja possível iremos analisar vários exemplos de estratégias adotadas noutros cemitérios internacionais; averiguar a situação de Portugal perante este tipo de turismo; identificar os motivos da procura pelo turismo cemiterial e caracterizar o seu público-alvo.

3. Fontes e Metodologia do trabalho

Para que o objetivo deste trabalho, ou seja, a proposta da criação de uma Rota dos Cemitérios do Porto, seja concretizável é necessário antes de mais, fazermos um estudo sobre o que pretendemos valorizar. Neste sentido, a metodologia consistirá na pesquisa documental e no trabalho de campo.

Relativamente à pesquisa documental, serão reunidas informações secundárias a partir de monografias, artigos científicos, documentários e dissertações, permitindo caracterizar o objeto de estudo bem como identificar as estratégias utilizadas a nível nacional ou internacional. Os sítios eletrónicos também serão uma fonte de informação, para a concretização da fundamentação teórica.

Como fontes primárias recorreremos a estatísticas, inquéritos por entrevista às pessoas que solicitaram as visitas guiadas, inquéritos por questionário via *e-mail* às pessoas responsáveis por cada um dos cemitérios e aos participantes nas mesmas visitas guiadas (que seguem nos apêndices I e II). Este tipo de fontes vai-nos ajudar a compreender que ponto da situação em que os cemitérios se encontram relativamente ao turismo e identificar o perfil dos participantes bem como os seus motivos.

Para que a parte empírica seja concretizável, além das fontes primárias, será necessário o trabalho de campo que será fulcral para recolher informações *in loco* dos cemitérios em estudo e assim conhecer as suas características, bem como identificar os seus aspetos positivos ou menos positivos, que uma pesquisa bibliográfica por mais que esteja completa não substitui o conhecimento do espaço em questão.

O primeiro passo a dar foi o de delimitar a pesquisa e justificá-la. Neste sentido, foi necessário localizar os cemitérios no ativo: municipais: Cemitério de Agramonte e Prado de Repouso; particulares: Bonfim, Britânico e Lapa; paroquiais: Aldoar, Campanhã, Foz do Douro, Lordelo do Ouro, Nevogilde, Paranhos e Ramalde (ver apêndice III).

A seleção fez-se de acordo com critérios de espessura temporal e qualidade patrimonial expressos pela historiografia disponível e atualizada. Segundo Gonçalves Sousa et. al. (2009:156) os cemitérios portuenses que se destacam são o Prado do Repouso, o de Agramonte e o da Lapa devido à sua importância a nível arquitetónico, a diversidade de tipologias de jazigos, passíveis de serem classificados como possuidores de um rico património cemiterial¹.

No caso particular do Cemitério da Lapa, Queiroz (citado por Almeida, s/d: 11) considera-o como sendo: “ o mais importante do norte de Portugal e, talvez, o mais interessante do país, uma vez que gerou uma área estilística muito particular e regionalista, afastada da conceção mais internacional dos cemitérios sob a influência dos Prazeres e Alto de São João. De todos os cemitérios do Porto, o Cemitério da Lapa é o mais elitista e precoce na construção de formas arquitetónicas modernas. O

¹ Note-se que os cemitérios municipais já constavam num guia de viagem de 1877, da autoria de Alberto Pimentel (1877, 159-160) em que este destaca o Prado do Repouso pela: “(...)sumptuosidade dos seus monumentos fúnebres, tem a melancolia por vezes opressora dos cemitérios antigos, não só pela sua vastidão, como pela aglomeração de sepulturas, como finalmente pela escolha e disposição de suas árvores.” (Almeida, s/d: 6).

Cemitério da Lapa é uma verdadeira galeria de ilustres, materializada nos fabulosos monumentos que possui.”

Relativamente ao Cemitério Britânico, além de ter sido o primeiro da cidade do Porto, como se trata de um cemitério protestante, possui características distintivas, pois é visualmente diferente, daí o interesse em ser estudado e comparado com os restantes, tanto mais que define uma comunidade eminentemente britânica.

No caso do Cemitério Catacumbal da Igreja Monumento de S. Francisco, destinava-se apenas aos seus irmãos e benfeitores e, ao contrário das inumações da época que se faziam no chão da igreja, este foi instalado por debaixo da Casa do Despacho da Ordem Terceira de São Francisco em cripta, que o torna bastante curioso e interessante apesar de se encontrar hoje em dia desativado para efeitos de inumações. (Almeida, s/d: 14).

Em termos de fontes, o primeiro contacto, para além das leituras exploratórias, foi o de percorrer as visitas guiadas, preparadas por guias locais. Para completar o que observamos no trabalho de campo os inquéritos, por entrevista e por *e-mail*, às pessoas responsáveis por cada um dos cemitérios foi fundamental. No caso do Cemitério Britânico: Dr. Terry Weineck, outrora presidente do Oporto Cricket and Lawn Tennis Club, entre 1996 e 2007. No Cemitério Catacumbal de S. Francisco, Dra. Analdina Sousa Rocha (representante do Dr. Domingos Rocha, responsável pelo Museu da Ordem de S. Francisco). No da Lapa, a Dra. Jacqueline Leal Ribeiro, Secretária da Mesa da Assembleia Geral da Venerável Irmandade da Nossa Senhora da Lapa e nos Cemitérios Municipais: Eng^a. Arnaldina Riesenberger, representante da Divisão de Higiene Pública da Câmara Municipal do Porto. Para completar o que observamos no trabalho de campo os inquéritos, por entrevista e por *e-mail*, às pessoas responsáveis por cada um dos cemitérios foi fundamental.

Por outro lado, realizaram-se questionários em situações específicas, para alguns cemitérios. Ao contrário dos cemitérios da Lapa e Britânico, que foram realizados unicamente aos professores responsáveis pela organização da visita, noutros casos justificava-se outro tipo de recolha de dados. Neste sentido, optámos por falar com as pessoas explicando-lhes o objetivo da abordagem e solicitámos que nos concedesse o seu contacto telefónico ou correio eletrónico para depois enviarmos um questionário

sobre as visitas guiadas². Os inquiridos procuravam a caracterização pessoal e uma apreciação da visita realizada (ver apêndice II).

4. Estrutura da dissertação

Para que o objetivo desta dissertação seja concretizável de modo coerente, torna-se imprescindível abordar determinados temas, de modo a contextualizar o que conduziu a que os cemitérios pudessem ser alvo de interesse por parte do turismo. As conceções teóricas à volta da morte, do seu sentido na longa duração é uma abordagem incontornável, de modo a entenderem-se as marcas inscritas nas pedras cemiteriais. Além do mais, do ponto de vista do turismo, os conceitos fazem parte de uma abordagem concetual, tanto mais que animam debates atuais acerca da ambivalência das relações entre o homem, a morte e a morte/cemitério como recurso turístico. A aplicação empírica destes conceitos é um exercício que se realizará em torno dos cemitérios do Porto (alguns, por critérios que se justificarão) a serem usados como recurso turístico, segundo uma análise que encontra viabilidade aplicada, feita uma análise SWOT, no contexto dos nichos de turismo.

Neste sentido, o presente estudo estará dividido em cinco capítulos. Sendo que o no primeiro será feito uma abordagem sobre a evolução das atitudes para com a morte, no mundo ocidental desde a época medieval até à contemporaneidade, de modo a percebermos o que leva a que hoje em dia, a ideia de finitude da vida seja de tal forma temida, que conduz à indiferença ou a ignorá-la, mas ao mesmo tempo é objeto de uma necessidade incessante de ter acesso a ela, a uma aproximação.

No segundo capítulo será abordado o conceito de turismo negro, integrando-o numa visão mais alargada, recuando à sua origem, explicando os motivos do seu surgimento, em que contornos existe, explicando os sete tipos de turismo negro, passíveis de serem alvo de procura turística, e o porquê de se recorrer a este tipo de turismo, quando existem outras hipóteses menos marginais. Partindo do geral para o particular, iremos debruçar-nos sobre um dos tipos de turismo negro, o turismo

² Na visita ao Cemitério do Prado do Repouso estiveram presentes cerca de 100 a 120 pessoas, que acabaram por dispersar no final, tendo sido possível recolher 15 contactos de *e-mails* (oito do sexo feminino e sete do sexo masculino), Já a visita ao Cemitério de Agramonte, num universo de cerca de 42 participantes, recolhemos 17 *e-mails* e um contacto telefónico. Destes 18 contactos, 10 são do sexo feminino e oito do sexo masculino.

cemiterial, definindo o conceito, explicando o porquê dos cemitérios serem locais com características tão especiais que levam a ser objeto de interesse por pessoas de todo o mundo, especificando os motivos. Além disto, serão dados exemplos de cemitérios mais importantes do mundo, e o que fizeram ou têm feito para serem reconhecidos, pelo que se referenciará o caso de Lisboa.

No terceiro capítulo, a cidade do Porto será caracterizada a nível turístico de forma a permitir-nos enquadrar os cemitérios como objeto de estudo, numa cidade que é Património Mundial. Assim, no capítulo seguinte os cemitérios Prado do Repouso, Agramonte, Britânico, Lapa e o Catacumbal de S. Francisco serão percorridos (porque se acompanhou mesmo tais percursos) avaliando o comportamento que têm vindo a adotar para responderem ao turismo. Neste sentido, apresentam-se as posturas dos representantes de cada um dos cemitérios, bem como do perfil dos participantes presentes nas visitas guiadas.

Por último, após este enquadramento teórico e prático, aglutinaremos todas as informações de modo a sugerir a criação da Rota dos Cemitérios do Porto, analisando a sua potencialidade enquanto produto turístico, sugerindo quatro itinerários possíveis de serem realizados de modo a dinamizar os cemitérios em questão.

1. A sociedade e a morte

O património construído, que hoje se reflete nos cemitérios, não se entenderá, de modo algum, sem um percurso que desmonte, em particular do século XVIII para o XIX, a criação de cemitérios públicos ou privados ao ar livre. A sacralização da morte, a relação entre vivos e mortos tem a sua cristalização no símbolo, seja campa rasa, seja capela. Por isso o périplo que aqui se realiza tem sentido. Um dos aspetos que apurámos, fruto do acompanhamento das visitas organizadas a alguns cemitérios foi o conjunto de perguntas colocadas pelos turistas e a tentativa de desenvolver um discurso objetivo acerca da morte, limitada à materialidade das pedras. Contudo, dado que os cemitérios que selecionamos remontam ao século XV, será necessário transmitir a ideia de evolução do sentido da morte, e da procura de dar monumentalidade à morte. Cada visita merece ser um encontro com a história e o passado.

1.1 Como se foi vivendo com a morte: da morte domesticada à morte interdita

As páginas seguintes justificam-se, porque acompanham, cronologicamente, a evolução dos sentidos da morte, na longa duração. Na verdade, pelo facto de incluirmos um cemitério que remonta aos finais da Idade Média (o de S. Francisco), exige a perceção da morte expectável à morte que se quer adiar, ignorando-a, proibindo que dela se fale.

1.1.1. A morte domesticada e a morte de si próprio

Na Baixa Idade Média, é possível identificar-se uma gradual evolução do que era percecionado como sendo a morte, passando a atribuir um “sentido dramático e pessoal à familiaridade tradicional do homem e da morte (Ariès,2010:33)”. Esta familiaridade tradicional com a morte advém de uma conceção coletiva do destino pois era considerada como algo ligado à natureza e perfeitamente expectável, logo inteiramente aceite.

Philippe Ariès (2010: 20), historiador francês incontornável numa leitura da morte na longa duração, faz referência ao modo como se morria a partir do século X, sobretudo quando não era uma morte catastrófica (peste ou morte súbita).

O moribundo estando recolhido no leito, no caso dos cristãos, com a cabeça voltada para o céu, no caso dos judeus, virada para a parede, pressente que o seu fim está próximo e inicia um ritual de revisão da sua vida perante o Juízo Final, cumprindo as seguintes etapas: lamentação sobre a vida, onde se evoca as pessoas e as coisas amadas; pedido de perdão aos companheiros e assistentes que estão em grande número; pensar em Deus, admitindo culpas e interceder a salvação da sua alma; absolvição por parte do padre, onde incensava o corpo e o aspergia com água benta (Ariès, 2010: 23- 24).

A morte é uma cerimónia organizada, ritualizada, e pública.

A partir dos séculos XI-XII, surge a introdução da individualização desta atitude para com a morte, representada na iconografia do Juízo Final. Se, nos primeiros séculos do Cristianismo, a ressurreição dos mortos surgia no fim dos tempos, onde os que pertenciam à Igreja, se entregavam o seu corpo aos santos, seriam salvos, indo para o Paraíso, tal significa que não havia lugar para individualismos ou para avaliações de boas e más ações.

Já não acontece o mesmo no século XIII, em que o Juízo Final surge como um tribunal de justiça, onde Cristo, sentado no trono do juiz, na pesagem das almas, anuncia o último dia do mundo no final dos tempos. “Cada homem é julgado pelo balanço da sua vida, as boas e as más ações são escrupulosamente separadas nos dois pratos da balança (Ariès, 2010: 35)”.

No século XV, o Juízo Final passa a ter lugar no quarto do moribundo, rodeado dos familiares e amigos, que estão alheios ao que se passa realmente. É neste momento que acontece a última oportunidade: o indivíduo, após rever toda a sua vida, como se de um livro se tratasse, será avaliado pela sua atitude no momento final, e se repelir a tentação ser-lhe-ão anulados todos os pecados (Ariès, 2010: 37). Dá-se assim ao julgamento individual de cada vida, atribuindo um carácter dramático e emocional a este momento da cerimónia da sua própria morte.

Outra mudança significativa foi o surgir (embora pouco frequente) do cadáver semidecomposto, com traços de múmia, na arte e na literatura do século XIV ao século XVI. Já no século XVII a representação expande-se para todos túmulos e até mesmo no interior das casas (chaminés e móveis) mas dá lugar ao esqueleto ou os ossos, ou seja, a

morte secca. A nível da poesia do século XV ao século XVI, o horror da morte física e da decomposição são temas bastantes comuns. Por um lado, a morte física representa a decomposição do corpo ainda em vida, enquanto doente ou com idade avançada, em que os próprios vermes o consomem. Por outro, a decomposição representa o lado mais macabro, ou seja a ruína do homem, o sentimento de que a sua vida fora um fracasso e que acaba por ser um morto adiado onde a morte sempre presente dentro de si destruiu as suas ambições, daí a enorme paixão pela vida, que será curta (Ariès, 2010:41).

“Durante a segunda metade da Idade Média, do século XII ao século XV, deu-se uma aproximação entre três categorias de representações mentais: as da morte, as do reconhecimento por parte de cada indivíduo de sua própria biografia e as do apego apaixonado às coisas e aos seres possuídos durante a vida. A morte tornou-se um lugar em que o homem melhor tomou consciência de si mesmo (Ariès, 2010:41)”.

A última mudança é observável a nível das sepulturas nas igrejas, porque outrora coletivas vão dando lugar paulatinamente às individuais³.

O século XII marca o revirar desta situação: começa-se a colocar inscrições funerárias e efígies nas sepulturas de santos e pessoas ilustres, alargando-se no século XVIII aos túmulos das pessoas menos abastadas (artesãos, por exemplo). O ser humano, cada vez mais consciente da sua individualidade, perpetua, assim, a lembrança de si próprio para a posterioridade, ou seja, “ele descobriu a morte de si próprio (Ariès, 2010: 45)”.

1.1.2. A morte do outro

A nível artístico e literário, a partir do final dos séculos XV ao XVIII a temática da morte vem associada ao amor, Tânato e Eros, atribuindo assim um cariz erótico. A título de exemplo, no século XVI temos os quadros de Hans Baldung Grien “O Cavaleiro, a Noiva e a Morte” ou “A Morte e a Jovem” ou dois séculos depois a literatura negra fala de uma bela morta que é velada por um jovem monge.

A morte é assim equiparada ao ato sexual, como se de uma transgressão se tratasse, onde dá-se a rutura da vida quotidiana, para a pessoa entrar num mundo irracional. Ela torna-se assustadora e angustiante, ao contrário dos séculos anteriores, que existia uma

³ Na Roma antiga, são inúmeras as inscrições funerárias, o que significa que toda gente, nomeadamente alguns escravos, possuíam a própria sepultura assinalada por uma inscrição, como forma de preservar a memória do defunto. No entanto, no século V, a identificação da sepultura torna-se cada vez mais rara e aquando as sepulturas *ad sanctos*, este hábito perde-se, pois o corpo era entregue à Igreja.

familiaridade com a morte e os mortos, ela deixa de ser então domesticada. Assim, como forma de atenuar, o erotismo dá lugar à Beleza, o desejável dá lugar ao admirável, a morte torna-se romântica.

Ainda morrendo no leito, o enfermo outrora aguardava o seu fim, respeitando todo o cerimonial estipulado, de forma passiva. Agora, no século XIX este e os seus familiares e amigos são agora tomados por uma dor apaixonada: choram, rezam, gesticulam, exprimem exteriormente o que sentem. A “expressão de dor dos sobreviventes é devida a uma intolerância nova em relação à separação (Ariès, 2010:49)”.

A relação do moribundo com a família também altera-se. Entre os séculos XIII e XVIII, o testamento surgia como solução para se expor os pensamentos e afetos, as decisões a serem tomadas para garantir a salvação da sua alma. Na segunda metade do século XVIII, o testamento é completamente laicizado e torna-se meramente o veículo para definir a distribuição da herança. É no leito da morte, que o doente manifesta-se oralmente os seus desejos, confiando nos parentes, situação que não acontecia até agora.

Se desde o século XII, o luto iniciava-se com a confirmação do óbito e “traduzia-se por um vestuário e um conjunto de hábitos, durante um certo tempo também, fixados com precisão pelo costume (Ariès, 2010: 53)”, o século XIX marca o revirar deste tipo de comportamento pois o luto é manifestado de forma exagerada, o que é hoje em dia considerado de histerismo. As pessoas da Alta Idade Média choram, perdem os sentidos, jejuam e desfalecem.

“Este exagero do luto no século XIX é rico de significado. Quer dizer que os sobreviventes aceitam a morte do próximo mais dificilmente do que noutros tempos. A morte temida não é, por conseguinte, a morte de si mesmo, mas a morte do próximo, *a morte do outro* (Ariès, 2010:53)”.

Surge assim, uma nova atitude comportamental que originou o culto moderno dos túmulos e dos cemitérios.

A tradição de sepultar nas igrejas e nos seus pequenos pátios já vem desde o início da Idade Média, onde competia à Igreja, a responsabilidade de zelar pelos corpos, que estavam entregues ao abandono pois não era identificada a sua localização exata. No entanto, nos anos 60 do século XVIII, o acumular de corpos de quase um milénio

suscitaram diversas advertências devido ao perigo para a saúde pública e constituíam uma violação da dignidade das pessoas falecidas.

“Os mortos não deviam continuar a envenenar os vivos e os vivos deviam testemunhar os mortos, através de um verdadeiro culto laico, a sua veneração. Os seus túmulos tornavam-se os sinais da sua presença para além da morte (Ariès, 2010: 55)”.

A sociedade não aceitava o desaparecimento dos entes queridos, chegando ao ponto de conservar em grandes globos de álcool, para quem quisesse ver⁴, ou enterrá-los na propriedade da família ou visitá-los nos cemitérios públicos. Mas esta última opção exigia que se soubesse o lugar exato onde o corpo fora inumado, o que implicava que estivesse na própria propriedade. Assim, as sepulturas adquirem as características de uma propriedade que permitirá ao defunto e à sua família um lugar perpétuo. “Vai-se então visitar o túmulo de um ente-querido como se vai a casa de um familiar ou a uma casa própria, cheia de recordações (Ariès, 2010:55)”.

Esta mudança de atitude para com a morte do outro, tanto era visível em cristãos como em anticlericais ou agnósticos. Podia-se não frequentar a igreja mas frequentava-se o cemitério. Nos projetos dos cemitérios oitocentistas pretendia-se que estes fossem parques para a visita familiar e museus de homens ilustres. Os grandes heróis seriam aqui venerados pelo Estado, num lugar considerado a imagem e lugar fundamental numa cidade: o cemitério.

No entanto, apesar do culto dos cemitérios ser uma atitude adotada pela civilização ocidental, a sua representatividade em grandes monumentos é mais significativa nos países do Sul da Europa tais como França, Alemanha, Itália, Espanha e Portugal, devido ao peso do catolicismo em oposição ao protestantismo, como a Inglaterra e os Estados Unidos da América.

1.1.3. A Morte Interdita

A Morte Interdita marca a última fase da sociedade para com a morte e é visível nos dias de hoje. A origem remonta à segunda metade do século XIX quando as pessoas que rodeavam o moribundo começaram a omitir a gravidade do seu estado de saúde,

⁴ Por exemplo Necker e a sua esposa, pais da romancista Anne-Louise Germaine Necker, baronesa de Staël-Holstein.

para o poupar. Esta atitude prende-se com o que anteriormente foi referido: a não-aceitação da morte do ente-querido. Mas agora, o esconder ao doente o facto de o seu fim estar para breve serve como subterfúgio para que a família e a sociedade não se sintam incomodadas e não manifestem emoções exacerbadas. Permite assim que a morte não seja demasiado visível e perturbe a felicidade, ou a suposta felicidade dos que permanecem vivos.

Esta atitude para com a morte conhece uma nova evolução nos anos 30 a 50 do século XX, quando o doente deixa de morrer no leito do seu quarto, junto da família ou amigos e passa a morrer no hospital e só. O hospital funciona como recurso para que se tenha acesso aos cuidados necessários não disponíveis na habitação, até estar-se curado ou até falecer. A morte outrora lenta o suficiente apenas para o moribundo despedir-se dos mais próximos, agora dá-se por pequenas etapas. É a equipa hospitalar que declara o óbito aquando a paragem definitiva dos sentidos, estando muitas das vezes o moribundo inconsciente há já algum tempo. Dá-se assim a medicalização da morte, em que a morte deixa de acontecer naturalmente e passa a ser alvo de decisão médica⁵.

“Todas estas pequenas mortes silenciosas substituíram e anularam a grande ação dramática da morte, e já ninguém tem força ou a paciência de esperar durante semanas um momento que perdeu uma parte do seu sentido (Ariès, 2010:63)”.

Outra mudança é visível nos ritos funerários, porque a inumação quer-se o mais rápido possível, de modo a que a sociedade não se aperceba da existência de uma morte. Assim, já não se dão condolências à família, no final do enterramento, e a manifestação do luto é indesejável. “Um desgosto demasiado visível não inspira piedade mas repugnância; é um sintoma de desarranjo mental ou de má educação, é *mórbido* (Ariès, 2010: 64)”.

No entanto, é interessante constatar a inversão de sentimentos. Enquanto no Romantismo, o luto queria-se dramático, em que se chorava, gritava, desfalecia mas os viúvos rapidamente voltavam a casar-se, agora, as pessoas enlutadas como que têm que

⁵ Como exemplo, temos o caso de Sandro Milton Vieira Angélico, mais conhecido por “Angélico Vieira”. Angélico foi um conceituado cantor e ator português, de 28 anos que teve um acidente de carro na madrugada de 25 de junho de 2011. Devido à gravidade das lesões foi ligado ao sistema de suporte de vida na Unidade de Cuidados Intensivos do Hospital de Sto. António. No entanto, o Jornal de Notícias apurou que desde que tivera o acidente, encontrava-se em morte cerebral. Mas a equipa médica só procedeu à declaração do óbito, no final do dia 28 de junho. Este adiar, deveu-se ao facto de o pai só ter regressado de Angola na véspera para se despedir do filho e questões burocráticas relacionadas com a autorização familiar para a remoção de órgãos (JN, 2011 a/b).

sofrer em silêncio o que contribui para que “a mortalidade dos viúvos e viúvas no ano seguinte à morte do cônjuge [seja] muito mais frequente do que a amostra relativa à aquela época [Romantismo] (Ariès, 2010:64)”. Para Ariès (2010:64) o “recalcamento do desgosto, a interdição da sua manifestação pública, a obrigação de sofrer só e às escondidas, agravam o traumatismo devido à perda de um ente-querido”.

Sobre esta interdição, o sociólogo inglês Geoffrey Gorer, publicou o artigo “The Pornography of Death”, em 1955, em que equipara o luto ao sexo. Gorer dá assim o exemplo das crianças: se antes eras-lhe transmitido que “vinham de Paris”, mas estavam presentes no quarto do moribundo enquanto este esperava pelo fim, o século XX marca a substituição do tabu do sexo pelo da morte. Nos dias de hoje, as nossas crianças têm acesso à informação sobre a sexualidade mas é-lhes vedado o direito de se despedirem dos familiares. Ao reparem a sua ausência, os adultos transmitem que “está num sítio melhor” ou que é uma “estrelinha no céu”, entre outros (Ariès, 2010: 65). J. Fourcassié (citado por Ariès 2010:177) adverte assim que os jovens da atualidade podem tornar-se adultos sem nunca terem visto ninguém morrer.

Ariès (2010: 177) explica esta mudança com o fenómeno de hedonismo moderno: a sociedade ocidental pretende atingir o expoente máximo de felicidade, logo as pessoas têm que ser felizes ou aparentarem o ser e evitar o que possa causar tristeza ou aborrecimento, o que a morte efetivamente provoca. Este ideal de felicidade ao ser interdita a morte, remonta ao início do século XX nos Estados Unidos. Em 1900, surge o embalsamento na Califórnia, técnica hoje em dia ainda utilizada, que permite não evitar a putrefação dos corpos mas atribui-lhes um aspeto agradável. Uma vez mais, vemos a recusa de admitir a existência da morte, tornando-se uma fonte de comércio e lucro, para os profissionais.

“Não se vende bem o que não tem valor por demasiado familiar ou comum, nem o que provoca medo, horror ou pena, para vender a morte é preciso torná-la desejável (...) (Ariès, 2010:65) ”.

Então se a sociedade exige o desaparecimento da morte da vida quotidiana, seria expectável que o culto dos mortos também desaparecesse. Efetivamente é visível em certos países como Inglaterra em que a incineração surge como solução e está bem enraizada pois permite mais rapidamente “esquecer” a pessoa falecida e voltar à

normalidade. Noutros países, como França e Estados Unidos, apesar de a incineração estar a difundir-se consideravelmente, ainda coexiste o culto dos mortos.

“A mesma pessoa que terá vergonha de falar da morte ou de um morto demasiado recente irá ao cemitério sem complexos depor flores nos túmulos dos parentes e tomará as suas disposições para adquirir um jazigo sólido, estanque, onde os seus herdeiros afixarão o seu retrato esmaltado e indelével (Ariès, 2010:160)”.

Esta atitude para com a morte, onde são suprimidas as emoções, é apoiada pela indústria funerária que tem um carácter moral e social. Os funerais floridos permitem que a tristeza dê lugar à serenidade, suavizando assim o desgosto dos enlutados. Os cemitérios e jardins são tratados para permitirem o bem-estar dos vivos (Ariès, 2010:189).

No entanto, os psicólogos e sociólogos referem uma redescoberta da morte na contemporaneidade. Esta mudança é visível junto dos meios de comunicação que frequentemente referenciam lançamentos de livros, curiosidades, eventos, ... relacionados com a morte. Para Ariès (2010:163) isto demonstra que o público começa a interessar-se pela morte mas ainda como se “tratasse de uma coisa proibida e um tanto obscena”.

Devemos ter em consideração que o livro de que mencionamos foi impresso pela primeira vez em 1975, ou seja, cerca de 40 anos separa a sociedade contemporânea de Ariès, da contemporânea aquando a realização deste trabalho. No entanto, apesar desta distância temporal, não foi o suficiente para se traduzir em mudanças significativas. Assim, hoje em dia, tal como há quatro décadas atrás vemos que as diferenças que o autor salientou relativamente ao período anterior ao século XX, sendo elas: a interdição da morte implicando a extinção do luto e a sua medicalização, em que se vai para os hospitais morrer sozinho, permitindo à sociedade continuar a sua vida normal e “feliz”.

Relativamente ao imperativo da felicidade constata-se um facto interessante: já não chega os livros de autoajuda para que as pessoas sintam-se bem com elas próprias, como agora vemos o despoletar uma espécie de autoajuda relacionada com a morte, ou seja, os livros baseados em histórias reais que tiveram um final feliz, de forma a transmitirem uma mensagem positiva⁶.

⁶ Os exemplos são inúmeros dos quais destacaremos alguns: “Jade Para Sempre no Coração” de Jade Goody (2009); “A Lista da Nossa Mãe”, de St. John Greene (2012); “Desistir não é Opção!”, de Paulo Sousa Costa (2012); “Também há Finais Felizes”, de Fernanda Serrano (2013).

Para além da literatura, o tema da morte encontra-se presente noutras áreas artísticas nomeadamente: a televisão, cinema, fotografia, música, pintura, escultura, arquitetura, entre outros.

Parece então, que o visitante de um cemitério foi-se despojando de sentimentos, de emoções, como que um cenário exterior a si próprio, um distanciamento que permite observar, simplesmente e avaliar os valores artísticos.

2. Do Turismo Negro ao Turismo cemiterial

Poder-se-á falar de turismo em torno da morte? Se a reflexão anterior nos permitiu analisar uma certa evolução da morte expectável para a indesejável, as páginas seguintes focam-se sobre manifestações de observação da morte nas suas diferentes formas, sabendo que existe alguém que colhe alguma satisfação nessa atitude. A morte assume, mais uma vez, cenas públicas, espaços públicos. O objetivo é procurar entender se o turismo cemiterial tem alguma relação como turismo negro e as suas multiformes.

2.1. Turismo Negro

Poderemos considerar que as peregrinações dirigidas a locais relacionados com a morte (alguma figura santa ou beata), são passíveis de se considerar uma forma de turismo (Stone, 2012: 1567). O que motivava aquelas deslocações deveria ser muito diferente do que levava muitos a assistirem aos jogos dos gladiadores romanos, onde a morte e o sofrimento faziam parte. Por isso, estes seriam os primeiros exemplos do Turismo Negro, tornando o Coliseu Romano umas das primeiras atrações turísticas “negras”. Outro exemplo são as execuções públicas do período medieval até ao século XIX, considerados espetáculos públicos, sendo que até o Tyburn de Londres possuía arquibancadas para oferecer uma melhor vista sobre o condenado (Stone, 2012: 1567).

Este interesse pela morte do outro levou a que se organizassem até deslocações coletivas, como o caso da excursão ferroviária em Cornwall, em 1838, para se assistir ao enforcamento de dois assassinos condenados (Stone, 2006: 147). No entanto, ao longo do tempo os contextos socioculturais, deste tipo de viagens associadas à morte mudaram (Stone, 2012: 1567).

O Turismo Negro tem sido palco de um crescente interesse, tendo começado a ser alvo de consideração académica, nos anos 90, aquando da publicação de um editorial de Malcolm Foley e John Lennon para o *International Journal of Heritage Studies* em 1996 e tornado popular em 2000 no livro “*Dark Tourism: The Attraction of Death and Disaster*” (Stone, 2011: 319).

É nesta década que surgiram diversas hipóteses para relacionarem o interesse e o ato de viajar para locais ou atrações associadas com a morte. Neste sentido surgem os

termos “Locais Negros” (Rojek, 1993), “Tanaturismo” (Seaton, 1996), “Turismo Mórbido” (Blom, 2000), entre outros (Stone, 2006:148).

Assim, para Rojek (1993) (citado por Stone, 2006:148), existem “Locais Negros” no turismo, que surgiam do comércio dos locais de sepultamento ou então eram os locais onde se dera a morte de celebridades ou de um elevado número de pessoas. A título de exemplo salienta os casos de James Dean, Elvis Presley ou John Kennedy, cujos aniversários da morte são alvos de espetáculos pós-modernos (repetidas reconstruções do momento da morte) de grande interesse, em parte devido ao papel dos media.

Bloom (2000) (citado por Stone, 2006:148) define como “Turismo Mórbido” o turismo que se desenvolve a partir da morte súbita, que rapidamente é alvo de procura por parte de um elevado número de pessoas, podendo ser também as atrações artificiais relacionadas com a morbidez.

Já Seaton (1996) assume que o Tanaturismo é a "viagem a um local motivado na sua totalidade, ou parcialmente, pelo desejo de encontros reais ou simbólicos com a morte, em particular, mas não exclusivamente, a morte violenta (STONE, 2006:149).”

Para Stone (2006: 146) o Turismo Negro é “o fenómeno pelo qual as pessoas visitam, intencionalmente ou como parte de um itinerário mais amplo, a diversidade de locais, atrações e exposições que oferecem uma (re/a)apresentação de morte e sofrimento”.

Neste sentido, o turismo negro e a sua oferta depende de vários condicionantes, nomeadamente (Stone, 2006:148):

- A visita aos locais de morte e sofrimento permitem uma perceção diferente, caso se trate de uma visita espontânea ou premeditada;
- A distinção entre locais, atrações e exposições que foram criadas de propósito e que representam eventos ou atos relacionados com a morte, dos locais que surgiram “por acidente”, por ai ter acontecido a morte;
- O interesse na morte e sofrimento serve para testemunhar a morte dos outros, para se ter a sensação da morte em locais perigosos (Pelton, 2003); para saber se mais sobre a morte de pessoas conhecidas, (...);

- Os locais/experiências negras são produzidos ou fornecidos com os seguintes intuitos: políticos (como forma de lembrança para a posterioridade); educação, entretenimento ou como forma de obter lucros económicos.

Atualmente existe uma panóplia de conceitos que também se referem ao turismo relacionado com a morte, sendo elas: turismo sinistro, turismo macabro, turismo de horror, turismo de aflição,... (Monteiro et. al, 2010: 2). No entanto, por uma questão de simplificação e uniformização de conceitos, nesta dissertação abordaremos o de Turismo Negro.

2.1.1 Lado Oferta: O Espetro do Turismo Negro

Tendo em conta a diversidade de produtos/ofertas turísticas negras, tanto a nível de conceção como finalidade, o termo universal “negro” numa vertente turística implica analisar a oferta de forma a direcioná-la para uma hierarquia entre o “mais” e o “menos” negro, considerando as suas características e perceções do produto.

Neste sentido, surge um estudo em 2003, de Kempa sobre duas ex-instituições penais: a antiga prisão Alcatraz, EUA e a de Robben, na Ilha na África do Sul, um antigo complexo penal para presos políticos da era do Apartheid (onde esteve preso Nelson Mandela). Este estudo teve como objetivo debruçar-se sobre a influência externa dos órgãos políticos perante a interpretação destas instituições como produtos de recordação, comemoração e educação. Neste sentido, a prisão da Ilha Robben é percebido como um local com cariz "mais sério" do que o seu homólogo Alcatraz (Stone,2006:146).

Apesar destes produtos terem uma vertente altamente emocional e uma herança política, diversos autores entendem que o setor do património é inadequado e imoral para apresentação da morte e sofrimento humano (Hewison 1987; MacCannell 1992; Urry 1995; Walsh, 1992), conduzindo assim à problemática entre distinguir a história autêntica da inautêntica (Stone,2006:146). Neste seguimento temos o caso de Auschwitz-Birkenau, como um exemplo de conservadorismo onde os factos são retratados numa perspetiva real. Já as Galerias da Justiça, no Reino Unido, como outros locais, têm uma componente orientada para o comércio, daí a tendência para romantizar

e, portanto, aparentemente distorcem os atos negros. Mas muitas vezes acontece que são compreendidos como representações do real.

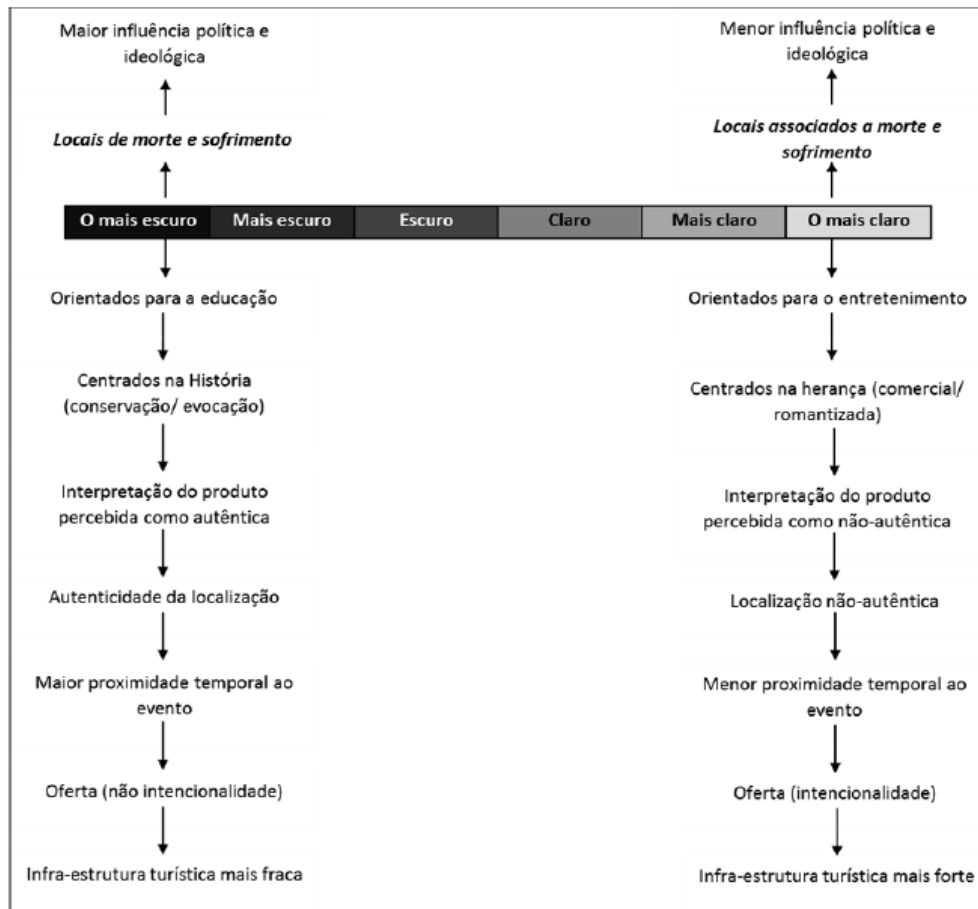
Segundo Seaton (citado por Stone, 2006:150), a percepção de um produto negro “não só é impulsionado pelos gostos dos consumidores, os quais são muitas vezes influenciadas pelos media, e por manobras comerciais de marketing, mas também é sujeito a alterações a nível do clima político e cultural.” Ou seja, certos acontecimentos (guerras, atos de terrorismo, ou queda de um regime) podem ter outro significado moral através da sua representação em filmes, novelas, memoriais (Rojek e Urry, citado por Stone, 2006: 150).

Para além desta noção de uma mudança de percepção da "escuridão" entre a oferta, Miles (2002) sugere um paradigma do turismo negro mais claro ou mais escuro. Neste sentido, os lugares associados à morte e sofrimento são diferentes dos que são de morte e sofrimento. Ou seja, um local de morte como Auschwitz-Birkenau é um produto concebível mais escuro do que o Museu do Memorial do Holocausto em Washington, EUA.

Tendo em conta que os sítios negros podem proporcionar um produto mais negro do que outro, surge a necessidade de formalizar um espetro, como o que está representado na Figura 1, para que se possa distinguir diferentes graus de intensidade dentro da oferta de Turismo Negro. O Espetro do Turismo Negro é da autoria de Stone (2006:152).

Assim, partindo da oferta do Turismo Negro mais escuro para o mais claro, os primeiros, como anteriormente referido, são onde a morte e o sofrimento ocorreram verdadeiramente. Estes locais não foram criados intencionalmente para o turismo e estão focalizados no carácter educacional e autêntica dos factos históricos. Já no lado oposto do espetro, a oferta do Turismo Negro mais claro, como são os locais associados a morte e sofrimento, foram criados propositadamente com o intuito de entretenimento, daí romantizar os factos com o intuito meramente comercial.

Figura 1- Espectro do Turismo Negro



Fonte: Coutinho, 2012: 39

2.1.1.1. Sete Categorias de Produtos de Turismo Negro

Stone propõe a divisão do Turismo Negro em sete categorias, consoante a perceção da intensidade da oferta, descrita no espectro. A oferta dos produtos negros será apresentada do mais claro para o mais escuro (Stone, 2006: 152)⁷.

1. Dark Fun Factories – Fábricas de Diversão Negras

São os “locais de visita, atrações e viagens que têm predominantemente o entretenimento como foco e uma ética comercial, e que apresentam a morte real ou ficcional e eventos macabros” (Stone, 2006: 152). Criadas de propósito para serem comercializadas, possuem uma infraestrutura previamente pensada e apresentam a

⁷ Relativamente a Portugal, ver apêndice IV

morte ou sofrimento numa perspetiva divertida, podendo ser até inautêntica. As Fábricas de Diversão Negras estão no limite mais claro do espectro.

Exemplos: Masmorras implementadas por toda Europa pela Merlin Entertainments Ltd; London Dungeon, onde apresenta exposições “amigáveis” retratando a Peste Negra ou o Jack Estripador e o Drácula Park na Roménia, que possuiu um Centro de Vampirolgia, um campo de golfe com encontros assustadores e uma praça de alimentação Medieval.

2. Dark Exhibitions – Exibições negras

São as exposições e locais que “oferecem produtos que giram em torno da morte, sofrimento ou o macabro, muitas vezes com uma mensagem comemorativa, educacional e reflexiva. (Stone, 2006: 152).” Apesar deste tipo de produtos possuírem uma ética conservacionista dos factos, possuem um interesse comercial, daí a sua infraestrutura ser direcionada para o turismo. A sua localização pode estar afastada do local onde ocorreu a morte ou o evento macabro.

Exemplos: Exposição “11 de setembro: Testemunhando a História” no Museu Smithsonian de História Americana; exposição “O Corpo Humano como nunca viu”; Catacumbas de Cappucini (Palermo, Itália), onde os monges estão mumificados e pendurados nas paredes.

3. Dark Dungeons – Masmorras Negras

São os “locais e atrações que apresentam o passado penal e códigos da justiça ao presente do consumidor, e giram em torno de (ex) prisões e tribunais (Stone, 2006: 154)”. As Masmorras Negras visam o entretenimento e a educação e embora não tenham sido construídos para o turismo negro, possuem uma infraestrutura turística boa. Ocupam o centro do espectro do turismo negro pois possuem elementos negros e claros.

Exemplos: Galerias da Justiça (Nottingham, Reino Unido): consideram ser o único “local no país onde você poderia ser preso, sentenciado e executado (Stone, 2006: 154)”. O Centro Jail Bodmin (Cornwall, Reino Unido): os visitantes são convidados a visitar as "masmorras abaixo do solo para encontrar apenas alguns dos crimes e punição dos nossos ancestrais infelizes (Bodmin Jail citado por Stone, 2006: 154)". O Old Melbourne Gaol (Austrália) possui um " ambiente arrepiante " e apresenta uma coleção de máscaras mortuárias de presos e exposições especiais relacionadas com o enforcamento. Robben Island, (Cidade do Cabo), é a prisão, onde esteve Nelson

Mandela e está ligada à luta contra o colonialismo, a luta pela liberdade, democracia e da paz na África do Sul.

4. Dark Resting Places – Locais de Descanso Negros

Locais como cemitérios ou sepulturas com potencial para o turismo negro, podendo ser um recurso para a regeneração urbana. De acordo com Stone (2006:154), o interesse pelos cemitérios está a aumentar, devido ao papel de associações, internet e das visitas orientadas. A Associação de Cemitérios Significativos da Europa (ASCE)⁸, considera que os “cemitérios são um componente integral do património cultural e os cemitérios com significado histórico ou artístico devem ser conservados (ASCE citado por Stone, 2006:154)”.

Este tipo de oferta pretende promover e conservar a arquitetura e escultura romântica e gótica, através da manutenção das lápides, túmulos e mausoléus, bem como a sustentabilidade ecológica da paisagem. Encontrando-se no centro do espectro, ao possuírem características para entretenimento, podem mover-se ao longo deste e tornarem-se uma Fábrica de Diversão Negras, o que levanta questões éticas.

Exemplos⁹: Cemitério Père-Lachaise (Paris), entre outros.

5. Dark Shrines – Santuários Negros

Santuários que comercializam o “ato da recordação e respeito pelo que faleceram recentemente (Stone,2006:155)”. São frequentemente construídos, formal ou informalmente, muito perto do local da morte e dentro de um período de tempo muito curto após ter ocorrido a mesma.

Muitas vezes, a concentração de ofertas florais (por pessoas que não têm relação direta) irá conduzir à localização do Santuário Negro, que como não são propositados para o turismo, possuem poucas infraestruturas. O interesse por este local desaparece ou decresce significativamente quando deixa de ser notícia, junto da comunicação social, o que acontece muito rapidamente.

Exemplos: Palácio de Kensington, no momento em que a princesa Diana morreu, em 1997, tornou-se um local de visita para milhões de pessoas, cujo interesse depois foi

⁸ Que abordaremos em pormenor no ponto 2.2.4.

⁹ Que abordaremos em pormenor no ponto 2.2.5.

deslocado para o Althorp House, onde se encontra sepultada. A cidade de Soham, no Reino Unido, tornou-se um destino turístico temporário na sequência do assassinato de dois jovens escolares. O Ground Zero, inicialmente era o local dos destroços do 11 de setembro de 2001 e agora foi aqui edificado um Memorial e o Museu Ground Zero, sendo umas das atrações mais populares da cidade de Nova Iorque.

6. Dark Conflict Sites – Locais de Conflitos Negro

Os Locais de Conflitos Negro estão associados à “guerra e campos de batalha e sua mercantilização como potenciais produtos turísticos (Stone, 2006:156)”. Estes espaços têm uma componente educativa, comemorativa e histórica e não foram criados propositadamente para o turismo, sendo que se encontram em crescimento.

As batalhas cronologicamente mais distantes podem-se deslocar ao longo do espectro e tornarem-se num produto mais claro. Como já não fazem parte da memória dos vivos, elas são recordadas, por exemplo, através encenações, contribuindo assim para uma visão mais romantizada e divertida.

Exemplos: Campos de Batalha da Primeira Guerra Mundial. O Grupo Turístico da Frente Ocidental de Battlefield oferece aos visitantes exigentes uma “oportunidade de visitar locais de batalha tais como Ypres e a Somme, em pequenos grupos, mapas e diários de guerra das trincheiras (Stone, 2006:156)”. Para além destes, temos as Ilhas Salomão, onde a Batalha de Guadalcanal foi travada durante a Segunda Guerra Mundial, ou a reconstituição da Batalha de Bosworth, no Reino Unido.

7. Dark Camps of Genocide – Campos de Genocídio Negros

São os locais que têm o “genocídio, atrocidade e catástrofe como principal tema tanatológico” (Stone, 2006:156). Não sendo particularmente comuns, os campos de genocídio permitem evocar a memória do evento histórico e possuem uma vertente educativa e política. Os Campos de Genocídios Negros ocupam o lado mais escuro do espectro do turismo negro.

Exemplos: Ruanda; Camboja; Kosovo e o mais representativo: o Holocausto, através do campo de concentração Auschwitz- Birkenau; Museu Memorial do Holocausto, em Washington; a exposição permanente do Museu da Guerra Imperial, em Londres e o Museu Judaico de Berlim.

2.1.2 O lado da procura: os motivos

Tarlow (citado por Stone, 2011:321) identifica o Turismo Negro como sendo “visitas a lugares onde ocorreram mortes históricas ou trágicas e que continuam a afetar as nossas vidas”. Esta definição apesar de restringir a diversidade da oferta do turismo, é interessante porque refere o carácter motivacional das pessoas.

Para este autor, o estado psicológico do turista negro é influenciado por quatro emoções básicas: a insegurança, a gratidão, humildade e superioridade e consoante o tipo do local, as sensações podem ser diferentes:

- Campos de Batalhas - o facto de ter-se lutado por uma causa específica pode transmitir o sentimento de romantismo;
- Sítios bárbaros - sensação de compaixão para com as vítimas e de superioridade para quem praticou tal crueldade, pois representa o quanto os seres humanos podem ser cruéis;
- Locais que representam a identidade nacional- transmite orgulho do país;
- Lugares pessoais ou socialmente importantes- sensação de peregrinação;
- Locais trágicos- sensação de misticismo ou de espiritualidade. Quanto maior for a proximidade com o local, maior a sensação (Niemelä, 2010: 25).

Assim Tarlow (citado por Niemelä, 2010: 26) afirma que “nós nos preocupamos, sofremos e, por essa razão, nós visitamos locais de turismo negro.” Indo de encontro com Tarlow, Seaton (citado por Stone, 2010: 71) afirma que o turismo negro ou tanaturismo é essencialmente um fenómeno comportamental, logo influenciado pelas motivações do turista e não pelas características da atração ou destino. Para além de que a intensidade negra do local depende das motivações da visita, ou seja, se há um interesse na morte em geral ou específica. Como exemplo, temos o da visita ao túmulo de um familiar em oposição ao do Ground Zero, onde o visitante pode não ter relação com as vítimas

Neste sentido, Seaton (citado por Stone, 2010: 71) sugere cinco categorias de Turismo Negro, numa perspetiva comportamental:

1. Viagens para assistir a execuções públicas de morte - embora os países onde ocorrem sejam cada vez menos.

2. Viagens para conhecer os locais onde ocorrem as mortes de pessoas individuais ou em grande escala - campos de batalha (Gallipoli,...), locais de genocídio (Auschwitz; Camboja); local de morte de James Dean; locais de assassinatos.
3. Viagens para memoriais ou locais de internamento, incluindo cemitérios, cenotáfios, criptas e memoriais de guerra.
4. Viagens para ver espólio ou representações simbólicas de morte em locais desconexos – museus que contêm armas de morte (Royal Armouries em Leeds, Reino Unido, por exemplo) ou exposições que reconstruem eventos ou atividades específicas.
5. Viagem para recriações ou simulações da morte – inicialmente eram jogos ou festas com um tema religioso, porém, entretanto, ocorreram "derivações seculares", como o caso da reconstituição de famosas batalhas por grupos ou sociedades.

Outros autores acrescentam algo mais. Seaton e Lennon (citados por Stone, 2006, 148) referem que principal motivo é o prazer que as pessoas obtêm com o sofrimento ou infortúnio dos outros, sentimento conhecido como *schadenfreude*, de origem alemã. Rojek (citado por Stone, 2006, 148) refere o sentimento coletivo de identidade ou de sobrevivência para com as roturas violentas que afetam a rotina da vida coletiva. Dann (citado por Stone, 2008, 576) sugere os seguintes fatores: “medo de fantasmas (ou seja, vencer o medo infantil); busca da novidade; nostalgia; a comemoração do crime; “sede por sangue” ou realizarem férias que desafiem as pessoas e aumentem a sensação de morte.”

Já Yuill (2003: 54) menciona que as pessoas frequentam os locais de turismo negro por diversos motivos pessoais:

- O turismo acaba por ser uma forma socialmente aceite para expressar o interesse na morte ou desastre;
- Conhecer a história *in loco* do acontecimento;
- Venerar a família, amigos ou a si próprio (por exemplo veteranos de guerra);
- O local representa a sua identidade cultural;
- Sentimentos de culpa;
- Curiosidade mórbida.

De acordo com Moutinho (citado por Niemelä, 2010: 26), o perfil dos turistas está a mudar pois cada vez mais pretendem conhecer-se a si mesmos e conhecer culturas

diferentes. Assim, têm a “necessidade de explorar, envolvendo-se emocionante e até mesmo fazer ações arriscadas, para alimentar a necessidade relacionada com o conhecimento e curiosidade”.

Neste sentido, Hsu e Huang (citados por Niemelä, 2010: 26), justificam que as pessoas que têm uma vida pouco estimulante tendem a procurá-la nas férias ao passo que as que têm uma vida mais agitada procuram tranquilidade e paz. Esta relação é o ideal de excitação, pois pretende encontrar o equilíbrio entre o estilo de vida e as férias. O Turismo Negro pode ser, assim, um subterfúgio para aumentar o nível de excitação dos turistas, pois transmite aspetos educacionais e extremamente emocionais.

2.1.3 Implicações do Turismo Negro

A procura pelo Turismo Negro alimenta uma vertente comercial, pois faz dos “horrores de ontem, o negócio de hoje (Tarlow citado por Niemelä, 2010: 25)”. Assim, levantam-se questões éticas, como a de Eric Daams (citado por Niemelä, 2010: 25): “se a motivação é apenas o desejo de se divertir, aqueles cujo sofrimento tornou-se um "espetáculo" estão sendo desonrados?”

No entanto, apesar de cada vez mais haver um interesse académico pelo Turismo Negro, a literatura apresenta ainda lacunas. É necessário estudar como os locais ou eventos negros estão a ser percecionados nos diversos contextos socioculturais: a nível moral, político e comercial. Neste sentido, Stone (2011: 327) menciona que os problemas inerentes ao Turismo Negro implicam uma visão multidisciplinar, onde inclui:

- **Questões éticas / morais:** Onde se debruce sobre se será ético desenvolver, promover ou permitir o acesso grátis dos locais para consumo turístico. No Ground Zero, por exemplo, as pessoas enlutadas partilham o mesmo espaço com os visitantes casuais ou até mesmo voyeuristas.
- **Comunicação social/ questões promocionais:** Como anteriormente referido, muitos locais ou atrações negras surgiram acidentalmente. O facto de se terem tornado num produto turístico deveu-se à atividade promocional e de marketing, das empresas e ao

contributo dos meios de comunicação. Assim, é necessário compreender a relação existente entre o local e o papel dos media e das empresas.

- **Interpretação / questões políticas:** A forma como os locais e atrações turísticas são interpretados e as informações que transmitem têm sido alvo de interesse a nível académico. Neste sentido, o turismo negro permite que se escreva ou reescreva a história e forneça outras interpretações, a nível político, por exemplo, dos eventos ocorridos, influenciando a consciência coletiva.
- **Questões de gestão / governança:** Sendo locais de morte ou onde ocorreram acontecimentos dramáticos, a administração destes espaços tem que implicar a compreensão e respeito, para com as vítimas, bem como a integridade do local e, caso se aplique, os direitos da sociedade onde se insere. Como exemplos, temos o caso da Princesa Diana, que se tem acesso à casa e aos jardins da Althorp, mas não ao local onde foi aqui sepultada, pois trata-se de uma pequena ilha rodeada por um lago. Em 1996, numa casa de Gloucester, Inglaterra, ocorreram vários assassinatos. Quando os autores dos crimes foram julgados, a casa foi demolida para dar lugar a um caminho público e assim evitar que se tornasse num local turístico.
- **Questões Sociocultural/tanatológicas:** Os locais e atrações negras estão inseridos em diversos contextos geopolíticos e socioculturais, tendo implicações para a comunidade. Assim, o turismo negro pode contribuir para a secularização da sociedade, o que implica que se tenha em conta a forma como as pessoas, individual ou coletivamente enfrentam a dor e o trauma e como percecionam a morte ou o ato de morrer.

2.2. Os Cemitérios e o Turismo

2.2.1. Cemitérios como lugares de memória

A ideia de vida pós-morte e de alma imortal foi aceite por muitas religiões, o que conduziu a que o ser humano não fosse preparado psicologicamente para aceitar a inexorabilidade da decomposição. Assim, de acordo com Freud (citado por Afonso, 2010:18) o homem acabou por criar um imaginário que oferecesse a vida além da morte.

“De todas as inquietações que movem o ser humano, a mais forte e determinante é o medo da morte. O temor, que o acompanha desde que assomam em sua mente as primeiras noções de mundo, é a mola mestra de quase todas suas atividades, assim como a principal fonte de angústia (BECKER,1995)

Este sentimento deve-se ao desejo que o homem tem de se sentir imortal e assim recusar a sua finitude, escamoteando a morte (Freud citado por Catroga, 1999: 9). De acordo com Epicuro, “o mais terrível dos males nada é para nós, pois, enquanto existimos, a morte não é, e, quando ela está lá, já não existimos nós. A morte não teria, por conseguinte, nenhuma relação nem com os vivos nem com os mortos, uma vez que ela nada é para os primeiros e os últimos já não existem (Catroga,1999: 9)”. No entanto, “nunca, como hoje, se está tão pouco preparado para morrer, e nunca a morte chega tão cedo; é quase de um assassinato que se trata. Morre-se sempre “de”, e esquece-se que, afinal, a causa (das causas) da morte é o incessante perecer da vida (Catroga,1999: 9)”.

É perante a necessidade do homem na ideia de eternidade, que surgem os cemitérios como resposta pois, a pedra, ou o monumento, entende-se que dure bastantes anos. Muitos mais anos de que um corpo necessita para se decompor. Assim, Mumford (citado por Afonso, 2010:18) salienta:

“O impulso humano de criar monumentos duradouros talvez tenha a sua fonte no desejo dos vivos de se perpetuarem, de superar o fluxo e a evanescência de todas as formas vivas”.

O cemitério, em particular o oitocentista, surge como lugar de reprodução simbólica do universo sociocultural e de expetativas metafísicas, o que remete para a relação entre os mortos e a memória. Ou seja, ontologicamente, como

“a morte remete para o não-ser, é na memória dos vivos que os mortos poderão ter uma existência mnésica. As imagens produzidas a partir da lembrança garantirão sua existência. Ganha desta maneira significado o cemitério ocidental que, estruturado como uma textura de signos e símbolos “dissimuladores” do sem sentido – a morte – e, “simuladores” da

somatização do cadáver, tornará o cemitério um campo simbólico que convida à *anamnesis*, encobrendo o que se pretende esquecer e recusar (Etlin citado por Moreira, 2007: 840).

Assim, o signo, pedra tumular, além da função de devorar e digerir o cadáver, surge como a sobreposição de significantes (cadáver vestido, caixão, pedra tumular, epitáfio, estatuária, fotografia, etc.), o que induz metaforicamente a aceitar-se a incorruptibilidade do corpo e assim a “morte do outro” surge atenuada (Debray citado por Moreira, 2007: 840), pela ideia que o corpo não está condenado ao desaparecimento.

“E os signos são assim dados em troca do nada segundo uma lei de compensação ilusória pela qual quanto mais signos, mais existe o ser e menos o nada. Graças à alquimia das palavras, dos gestos, das imagens (fotografias...) ou monumentos – posto que as sepulturas seguem a mesma lógica – dá-se a transformação do nada em algo ou em alguém, do vazio num reino (Certau citado por Catroga, 1999:16)”.

Neste sentido, os túmulos oitocentistas representam uma totalidade significativa que conjuga duas dimensões distintas: o “invisível” (debaixo da terra) e o “visível”, ao qual Bernardin de Saint-Pierre (citado por Catroga, 1999:16) na *Revista dos Monumentos Sepulcrais* (1868), afirmou que o túmulo constitua-se “um monumento colocado entre os limites de dois mundos”. Assim, cabe ao lado invisível a tarefa higiénica da corrupção do corpo, ficando a camada semiótica responsável por encobri-lo, permitindo às gerações vindouras os signos aptos para individualizarem e ajudarem a *representação*, ou melhor, a *representificação* do finado. Neste sentido, a linguagem cemiterial, surge como uma “poética da ausência” (Gómez citado por Catroga, 1999:16).

“No que respeita às novas necrópoles oitocentistas, a necessidade existencial de se negar a morte e a sua tradução romântica, expressa na recusa exasperada da morte do outro e no crescente funcionamento da memória como instância supletiva de imortalização, deram origem a uma nova cenografia e a um novo culto dos mortos, assim como ao reaparecimento das velhas qualificações da morte como “morte-sono”. Isto explica que a morada do morto se tenha arquitetonicamente elevado, não só a sucessora e sucedânea do “teto eclesiástico” (o jazigo-capela), mas também a “casa”, e que a sepultura, tal como a casa da família (dos pais, dos avós), tenha passado a ser o outro centro privilegiado de identificação e de filiação de gerações (Davies, Douglas citados por Catroga, 1999:17). E todas estas necessidades simbólicas fizeram da necrópole um *analogon* da cidade dos vivos. (Catroga, 1999:17).”

2.2.2. O Turismo Cemiterial

Com os Cemitérios Românticos surge uma nova relação entre os vivos para com a morte do “outro” e essencialmente com a própria morte. Assim, de forma a imortalizarem-se, fizeram-se avultados investimentos em peças de arquitetura, de escultura, e de outras formas de arte sepulcral. Por isso, “fenómenos de emulação e de metaforização da morte deram origem aos mais interessantes, experimentais, pungentes, grandiosos e pomposos túmulos alguma vez feitos ao ar livre no mundo ocidental (Queiroz, 2009:1)”.

Além da ornamentação, a organização de galerias, planeamento do espaço e arborização, tornaram os cemitérios urbanos como espaços de referência para visitas. (Queiroz, 2009:1; Afonso, 2010:20). Neste sentido, diversos autores consideram que visitar cemitérios está integrado no conceito de turismo cultural. Xerardo (citado por Nuno Abranja et al., 2012: 1286), refere que o turismo cultural é o

“movimento de pessoas até atrações culturais para fora do seu local habitual de residência, com o objetivo de ganhar informação, experiência e satisfazer as suas necessidades culturais, por um período inferior a um ano, satisfazendo então a curiosidade e o interesse pela formação, pela estética, pelo património cultural, pela criação cultural de outros países e pelos modos de vida das pessoas (Bonink, 1995; Walle, 1998)”.

No entanto, o turismo cultural apesar de incluir o património cultural, onde se insere os monumentos, conjuntos e locais de interesse não refere a vertente da morte que está vinculada aos cemitérios. Por conseguinte, Catroga (1999: 21-22), citando Jean-Didier Urbain, explica que

“(…) ao contrário das peças de um museu, os objetos cemiteriais não são psicologicamente dissociáveis da estrutura em que se integram e do horizonte de crença e de sentimentos com que são lidos. Isto é, o lugar (*topos*) e o signo (*sema*) estão de tal modo imbricados um no outro, são de tal modo compreendidos como coextensivos, que nenhum dos dois é fenomenologicamente separável, parecendo ser natural a relação entre o significante, o significado e o referente (ausente).”

Ainda de acordo com este autor (Catroga,1999:21-22), esta relação surge sacralizada na medida em que são entendidos como lugares de consagração e de comemoração, onde o visível remete-nos para o invisível, o que se traduz na sensação de atração e medo, situação contrária do que acontece num museu, onde o espólio exposto surge descontextualizado num ambiente artificial, “neutro” e erudito.

Neste sentido e através do que referimos anteriormente (no subcapítulo 2.1.1.1), podemos assumir que a visita aos cemitérios se pode integrar no conceito de Turismo Negro, que designaremos por Turismo Cemiterial, consistindo na

“deslocação de pessoas para fora da sua área de residência habitual, por um período superior a 24 horas, para visita a cemitérios que exibam um acervo de estatuário e ornamentos fúnebres, que pode ser visto em túmulos de personagens notáveis da região e outros anónimos (Abranja et al, 2012: 1286)”.

Scott (2010) salienta que existe diferenças entre algumas pessoas que visitam cemitérios e os turistas negros. Se por um lado, as primeiras visitam com o intuito de conhecer a história local ou a arquitetura e escultura funerária; por outro, os turistas negros pretendem ter acesso à presença imaginada da morte, presente nos elementos simbólicos dos túmulos e assim obterem “um prazer emocional ou sentimental, enraizado na arte e na literatura Romântica ou Gótica (Coutinho, 2011: 4)”.

Os cemitérios parecem manter esta ambivalência e por isso são um local privilegiado onde se tem acesso aos túmulos de personalidades de renome nacional ou até mesmo mundial na área da literatura, artes, música, política, história, e permite contemplar a riqueza escultórica e arquitetónica funerária, quais cemitérios-museus (Olivia, 2007:3).

Aliados à riqueza monumental que possuem, a sua localização, perto dos centros urbanos, e o facto de apresentarem por vezes uma área verde considerável, maior que os próprios parques da cidade, permite que sejam usados pela população na procura de silêncio, sensação de paz e tranquilidade. Além de que os espaços ajardinados e a alamedas permitem a prática de atividades desportivas (corrida, caminhada, ciclismo). Estas características fazem com que os cemitérios sejam considerados para Requiua (citado por Afonso, 2010:10), como equipamentos não-específicos de lazer, pois não foram concebidos com esta finalidade mas são aproveitados no tempo livre. Para além disto, as pessoas frequentam como curiosidade alimentada por mitos ou lendas, ou para assistir a eventos culturais, sendo a principal, a prática religiosa (Afonso, 2010:22).

De acordo com Liliane Afonso (2010: 27), o turista cemiterial não recorre a agências de viagens, talvez por estas não oferecerem um pacote que inclua visitas a cemitérios, e daí preferirem organizar a própria viagem, por sua conta e risco. Trata-se de pessoas com um elevado nível cultural e elevado poder económico para acarretarem com as despesas do programa que pretendem fazer, não seguindo o “tudo incluído” que

as agências de viagens disponibilizam, o que dificulta ter a perceção do peso deste tipo de turismo no mercado turístico.

2.2.3 Iniciativas internacionais de organização institucional do turismo cemiterial

Estas considerações conseguem ter algum suporte material se tivermos em consideração uma série de indicadores que referem uma institucionalização do turismo cemiterial. Assim, como forma de dar a conhecer e preservar o património funerário, foram criadas diversas iniciativas em que se destacam:

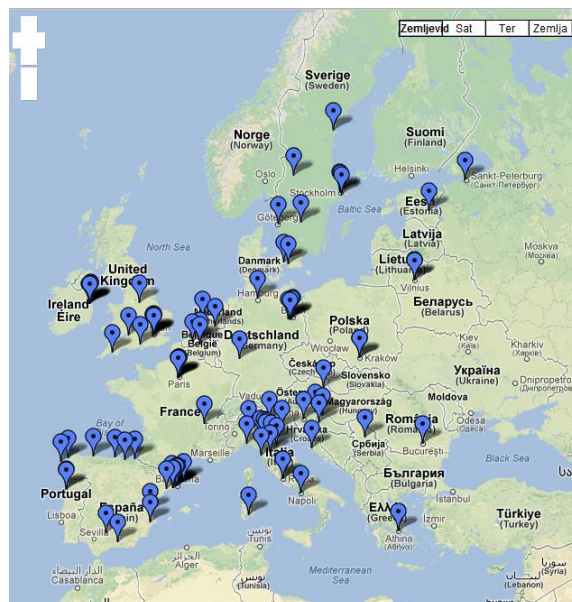
- **A criação da Carta Internacional de Morelia de 2005** - Idealizada no “VI Encontro Iberoamericano” e no “Primeiro Congresso Internacional de Valorização de Cemitérios Patrimoniais e Arte Funerária” (realizados nas cidades do México e de Morelia), refere à “preservação dos cemitérios e da arte funerária e propõe, o conhecimento, a difusão e a apropriação social dos sítios funerários e de seus ritos (Castro, 2010: 4)”;
- **Ata de Compromisso e Anteprojeto de Lei para a Valorização, Proteção e a Difusão do Património Funerário da cidade de Buenos Aires** – resultante do “VII Encontro Interamericano de Valorização e Gestão de Cemitérios Patrimoniais”, realizado em Buenos Aires (Argentina) no dia 2 de novembro de 2006 (Castro, 2010: 5);
- **Guidelines for cemetery conservation**- criado em 2009, pelo National Trust of Austrália (NSW), este guia pretende prestar assistência técnica especializada, tendo em conta as recomendações políticas a nível de conservação e gestão dos cemitérios (Castro, 2010: 5);
- **Criação do Órgão Oficial da Rede Argentina de Valorização e Gestão Patrimonial dos Cemitérios** – Permite a consultoria relativamente à gestão dos cemitérios e disponibiliza no seu sítio eletrónico diferentes publicações e documentos (Castro, 2010: 5);
- **Projeto Arte Tumular** – criado pelo Serviço Funerário Municipal de São Paulo (Brasil), pretende dar a conhecer os cemitérios paulistanos realizando, por exemplo, visitas guiadas ao Cemitério da Consolação (Castro, 2010: 5);

- **Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais** - fundada pela Universidade de São Paulo, em 2004, esta entidade realiza encontros bianuais, onde são divulgadas publicações e pesquisas sobre o tema cemiterial, permitindo partilha de ideias entre os membros (Castro, 2010: 5);
- **Associações ou organizações de amigos que pretendem divulgar e conservar os cemitérios:** Kensal Green, em Londres; National Federation of Cemetery Friends, no Reino Unido; Associação de Amigos do Cemitério da Recoleta, do Cemitério Acatólico de Roma ou então a Association for Gravestone Studies (Castro, 2010: 5).

2.2.4 Criação da Rede Europeia de Cemitérios Significativos

A Associação de Cemitérios Significativos da Europa - Association of Significant Cemeteries of Europe (ASCE, 2011) é uma rede europeia composta por organizações públicas e privadas encarregues por cemitérios com valor histórico ou artístico. Fundada em Bolonha (Itália) em 2001, esta organização sem fins lucrativos representa 22 países perfazendo um total de 179 cemitérios.

Figura 2 - Rede Europeia dos Cemitérios Significativos



Fonte: ASCE, 2011

Os fundadores da Associação foram as Câmaras Municipais de Berga (Noruega), Bolonha (Itália), Copenhaga (Dinamarca), Estocolmo (Suécia), Génova (Itália), Liubliana (Eslovénia) e Turim (Itália); os Serviços Funerários de Barcelona SA (Espanha), o Conselho de Património Nacional da Estónia, o Departamento de Proteção do Património Cultural da Lituânia e o Departamento de Conservação das Propriedades Culturais na Universidade de Ciências Aplicadas de Colónia (Alemanha).

Para se tornar membro da ASCE, a entidade tem que ter a seu cuidado um cemitério com interesse significativo, que terá de o justificar. A iniciativa pode partir de qualquer pessoa jurídica com personalidade jurídica distinta, mas também de empresas, Câmaras Municipais, associações, etc., que deverão dirigir o pedido de adesão ao Presidente da Associação. Compete ao Comité de Gestão da Associação avaliar o pedido e decidir se deve ser admitido, ficando o membro encarregue por pagar uma quantia, a definir anualmente, pela sua adesão.

A ASCE (2011) tem como objetivos:

- “Promover cemitérios europeus como património cultural muito importante;
- Cooperação para proteger, restaurar e garantir o atendimento contínuo e manutenção de cemitério, sensibilizando os cidadãos europeus para a importância dos cemitérios significativos;
- Compartilhar experiências e melhores práticas;
- Trabalhar em conjunto em projetos conjuntos;
- Aumentar a consciencialização acerca da importância dos cemitérios significativos entre as instituições nacionais e europeias;
- Fomentar e chamar a atenção das universidades;
- Promover o necessário quadro legal para a melhor gestão dos cemitérios;
- Chamar a atenção dos media e publicações de turismo e literatura;
- Promover a adoção de inovação tecnológica.”

Em 2006, a ASCE foi distinguida com uma medalha pelo European Union Prize for Cultural Heritage / Europa Nostra para celebrar a excelência cultural e conservação do património (ASCE, 2011).

Em 2009, é fundada pela Associação, a Rota dos Cemitérios Europeus. Esta rota foi constituída por uma equipa de especialistas na área do turismo em parceria com um

comité científico constituído por uma equipa de 7 pesquisadores e 5 principais universidades europeias. A rota incorpora 59 cemitérios localizados em 45 cidades de 18 países europeus, que recebem cerca de 5 milhões de visitantes por ano (ASCE, 2011). Não se trata evidentemente de uma lista exaustiva de todos membros que estão inseridos na Associação, mas oferece um conjunto significativo de cemitérios com elevado interesse.

Em maio de 2010 foi reconhecida como Itinerário Cultural do Conselho da Europa. Em janeiro de 2011, a Comissão Europeia financiou e a empresa Cementiris de Barcelona S.A. patrocinaram ferramentas e técnicas para que os gestores dos cemitérios promovam os cemitérios como destinos de turismo cultural. Já em maio deste ano, a Rota recebe o Prémio Especial do Júri nos Prémios Ulysses 2011 da Organização Mundial do Turismo das Nações Unidas (UNWTO), que reconhece as contribuições inovadoras das instituições para o turismo.

Assim, a Rota dos Cemitérios Europeus pretende contribuir para a proteção e preservação dos cemitérios, oferta única do turismo cultural, criação de emprego, troca de formação, culturais e educacionais, de investigação e desenvolvimento e inovação, a utilização e a aplicação de novas tecnologias (ASCE, 2011).

A adesão portuguesa é ainda limitada. Em 2005, o município do Porto aderiu à Associação, por iniciativa do Pelouro do Ambiente, sendo representado atualmente pelos cemitérios do Prado do Repouso e Agramonte (Bessa, 2012: 15).

No entanto, esta rota não insere o cemitério mais importante de Portugal: o Cemitério dos Prazeres, em Lisboa. Os cemitérios do Porto estão inseridos porque a Câmara Municipal foi uma das mentoras do projeto (TSF, 2011).

2.2.5. Cemitérios do Mundo

Após este balanço e no propósito de traçar rotas cemiteriais, será de identificar, a nível internacional, alguns cemitérios que tenham sido alvo de um processo de patrimonialização turística, ou seja, que ganharam valor graças ao investimento turístico:

América

• **Consolação (1858), São Paulo, Brasil** – neste cemitério encontram-se sepultadas diversas personalidades ilustres: artistas, escritores e intelectuais, políticos, figuras públicas, médicos, juristas e professores mas são os túmulos dos barões de café e dos novos-ricos imigrantes que se destacam pelo seu luxo e ostentação de riqueza, presentes também nos seus casarões (Olivia; Ribeiro: 2007:9; Osman citado por Carrasco; Nappi, 2009: 54).

• **Mount Auburn (1831), Massachusetts, EUA** - Visitado por cerca de 200 mil pessoas cada ano, este cemitério de 175 hectares possui mais de 44 mil monumentos que comemoram a vida e legado de parte das 95 mil pessoas enterradas onde se inclui escritores, educadores, reformistas artistas, cientistas... Possui uma coleção diversificada de coníferas com mais de 80 espécies diferentes e mais de 1500 plantas, que ao total oferecem o habitat perfeito para muitas espécies de fauna urbana incluindo salamandras manchadas, sapos, tartarugas e coiotes (Olivia; Ribeiro, 2007:6; Castro, 2010:6).

• **Recoleta, Buenos Aires (1822), Argentina** - é dos maiores cemitérios do mundo, juntamente com o Staglieno em Génova e o Père-Lachaise (Paris). Possui mais de 70 abóbodas declaradas Monumento Histórico Nacional e desde 1946 é considerado Museu Histórico Nacional, pelas pessoas famosas que possui enterradas e pela qualidade arquitetónica e escultórica (Castro, 2010:6; Carrasco; Nappi, 2009: 54; CEMENTERIO RECOLETA, 2012).

Para além destes podemos destacar o cemitério San Pedro, de Medelín, na Colômbia (Pease-watkin citado por Afonso, 2010: 30); Colón em Havana (1871) (Olivia, 2007:3); o de São João Batista, no Rio de Janeiro e o de Araçá e o de Morumbi, ambos em São Paulo, Brasil (Olivia, 2007:3; Osman citado por Carrasco; Nappi, 2009: 54).

África

• **Cidade dos Mortos, Cairo, Egito** – é a maior necrópole do mundo, onde um milhão de pessoas vivem, algumas em casas tumulares arrendadas pelos familiares das pessoas falecidas ou em edifícios que crescerem entretanto. As casas tumulares possuem pátio, para recolherem os mortos e as pessoas ao longo do tempo foram-se

adaptando. Foi palco de uma grande-metragem, intitulada “Cidade dos Mortos”, do realizador Sérgio Tréfaut, que ganhou o grande prémio “Documenta Madrid”, em 2010.

Com uma extensão de mais de dez quilómetros ao longo de uma autoestrada, este cemitério trata-se de uma autêntica aldeia onde inclui os mais diversos tipos de serviços desde padarias, cafés, escolas para crianças, mecânicos, até mesmo um mercado, sendo o maior do país. Onde há centenas de enterros todos os dias, a gestão do espaço torna-se complicado. No caso do mercado, que decorre à sexta-feira, tem-se que abrir um caminho para que o funeral possa passar. Caso haja um casamento, ou baixam o som da música ou terminam com a festa. O enterro é o mais importante.

No caso dos moradores, quando os familiares vão visitar os seus ente-queridos, caso estejam nos quartos a dormir, aí permanecem até estes irem embora; caso estejam acordados tratam de recolher os seus pertences, sendo que há situações em que os proprietários não deixam que os habitantes tenham sofás, por exemplo. Apesar dos entraves, quem lá vive afirma que o cemitério tem grande qualidade de vida, pois têm água canalizada, e não há poluição sonora, apesar de às vezes do cheiro ser insuportável. No entanto, é considerado um lugar tabu e os próprios egípcios não o conhecem (Tréfaut, 2009).

Europa

- **Père-Lachaise, Paris, França** - é o cemitério mais famoso e o mais visitado do mundo, sendo que estima-se que todos os anos cerca de três milhões de visitantes o frequentem, devido às personalidades aqui enterradas como por exemplo: Oscar Wilde (escritor e dramaturgo irlandês); Jean de la Fontaine (poeta francês), Marcel Proust (escritor francês), Eugène Delacroix (pintor francês), Max Ernst (artista alemão); Pierre Bourdieu (sociólogo francês); Frédéric Chopin (compositor polaco); Jim Morrison (cantor do The Doors); Édith Piaf (cantora francesa), entre outros (Afonso, 2010: 29; Castro, 2010:6). Além de sua principal função do enterro, o cemitério é o maior parque em Paris, e evoluiu para um museu ao ar livre e o panteão jardim (Northstar Gallery citado por Stone, 2006: 155).
- **Highgate (1839), Londres, Inglaterra** - recebe cerca de 80 mil visitantes por ano e tem como principal atração o túmulo do filósofo Karl Marx, sendo que existe um mito

de que tem sepultados vampiros. Em 1897, nasceu aqui a lenda do Drácula de Bram Stoker (Olivia, 2007:5; Castro, 2010:6; Carrasco; Nappi, 2009: 54; Giovanni citado por Afonso, 2010: 30).

- **Monumentale de Milão (1866), Itália** - Consta em todos guias turísticos da cidade e é o que abrange o maior número de monumentos, estátuas e túmulos de personalidades cujos são da autoria de importantes arquitetos e escultores italianos, numa área de 250 mil m² (Afonso, 2010: 30).
- **Monumentale di Staglieno (1851), Génova, Itália** - com o desenvolvimento da vegetação, houve a fusão da arquitetura e natureza, onde diversas capelas e monumentos estão escondidas, conduzindo assim a uma paisagem “romântica”. A arte caracteriza-se como Realismo, Classicismo, Romantismo, Liberdade e Simbolismo, sendo que nos túmulos, figuram esculturas de importantes escultores italianos (CIMITERY MONUMENTALE DI STAGLIENTO, 2012).
- **Comunale Monumentale Campo Verano (1836), Roma, Itália**- Com a área de 80 hectares, este cemitério possui obras de arte muito perturbadoras, de extremo realismo, quase fotográfico, levando a emoções intensas. (Afonso, 2010:30). Permite oito itinerários culturais diferentes, cujas visitas guiadas, de 2 horas são grátis e dispõem de áudio-guias.
- **Central de Viena (1874), Áustria** – é o maior cemitério de Viena e o segundo maior da Europa (o primeiro é o Hamburg`s Ohlsdorf Cemetery). Possui de área cerca de 2.4 Km², onde estão sepultados cerca de 3.3 milhões de pessoas, sendo o que tem mais pessoas sepultadas da Europa. Dispõem de um serviço de minibus para pode-lo atravessar todo. A secção mais visitada são os dos Túmulos de Honra, onde estão sepultados os artistas, escritores, músicos e políticos. Neste sentido, destacam-se os seguintes: Ludwig van Beethoven, Schubert, Brahms, Strauss, o pai, e o filho, e Schönberg (Afonso, 2010: 30; ASCE, 2011).

Para além destes podemos destacar os seguintes: **Woodland** - Estocolmo, Suécia (Castro, 2010:6); **San Miniato al Monte**- Florença, Itália (Olivia, 2007:6; Castro, 2010:6); **Dorotheenstädtischer Friedhof** - Berlim, Alemanha; **Glasgow** – Escócia; **Kerepesi Temető** - Budapeste, Hungria; **Poble Nou e Sant Andreu** - Barcelona,

Espanha; **Almudena** - Madrid, Espanha; **Montparnasse e Montmartre**- Paris, França (Olivia, 2007:3; Afonso, 2010: 30).

2.2.5.1. O Caso de Lisboa

Sinalizámos na cidade de Lisboa a utilização de alguns cemitérios como objeto de interesse turístico. Vejamos quais.

2.2.5.1.1. Cemitério Municipais: O Cemitério dos Prazeres e o Cemitério Alto do S. João

O Cemitério dos Prazeres encontra-se na parte ocidental da cidade, onde se localizavam as residências de moradores, alguns dos mais ilustres da sociedade, daí encontrarem-se sepultadas várias pessoas de grande importância histórica.

No talhão dos Artistas estão inumados, entre outros: Antonio Tabucchi (escritor), Cândida Branca Flor (cantora), Carlos Paredes (guitarrista), Cesário Verde (poeta), Henrique Mendes (apresentador e ator), Mário Cesariny (pintor e poeta), Raúl Indipwo (pintor), Zita Duarte (atriz).

Para além dos artistas, os visitantes querem visitar o Mausoléu de D. Pedro de Sousa Holstein, Duque de Palmela, onde se encontram inumados cerca de 200 corpos e restos mortais pertencentes à família e aos criados, sendo considerado o maior mausoléu particular da Europa. O seu interior representa um Templo Maçon e a capela incorpora várias estátuas de escultores importantes como Canova, Teixeira Lopes e Calmels.

Para além disto, desde novembro de 2001, na capela encontra-se o Centro de Interpretação dos Cemitérios Municipais de Lisboa, no âmbito do Projeto de Valorização Cultural dos Cemitérios de Lisboa.

No dia 28 de junho de 2013, deslocamo-nos até este cemitério para o conhecer, onde nos foi disponibilizado um funcionário para nos acompanhar. A visita foi guiada pelo técnico Daniel Oliveira, coveiro e fotógrafo *freelancer*, cujo nome artístico é Daniel Pedrogam e tornou-se conhecido, em 2010, pelas fotografias a preto e branco que tirava ao túmulos e gatos que vagueavam pelo Cemitério dos Prazeres.

O Centro de Interpretação dos Cemitérios Municipais de Lisboa encontra-se neste cemitério por ser considerado o mais monumental da cidade e o seu espólio advém da

recolha de capelas e jazigos abandonados. O início da visita dá-se na antiga sala das autópsias que deixou de funcionar em 1889. Em seguida dirigimo-nos à sala expositiva, onde se encontram os primeiros livros de registos dos cemitérios, terminando no primeiro piso, dividido em cinco salas temáticas: "A Fé", com objetos de culto e brinquedos; "A Luz", onde se encontram objetos para iluminarem os entes-queridos na vida eterna; "As Flores", que contém os jarros que serviam para ornamentar, pois as flores perfumavam o jazigo¹⁰; "A Ostentação", que reúne alguns dos mais importantes objetos do espólio e a sala da "Reflexão", onde é possível encontrar a informação sobre a evolução do sentido da morte na sociedade.

Relativamente ao cemitério, a visita foi guiada pela Dra. Brígida que destacou que é cemitério que tem o maior número de ciprestes, transformando o lugar mais agradável, em dias de imenso calor. Além disto, a secção do Regimento de Sapadores Bombeiros permite uma vista deslumbrante sobre a Ponte 25 de Abril, tendo já sido alvo de filmagens para novelas e filmes. Quanto aos cerca de 71 mil jazigos, foram alvo de um levantamento exaustivo, estando alguns identificados sobre a sua situação com letras A (abandonado) ou P (prescrito). Os mais interessantes estão identificados com uma placa e encontram-se destacados nos folhetos que o cemitério tem disponível para dar, divididos em diversos temas: Arquitetura Funerária; Estatuária; Grandes Homens; Heráldica; Morte e Imortalidade e Símbolos Profissionais.

No caso do Cemitério do Alto S. João, apesar de no contacto feito por *e-mail*, teremos informado que estaria uma pessoa ao dispor para nos acompanhar, tal não foi possível.

Este cemitério possui o primeiro forno crematório do país, que data de 1925. Como pessoas ilustres sepultadas/cremadas podemos destacar: Alfredo Costa (jornalista), Álvaro Cunhal (político e escritor), António José de Almeida (6º Presidente da República), António Botto (poeta), Fernando de Lacerda (médium), Manuel Buíça (regicida que alvejou o Rei D. Carlos I e o Príncipe Real D. Luís Filipe), Óscar Monteiro Torres (1º aviador português a morrer em combate), sendo talvez o mais conhecido o poeta José Saramago, que fora aqui cremado.

Os visitantes normalmente são estrangeiros provenientes da França, Alemanha, Holanda, Inglaterra e Itália. Os ingleses e holandeses são conhecidos por serem ariscos

¹⁰ O Sr. Daniel Oliveira destacou que agora quase ninguém coloca flores nos jazigos, até mesmo já nem floristas existem perto dos cemitérios municipais, sendo agora mais para turistas do que para familiares.

e quererem tirar a chapa de zinco que tapa aos túmulos abandonados, para espreitarem lá para dentro. No caso do Cemitério dos Prazeres, os italianos pretendem conhecer o túmulo do escritor Antonio Tabucchi e muitos dos turistas acabam por visitar acidentalmente porque fazem o percurso do elétrico 28 que termina à frente do cemitério.

2.2.5.1.2 Cemitério Britânico

A visita guiada foi realizada no dia 29 de junho de 2013, pelo técnico responsável pela gestão dos espaços verdes, o Sr. Francisco Espírito Santo. De acordo com este senhor as visitas de estudo são escassas e normalmente provêm de escolas inglesas de Lisboa, sendo que de vez em quando aparecem cerca de 40 turistas, provenientes dos cruzeiros.

Quem visita o cemitério são pessoas que têm aqui a sua família sepultada e como estão no estrangeiro há 30, 40 anos, muitas vezes informam previamente a sua visita e solicitam alguém que os guie junto das campas dos familiares.

Caso o Sr. Francisco esteja presente no cemitério não se importa de o mostrar, sendo que começa com uma apresentação da história, mostrando depois o túmulo de Francis La Roche (primeiro do cemitério, data de 1724); a placa em memória de Thomas Barclay (1º Consul do Estados Unidos, que veio a falecer num duelo em Lisboa a 1793); o túmulo do escritor Henry Fielding; o da funcionária Adelina Pires (morreu em 2011 com 100 anos e trabalhou durante 73 anos para o cemitério, tendo sido condecorada pela Rainha Isabel II em 2006) e terminando no dos Ex-Combatentes da II Grande Guerra.

Relativamente à igreja, só abre em casos excecionais, dependendo do tipo de visitantes. No seu interior, foi-nos explicado que como a acústica da igreja é de elevada qualidade, já a tinham alugado para aí serem gravados as músicas para alguns filmes. No entanto, estas situações são raras, dependendo a igreja financeiramente dos funerais e doações ou da venda do livro “*History of the Lisbon Chaplaincy*” que custa 3€. Este livro, de 1965 contém um mapa com a identificação dos túmulos mais interessantes (Hampton, 1989:66).

3. Porto: na rota do turismo cemiterial

Este capítulo e sub-capítulos têm por objetivo inserir o turismo cemiterial num espaço concreto, a cidade do Porto, justificá-lo no âmbito da área respetiva de turismo e analisar as potencialidades de atratividade. Por isso se inicia por uma brevíssima caracterização da cidade, a descrição das potencialidades gerais do turismo local e o encaixe do tipo de turismo que temos apresentado na oferta turística global.

3.1. Caracterização do Município

A cidade do Porto é a capital do Distrito do Porto, da Área Metropolitana do Porto e insere-se na região estatística do Norte (NUTS III). Possui 237.591 habitantes distribuídos por uma área de 41,4 km², sendo que 54,3 % destes encontram-se entre os 25 e 64 anos (CMP, 2011). Coordenadas GPS do Centro Histórico do Porto: Latitude: 43° 29' 10" N - Longitude: 8° 13' 47" W.

Além do Porto, a Grande Área Metropolitana do Porto atualmente é constituída por mais 14 Municípios: Arouca, Espinho, Gondomar, Maia, Matosinhos, Oliveira de Azeméis, Póvoa de Varzim, Santa Maria da Feira, Santo Tirso, São João da Madeira, Trofa, Vale de Cambra, Valongo, Vila do Conde e Vila Nova de Gaia.

Relativamente ao clima na cidade e concelho do Porto, é ameno e oceânico, sendo agradável praticamente durante todo o ano pois a temperatura média ronda entre os 14 graus no inverno e os 25 no verão. Devido às correntes oceânicas e ao Rio Douro, a cidade é bastante húmida, sendo bastante fresca no verão, mas fria no inverno. Como o clima é um fator determinante para o turismo, quem visita o Porto, seja amante do frio ou do calor deve ter em conta estes fatores, sendo que os meses mais chuvosos são novembro e dezembro, os mais frios janeiro e fevereiro e os mais quentes, junho e julho (COSTASUR, 2013).

A nível dos transportes e vias de acesso, o Porto encontra-se bem servido, pois além de possuir uma boa rede de transportes como o metro, comboio e autocarros, possui diversas autoestradas que o ligam às principais cidades: Aveiro (75 km), Braga (56km), Faro (551 Km), Guimarães (54 km) e Lisboa (316 km). Além disto, no Aeroporto Francisco Sá Carneiro, que fica a apenas 15 km de carro e a meia hora de

metro (estação da Trindade), operam diversas operadoras aéreas *low-cost* como por exemplo a Ryanair e a Easyjet. Caso se prefira fazer um cruzeiro, o Terminal Internacional dos Cruzeiros localiza-se em Leixões, a apenas 11 km do centro da cidade, podendo também se recorrer à Marina do Freixo ou o Douro Marina em Vila Nova de Gaia.

3.2. O Porto e Turismo

Do ponto de vista das áreas de administração turística, o Porto encontra-se integrado numa das cinco regiões turísticas do Portugal Continental, o “Turismo do Porto e Norte de Portugal, E.R.”, onde se inclui, por exemplo, Guimarães, Capital Europeia da Cultura 2012.

A Entidade Regional de Turismo do Porto e Norte de Portugal (ERTPNP) tem várias delegações, sendo que a do Porto aposta no produto estratégico City & Short Breaks. Em parceria com o Instituto de Planeamento e Desenvolvimento do Turismo (IPDT), desenvolve diversos estudos, incluindo o do perfil dos turistas que visitam o Porto e/ou o Norte de Portugal e que deixam este destino via Aeroporto do Porto (PORTO E NORTE, 2013).

Assim, no 2º Semestre de 2013, num universo de 480 questionários, 40.6% dos turistas vieram por motivos de férias, traduzindo-se num ligeiro aumento, em período homólogo de 2012; 31.5% em negócios; 25.2% para visitar a família ou amigos e 2.7% para estudar. Relativamente aos que vieram de férias, 61.5% foi por lazer; 19 % fizeram um short-break; 11.1% pretendiam relaxar e 8.2% conhecer a região. Os números podem traduzir um universo disponível para usufruir das ofertas turísticas disponíveis.

Os turistas que vieram de férias são essencialmente mulheres (62.6%), têm entre 19 e 40 anos (65.2%), sendo a maior incidência a faixa etária entre os 31 e 40 anos com 27.7%. Vieram ao PNP pela primeira vez (74.4%), acompanhados (91.8%), pelo conjugue ou família (87.8%) A nível das habilitações académicas, 48.9% frequentou o ensino secundário e 34.6% o ensino superior, são trabalhadores por conta de outrem (66.5%) e apresentam rendimentos situados maioritariamente entre 1000 a 3000€, com uma frequência de 69.7%, representando um ligeiro aumento relativamente aos rendimentos no ano passado, em período homólogo.

Pernoitaram na cidade do Porto (76.4%), sendo que Gaia foi a segunda escolha com apenas 9.5%, e 8.1% dos inquiridos dormiram em ambas as cidades. O tipo de alojamento selecionado por 36.5% dos entrevistados foi o hotel, mas a procura pelos *hostels* duplicou, em período homólogo ao de 2012, sendo agora de 28.8%. Registou-se um ligeiro decréscimo da média de número de noites, relativamente ao ano passado, sendo atualmente de 2.80 noites no Grande Porto e 3.41 no Norte de Portugal.

Como referido anteriormente, o facto de no aeroporto operarem operadoras *low-cost* é um fator condicionador pois 60% das viagens foram pela Ryanair contra as 21,5% pela TAP, seguido de 6.7% da Easyjet, outra operadora *low-cost*.

Os turistas elegeram a região do Porto e Norte de Portugal (PNP) pela sua Beleza Natural (31.1%); Preço (25.9%) e Gastronomia (25.4%), sendo o seu país de residência França (30,8%), seguido da Espanha (23.1%) e Alemanha (17.4%). A internet foi o meio mais utilizado para obterem informação (64.8%), seguido dos familiares e amigos (29.9%) e da empresa (22.6%), sendo que 88.5% efetuaram as reservas *on-line*.

A gastronomia, fazer compras, desfrutar da paisagem, comprar artesanato e visitar monumentos foram as principais atividades efetuadas com resultados de 86.5%; 75.5%, 70.8%, 51.6% e 44.3% respetivamente.

Estes turistas, numa escala de 1 a 7 pontos, estão satisfeitos com a visita (6.29), o que se traduziu num ligeiro aumento relativamente ao ano passado, e apesar de pretenderem recomendar (5.56) e regressar (4.49), houve um ligeiro decréscimo nestas duas intenções.

Considerado o Melhor Destino Europeu 2013, pela Lonely Planet (P3, 2013), o Porto reúne características distintivas que o tornam desejável para ser visitado. Capital Europeia da Cultura em 2001 e Património Mundial da Humanidade desde 1996, esta cidade aposta na Cultura e Lazer, Património, Arquitetura, Gastronomia e Vinho, Animação noturna e Espaços Verdes (PORTO TURISMO, 2013).

Assim, em seguimento do produto estratégico que se pretende desenvolver: City & Short Breaks, a cidade pretende transmitir energia e vitalidade através de criação de várias opções para que o turista encontre o que precise e que goste. Desde cruzeiros de barco no Rio Douro, até circuitos de autocarros, passeios de helicóptero, segway, bicicleta, vespa, elétrico, Tuk Tuk ou Minitrem, podendo usufruir também da paisagem

que é possível ver através do funicular ou teleférico, ou optando pelas sugestões de percursos pedonais, de maneira a que o turista seja tentado a prolongar a sua estadia (PORTO TOURS, 2013).

Relativamente aos percursos e roteiros pedonais, o Turismo do Porto sugere os seguintes (VISIT PORTO TRAVEL, 2013b): New York Times sugere; Parques e Jardins; Páscoa: o Porto em 2 dias; Património Mundial; Porto Azulejos; Porto Barroco, Porto Neoclássico; Rota Urbana do Vinho.

Constata-se que apesar de os cemitérios municipais do Porto estarem inseridos na Rota Europeia dos Cemitérios mais Significativos, o sítio eletrónico oficial do Turismo do Porto não apresenta uma proposta para que os visitem. Só após uma pesquisa pela palavra “cemitério” é que encontraremos referência à história dos cemitérios de Agramonte, Prado do Repouso, Ingleses, da Lapa e sua igreja. Além disto, tem a informação de duas atividades já decorridas: o convite para se visitar no dia 1 de novembro, dia de Todos os Santos e o de em março, o Porto voltar a ser a “Cidade das Camélias”(VISIT PORTO TRAVEL, 2013b), sugerindo uma rota que segue quase todos os jardins e espaços verdes da cidade, em espaços públicos, nos cemitérios, nas casas particulares.

Assim, para que encontremos alguma referência à Rota Europeia dos Cemitérios mais Significativos, o turista tem que recorrer ao sítio eletrónico da Câmara Municipal do Porto e ao do Departamento do Ambiente, na Higiene Pública, que aborda o Ciclo Cultura dos Cemitérios Municipais, permitindo fazer o *download* do mapa e história dos Cemitérios Agramonte e Prado do Repouso (CMP, 2007).

No entanto, o Porto oferece muito mais do que os cemitérios municipais e apesar de já existir um “Guia dos Cemitérios do Porto”, os 5.000 exemplares já desapareceram dos Postos de Turismo, estando só acessível nas bibliotecas ou noutros espaços, apenas disponíveis para consulta ou para serem fotocopiados. Este guia foi concebido pelo Prof. Doutor. Francisco Queiroz para a Câmara Municipal do Porto, em 2000. As suas 21 páginas, em formato A5, estão divididas nos seguintes capítulos: “Um pouco de História”, onde além da história, aborda a importância histórica e artística dos cemitérios e “Roteiro para uma visita”. Nesta última parte é feita uma breve descrição dos Cemitérios dos Ingleses, Catacumbas de S. Francisco, Cemitério da Lapa,

destacando os monumentos de valor histórico e artístico do cemitério Prado do Repouso e Agramonte.

Devido ao facto de não existirem exemplares disponíveis para ceder, a Eng.^a Arnaldina Riesenberger concede o guia, a quem a contactar, gratuitamente, em formato *pdf*. Contudo, não é prático para os turistas que pretendem ficar com um exemplar. Claramente não poderá ser expectável que um turista se desloque a uma biblioteca para ter acesso ao guia, ou que contacte a Eng.^a Arnaldina Riesenberger, por isso tem-se que criar condições para que os cemitérios estejam acessíveis de uma forma simples e prática e assim suscite um maior interesse em visitá-los.

Atualmente, além o sitio electrónico da Câmara Municipal do Porto, os Postos do Turismo da cidade disponibilizam gratuitamente um Mapa Turístico Oficial onde os cemitérios surgem identificados mas não destacados, no verso do mapa, como locais a serem visitados. Para além do mapa, só no Porto de Turismo da Avenida dos Aliados é que é permitido os turistas terem acesso a um Mapa Turístico Interativo, onde selecionam o que pretendem ver e podem ler uma breve descrição sobre o local/monumento, estando disponível informação sobre os cemitérios¹¹.

¹¹ No entanto, a Sra. Aurora, funcionária neste posto de turismo informou-nos que poucos turistas estrangeiros perguntam pelos cemitérios do Porto, sendo cerca de 30 a 40 anuais. O que significa que se trata de um nicho de mercado a explorar.

4. As Características Turísticas dos Cemitérios mais importantes do Porto

O contacto com os cemitérios fez-se em forma de visita, que foi guiada, em cada um dos cemitérios, pelas vozes que funcionaram como fontes orais (ver ponto relativo á metodologia), com a exceção do Cemitério Catacumbal da Igreja Monumento S. Francisco que por se encontrar desativado (ou seja, porque não recebe mais enterramentos), já está direcionado completamente para o turismo.

4.1. Cemitérios Particulares

4.1.1. Cemitério Britânico- St James Cemetery

A entrevista realizada ao Dr. Terry Weineck revela que o início da realização das visitas guiadas no Cemitério Britânico remonta ao fim da Segunda Guerra Mundial, quando grupos britânicos iam visitar os túmulos dos soldados mortos em combate¹².

As razões das visitas prendem-se com as relações parentais (familiares de quem aí se encontra sepultado) aumentando o número de visitantes na época alta das férias, altura em que vêm à procura dos seus ascendentes.

No entanto, os visitantes interessados em conhecer o espaço são escassos, eventualmente pelas características condicionantes que podem criar barreiras para que possa ser visitado¹³.

Relativamente às visitas guiadas, não se faz um registo minucioso de quem visita e em que âmbito. No entanto, a estimativa ronda as 4-5 visitas guiadas por ano, com cerca de 20 a 60 pessoas cada, dependendo do facto de virem de autocarro alugado ou

¹² Atualmente é a Sra. Cecília Teixeira, porteira do cemitério há 33 anos, a pessoa responsável pela condução das visitas guiadas, sendo-o já há 30, pelo facto das visitas serem fundamentalmente em português.

¹³ O cemitério além dos seus muros altos e sem gradeamento, não permitindo o contacto visual com o interior (para entrar é necessário tocar no intercomunicador), pois o portão encontra-se sempre fechado, à exceção de aos domingos ou quando decorre alguma atividade. A questão do muro que deve-se à proibição do contacto dos protestantes com os católicos. O portão, além desta razão, serve como proibição da entrada de pessoas indesejáveis no espaço, sendo que a Sra. Cecília mencionou o caso de uma senhora que há muitos anos entrou com uma mochila às costas ameaçando que possuía uma bomba, tendo sido conduzida calmamente para a saída, não criando qualquer situação mais grave. Relativamente ao intercomunicador, foi a solução encontrada para que as pessoas com mais dificuldades motoras possam facilmente interceder a abertura do portão para poderem entrar. Inicialmente encontrava-se à entrada um sino, claramente menos prático para as pessoas poderem tocar.

outro meio, e normalmente são jovens em idade escolar. Claramente que há exceções¹⁴ pois que para além dos estudantes e das famílias à procura dos seus antepassados, o cemitério recebe grupos pertencentes a entidades históricas.

Dr. Weineck salienta que a cremação pretende criar uma secção menor para a colocação das cinzas, pois este encontra-se praticamente completo.¹⁵

Defendendo que os cemitérios não são considerados atrações turísticas, o Dr. Weineck considera que o facto de suscitar interesse a nível académico pode aumentar o interesse, sendo que a publicidade que têm feito passa pelo sítio eletrónico da igreja (ST JAMES CHURCH, 2013), pelos folhetos distribuídos (dia da celebração da missa) e pela publicação de artigos esporádicos, por exemplo, na revista da comunidade inglesa em Portugal “The Well”. Relativamente aos cemitérios mais importantes do Porto refere que deve ser criada uma brochura multilingue (Português, Inglês, Francês e Alemão), pequena pois os “turistas não querem ter muito que ler” e deve estar disponível nas agências de turismo.

Visita-Guiada

Para que pudéssemos compreender as características de uma visita guiada ao complexo Igreja-Cemitério, optámos por assistir a uma efetuada com o Agrupamento de Escolas de Valbom (Gondomar), que teve lugar no dia 11 de março de 2013, às 11h.¹⁶

A professora estava já sensibilizada para o interesse deste tipo de visitas por ter participado num projeto *interrail* que lhe permitira visitar outros cemitérios, nomeadamente na Islândia e Paris, repetindo a visita ao Cemitério Britânico que fizera há 12 anos, também numa visita-guiada.

As questões colocadas alertam para os interesses dos visitantes, questionando sobre a história da igreja e cemitério mas também sobre o padre e as características da

¹⁴ Em meados de fevereiro de 2013 decorreu uma visita guiada a uma escola de Arouca, cujos alunos tinham entre os 16 e 19 anos, mas neste caso eram 100 discentes e 6 professores. Em outubro de 2012, fez-se uma visita a um grupo pequeno por parte de uma escola sénior.

¹⁵ Os protestantes não permitem que um jazigo volte a ser aberto até fazer 20 anos após a inumação. Caso um familiar faleça, dentro deste período, é enterrado ao lado. Daí deixarem espaço, quando possível, entre os jazigos de famílias diferentes.

¹⁶ Assistiram a esta visita 15 alunos do 12º ano e três professores e vieram no âmbito das disciplinas de Inglês e Técnicas de Comunicação e Acolhimento Turístico. Em conversa com a professora responsável, a professora de Inglês Cláudia Sá, informou que os alunos vieram no seguimento de um Peddy Cemiterial pois já tinham visitado o de Agramonte e Prado de Repouso. Assim, como tinham ido à Feitoria Inglesa aproveitaram e vieram aprender como se faz uma visita guiada a uma igreja e cemitério.

missa (se se podem casar, se é casado ou solteiro, quantas pessoas frequentam a missa aos domingos¹⁷).

A visita termina já no cemitério, onde a Sra. Cecília destaca onde os militares da Força Aérea se encontram sepultados e o túmulo da família Forrester. Por outro lado, havia preocupações de alguma educação ética, prevenindo os percursos por cima dos túmulos.

4.1.2 Cemitério da Nossa Senhora da Lapa

A Igreja e o cemitério da Nossa Senhora da Lapa, de acordo com a Dra. Jacqueline Leal Ribeiro são palco de visitas guiadas há mais de 30 anos, sem registo estatístico, por parte de professores, estudantes, curiosos e pessoas ligadas à área artística, literatura, arquitetura, entre outras. Normalmente procuram os jazigos mais interessantes, onde se destacam ilustres personagens (Camilo Castelo Branco).

Na opinião da Dra. Jacqueline Leal Ribeiro, o turismo cemiterial em Portugal ainda está pouco explorado, embora considere que se deva permitir o acesso livre, bem como a possibilidade de marcação de visitas de grupo com a “presença de alguém que pudesse ajudar a melhor compreensão do que existe e do que vê.”

Visita-Guiada

A visita guiada a que assistimos decorreu no passado dia 10 de maio de 2013 e foi orientada pelo Prof. Doutor Francisco Ribeiro Silva, que já o faz há dez anos, quando começou a fazer investigação sobre a Ordem da Lapa¹⁸. Dois grupos parecem destacar-se, com um perfil de alguma exigência cultural, procurando aceder a um pacote mais completo como concertos de órgão peninsular e barroco¹⁹.

¹⁷ Aquando a realização desta visita, as celebrações religiosas estavam ao cargo do Reverendo Robin Lee, casado com a senhora Anita provenientes da Escócia e estariam temporariamente até ao mês de maio, mês em que viria o padre definitivo. No entanto, o Padre Peter Ford, que fora o padre selecionado esteve até ao início de setembro, altura em que avisou que se encontrava doente e teria que deixar as suas funções para se tratar.

¹⁸ Quando não está disponível compete ao Sr. José António (responsável pelos recursos humanos) abrir as portas e fazer as visitas guiadas.

¹⁹ Como exemplo temos o caso de um grupo de antigos professores e o Movimento Internacional Lusófono, cujas visitas tiveram lugar em 2012.

Algumas preocupações éticas são colocadas acautelando horário de culto, ou a existência de um funeral. Como o silêncio deveria ser preservado acautelam-se grupos individuais.

A visita parte da Sala Nobre da Irmandade e passa à Sala dos Quadros (onde se encontram pinturas de irmãos da mesma Irmandade, com um enquadramento acerca da criação da Ordem da Lapa, o Liberalismo e sobre os três liberais aqui sepultados (General Pacheco, Ferreira Borges e o Frei Manuel Santa Inês)).²⁰

Depois da passagem pela Sala Nobre e pela Sala dos Quadros, dirigiram-se ao cemitério, sem acompanhamento do Prof. Doutor Francisco Ribeiro Silva porque entende que o cemitério tem um guia muito bem elaborado, não necessitando de acompanhar os grupos. Por vezes os professores que acompanham os alunos completam esse percurso.

4.1.3 Cemitério Catacumbal de S. Francisco

O Cemitério Catacumbal de S. Francisco encontra-se integrado no conjunto visitável Percurso Museológico da Ordem Terceira de S. Francisco- Igreja Monumento S. Francisco, Museu de Arte Sacra (Casa do Despacho) e Cemitério Catacumbal²¹.

Tal como acontece nos casos anteriores, não existem, durante os 15 anos de visitas, quaisquer registos das visitas guiadas ao Percurso Museológico da Ordem Terceira de S. Francisco, mas a compra dos bilhetes permite saber, com precisão qual o número de visitantes anual, em média 250 0000 visitantes sendo que “destes 50.000 usufruem da visita guiada realizada pelos nossos serviços, a outra maioria vem em grupos, acompanhados de Guia Oficial de Turismo.”

²⁰ O grupo de 24 alunos e 5 professores vieram da Escola Secundária de Estarreja e estão no 11º ano da área de Humanidades. Em conversa com a professora de Geografia, Maria José Morais Sarmento foi explicado que os alunos estavam a abordar na disciplina de História, o período romântico e o liberalismo, além de que já faz parte do programa visitarem este cemitério desde há cinco anos atrás. A professora Maria José Morais além de conhecer o cemitério por causa das visitas, também tem família sepultada, bem como no do Agramonte. Relativamente ao resto do país conhece o Cemitério da Conchada, em Coimbra. Quanto aos alunos, a visita guiada insere-se num percurso que iriam fazer sobre o Liberalismo, onde passariam pela Cadeia da Relação, Casa Almeida Garrett, Passeio das Virtudes e Rua das Flores

²¹ As visitas, tanto individuais como coletivas, podem ser realizadas durante todo o ano, à exceção do dia 25 de dezembro em que só é permitido individualmente. Os preços rondam os 3,50€ para pessoas individuais e 3€ para estudantes.

O perfil dos visitantes é dividido entre portugueses (10%) e estrangeiros (90%). Relativamente aos portugueses, tem vindo a aumentar e são essencialmente visitas guiadas a estudantes. Quanto aos estrangeiros, são fundamentalmente grupos de peregrinos, grupos de jovens e grupos de turistas que provêm de cruzeiros que fazem escala no Porto. Para além destes, também são frequentados por turistas individuais tanto portugueses como estrangeiros.

No entanto, apesar de não investir nos meios de divulgação, a Igreja Monumento de S. Francisco encontra-se destacada em todos guias turísticos sobre a cidade e no mapa oficial, além de que possui para venda um pequeno roteiro com a localização do espólio artístico mais importante. As suas características peculiares, sendo um dos melhores exemplos do país a nível do revestimento em talha-dourada, considerada “Igreja de Ouro”, fazem com que seja bastante procurada, o que contribui também para o aumento de número de visitantes no Cemitério Catacumbal.

Torna-se claro que este complexo patrimonial é fortemente atrativo, em grande medida porque se encontra no centro histórico do Porto. Contudo, um dos pontos fracos é o difícil acesso para pessoas com dificuldades motoras, além de que acarreta elevados custos de manutenção e conservação de um património tão diversificado e historicamente importante.

Na opinião dos responsáveis, o turismo cemiterial deverá aumentar a atratividade e no caso presente dever-se-á focar a atenção sobre as capelas mortuárias, consideradas autênticas obras de arte.

4.2. Cemitérios Municipais- Cemitério Prado do Repouso e Agramonte

Segundo a Eng^a. Arnaldina Riesenberger ²² “ a filosofia que tem vindo a ser seguida pela Câmara Municipal do Porto, visa promover os cemitérios como importante herança cultural, cooperar para proteger, restaurar e assegurar a sua manutenção, criando cidadãos conscientes da importância destes espaços de interesse monumental, sensibilizando os meios académicos e a comunidade, na prossecução destes objetivos”.

²² As informações obtidas pela Eng^a. Arnaldina Riesenberger resultam de alguns *e-mails* trocados, das entrevistas dadas à Rádio TSF e da entrevista que se encontra no apêndice I.

Indo ao encontro destes objetivos, desde 2003 que a Câmara Municipal do Porto tem realizado um conjunto de ações de índole cultural inserida nos Ciclos Culturais dos Cemitérios Municipais e desde 2007, na primeira semana de junho, a “Semana à Descoberta dos Cemitérios”. “Dos diversos programas constam, concertos de órgão na Capela do Cemitério de Agramonte, animação musical litúrgica na Missa dos Fiéis defuntos, exposições, visitas guiadas e palestras. De forma inédita, desde 2012, realizam-se visitas guiadas noturnas, com cerca de 200 participantes em ambos os Cemitérios Municipais, Prado de Repouso e Agramonte.” Para isso, foi renovada a sinalética orientativa e criada a sinalética informativa, bem como a pavimentação dos caminhos. A divulgação é feita por *e-mail*, sítio eletrónico da Câmara e a distribuição de *flyers* e cartazes.

Relativamente aos participantes nas visitas guiadas são, globalmente e essencialmente “estudantes universitários, sobretudo das áreas da História, História da Arte, Arquitetura, Turismo, Fotografia e Artes Plásticas; Jovens famílias, com filhos; indivíduos isolados ou em grupo, com idades entre os 60/80, interessados em História, genealogia ou simplesmente viciados em conhecer.”²³ A distribuição quantitativa ignora-se.

Quanto aos visitantes ocasionais, têm aumentando consideravelmente a partir de 2011, fenómeno que associam à integração dos cemitérios na Rede Europeia dos Cemitérios mais Significativos e ao papel das redes sociais, onde é possível “comprovar o enorme interesse sobre os cemitérios, motivando mesmo a criação de grupos de discussão próprios, de iniciativa não oficial, com interesses na arte cemiterial, arquitetura funerária, genealogia e conhecimento histórico.”

De modo a garantir a conservação das capelas ou jazigos pretendem recorrer a fundos comunitários. No caso dos que se encontram em elevado estado de deterioração, como forma de renovação do espaço precedem à venda dos mesmos em hasta pública, como aconteceu no Agramonte em novembro de 2012, onde venderam 126 jazigos e sepulturas. Caso se tratem de jazigos com interesse patrimonial, a Câmara exige a sua preservação. Quanto ao terreno concessionado para as Ordens Religiosas, a Eng^a.

²³ No âmbito do VIII Ciclo Cultural dos Cemitérios Municipais do Porto foi realizado uma visita guiada, no dia 21 de setembro de 2012, pela Dra. Maria do Carmo Serén, ao Cemitério de Agramonte cujo tema foi “O Porto e os seus Fotógrafos II”. Nesta visita, ao qual assistimos, a Eng^a. Arnaldina Riesenberger solicitou a alguns dos 25 participantes, para que preenchessem um questionário de modo a caracterizar o perfil dos mesmos e assim terem uma noção mais concreta.

Arnaldina Riesenberger explicou que “os projetos de obras construção/reparação ou simples manutenção (...) são apreciados e acompanhados pelos Serviços”.

Em entrevista à Rádio TSF (2009), destaca o papel que a cremação (desde 1996) tem tido na gestão do espaço cemiterial, pois a ocupação dos terrenos para efeito de inumações tem diminuído. Para além disso salienta que o roseiral, para a colocação das cinzas é único no país (TSF, 2011).

4.2.1. Visita- guiada – “Semana à Descoberta dos Cemitérios”

No âmbito da comemoração da Semana dos Cemitérios Europeus que decorreu entre 27 de maio e 2 de junho de 2013, a Câmara Municipal do Porto organizou duas visitas guiadas com o Prof. Doutor Francisco Queiroz, nome associado aos primeiros estudos sobre estas questões. Estas foram realizadas no dia 1 de junho, sábado às 21.30h no Cemitério Prado do Repouso e no dia 2 de junho, às 10.30h no Cemitério de Agramonte.

O percurso do Cemitério do Prado Repouso envolveu cerca de 100 a 120 pessoas, em ambiente de controlada escuridão. Interessante de observar foi o facto de alguns dos participantes terem aproveitado para colocar velas nos túmulos dos seus familiares/conhecidos. Este iniciou-se com uma contextualização histórica, a partir do portão. O percurso seguiu por alguns jazigos, explicando-se os símbolos e narrando curiosidades sobre as pessoas aí inumadas.

Durante o percurso passamos pela Secção dos Não Católicos e pela Secção da Santa Casa da Misericórdia, sendo que terminou, onde se tinha iniciado, ou seja, no portão do lado do Largo Soares dos Reis, por volta da 00.15h.

Quanto ao Cemitério de Agramonte, iniciou-se às 10.30h, com cerca de 42 pessoas, sendo que parte delas já realizara a visita ao Cemitério do Prado do Repouso. O início do percurso fez-se a partir da capela, uma das dez capelas mais interessantes do país, devido à sua ornamentação. Seguiu-se para a área relativa à Ordem de S. Francisco, comparando com o que fora observado no Prado do Repouso. A visita guiada passou também pelo espaço da Ordem da Trindade, e pelos jazigos de algumas figuras do meio artístico (atriz Emília Eduarda e do Teatro Baquet).

4.2.1.1. O interesse pelas visitas cemiteriais – perfil, tendências²⁴

4.2.1.1.1 O perfil dos visitantes

Relativamente aos dados de caracterização sociodemográfica, das 26 pessoas que responderam, 13 são do sexo feminino e 13 do sexo masculino. Quanto às classes etárias, a média das idades situa-se nos 36 anos de idade. Em relação ao estado civil, 17 são solteiros, 6 são casados, apenas um vive em união de facto e 2 são divorciados. Relativamente às habilitações literárias, 10 frequentaram ou têm o grau de licenciatura, 8 o de mestrado, 4 o ensino secundário (10º, 11º e 12ºano) e 2 tanto o 3º Ciclo do Ensino Básico (7º, 8º, 9º ano) como o doutoramento.

Quando à ocupação profissional, 8 trabalham por conta de outrem contra 2 que trabalham por conta própria e 5 são estudantes. Em igual valor, 3 encontram-se os desempregados ou os estudantes trabalhadores por conta própria e por conta de outrem. Apenas uma pessoa é reformada e outra encontra-se noutra tipo de situação, neste caso é bolseira.

As pessoas que participaram neste inquérito residem nos concelhos do Porto (7), em Matosinhos (5), Gondomar (3), em Vila Nova de Gaia (3), na Maia (2), em Valongo (2) e uma pessoa é de Águeda, Braga, Guimarães ou Murtosa.

Assim, poder-se-á concluir que o perfil das pessoas que responderam a este inquérito tem 36 anos, é solteira(o), trabalha por conta de outrem, reside no Porto ou no Grande Porto e é licenciada.

4.2.1.1.2 Caracterização das visitas Guiadas aos Cemitérios Prado do Repouso e Agramonte

Das pessoas inquiridas, 12 assistiram a ambas as visitas guiadas, oito só à do Cemitério Prado do Repouso e seis só à do Cemitério de Agramonte²⁵. Das que participaram em ambas, 10 não têm preferência mas uma pessoa gostou mais do Prado do Repouso e outra do Agramonte.

Quanto às razões apontadas para não terem assistido à outra visita guiada, quem assistiu à do Prado do Repouso refere a incompatibilidade do dia como sendo a

²⁴ Ver apêndice V

²⁵ Claramente não seria o expectável pois foram cerca de 120 pessoas contra 42, logo seria de esperar 1/3.

principal (5), seguindo da incompatibilidade horária (2), e o facto de já conhecer o outro cemitério (1)²⁶.

Os inquiridos souberam da atividade através de amigos ou conhecidos (14), da internet (10), no local de trabalho (2) ou por familiares (1). Para além disto, 12 foram com amigos, 6 com o(a) namorado(a) ou colegas de trabalho, 5 foram sozinhos e 4 com familiares. Nenhuns dos participantes tiveram que pernoitar fora da sua área de residência, devido à localização da atividade e apenas uma pessoa, de Guimarães, pernoitou por outras razões.

Todos recomendariam a atividade, sendo que para 22 pessoas, esta foi a primeira vez que assistiram às “Visitas Guiadas aos Cemitérios Prado do Repouso e Agramonte”, no âmbito da Semana dos Cemitérios Europeus, sendo que 4 pessoas já tinham assistido às edições anteriores

Relativamente às 20 pessoas que foram à atividade do Cemitério Prado do Repouso, 14 já o conheciam. Este foi frequentado no âmbito de eventos religiosos (8); académicos (6); lazer (6); para meditar ou introspeção (2) ou profissional (1). No entanto, 6 pessoas não responderam.

Para além disto, 12 pessoas estariam dispostas a pagar pela visita guiada contra 5 que não estariam e 3 não sabem. Destas 12 pessoas, cinco estariam dispostas a pagar 3€; três, 2€; duas, 1€, sendo que uma 5€ e outra mais de 5€.

Relativamente às 18 pessoas que foram à atividade do Cemitério de Agramonte, 10 já o conheciam, 8 não. Este foi frequentado no âmbito: de eventos religiosos (5); académico (3) e por lazer (2). No entanto, 8 pessoas não responderam. Para esta visita, 12 pessoas estariam dispostas a pagar pela visita guiada contra 2 que não estariam e quatro não sabem. Cinco estariam dispostas a pagar 2€; 2 participantes 3€ e outros 2, 5€; sendo que apenas 1 estaria disposta a desembolsar 1€, 4€ ou mais de 5€.

O preço a pagar poderá ser indicador de hierarquização valorativa: porque comparando os inquéritos dos 12 participantes que foram a ambos cemitérios, nesta questão notamos duas diferenças: porque num caso, estaria disposto a pagar 3€ pela visita ao Prado do Repouso e 2€ pela do Agramonte e noutro caso, estaria disposto a

²⁶ Interessante foi observar que duas pessoas assumem o facto do Cemitério Prado do Repouso proporcionar um tipo de experiência diferente, como única razão. Relativamente à visita ao Agramonte, cinco pessoas não puderam ir no sábado e uma pessoa não foi por causa do horário da atividade.

pagar 1€ pela visita ao Prado do Repouso e não respondeu relativamente ao do Agramonte.

Dado que estamos perante um público próximo do objeto visitado, português e de idade média, as conclusões são expectáveis: a internet funciona como uma boa ferramenta de divulgação, a par do sistema de “boca-a-boca” e a proximidade (amigos). A principal razão para visitar os cemitérios, foi para assistir a eventos religiosos, nomeadamente funerais, seguida de motivos académicos e só em terceiro lugar surge o lazer. Apesar de não terem o hábito de visitar um cemitério só pelo seu interesse histórico/artístico, os inquiridos atribuiu-lhes alguma importância pois estariam dispostos a pagar pela atividade. Estes indicadores parecem encaixar numa relação de proximidade intimista, ainda pouco de observatório patrimonial.

4.2.1.1.3 A relação dos cemitérios do Porto com alguns internacionais

Já no que diz respeito às perguntas que relacionam os vários cemitérios do Porto, ou mesmo os internacionais, o leque das respostas é múltiplo.

Os cemitérios do Porto, que já foram frequentados pelos inquiridos, por ordem decrescente, são: Agramonte e Prado do Repouso (24); Catacumbal da Ordem de S. Francisco (9), Ordem da Lapa e Bonfim por 8 cada; Campanhã (5); Ramalde (4); Ingleses e Paranhos por 3 cada; e Foz do Douro, Lordelo do Ouro e Nevogilde por 2 cada, sendo que dos inquiridos ninguém foi ao do Aldoar.

Estes cemitérios foram frequentados no âmbito: lazer (14), eventos religiosos (11), académico (8), eventos culturais (7); meditar/introspeção (3), profissional (2) e 1 pessoa foi para conhecer o/fazer o culto ao Padre José Santos Ferreira Moura (no cemitério da Foz do Douro).

Os cemitérios mais frequentados, referidos pelos visitantes à pergunta acerca de visitas a outros do país, são: Prazeres (Lisboa), com 6, Alto do S. João (Lisboa), com 5; Sendim (Matosinhos) com 4; Central de Aveiro e Valongo com 3 cada; Maia e São Cosme (Gondomar) com 2 cada e Conchada (Coimbra), Espinho e Santa Marinha (Vila Nova de Gaia) com 1 cada. Para além disto, 7 pessoas afirmaram que não conhecem pessoalmente nenhum dos cemitérios indicados nem referiram outros. Os oito cemitérios que foram mencionados são: Cemitério de S. Pedro da Cova (Gondomar),

Campo (Valongo) e Sobrado (Valongo); Cemitério de Águas Santas (Maia); Lajes War Cemetery (Açores); Cemitério Monte Atoguia (Guimarães) e Cemitério de Arcozelo e Mafamude (ambos em Vila Nova de Gaia).

Relativamente à Rota Europeia dos Cemitérios mais Significativos, 15 não conhecem. Para os inquiridos, os cemitérios portugueses que acham que já devem pertencer à rota são: Prado do Repouso (19); Agramonte (17); Prazeres (13); Lapa (12); Alto de S. João (2); Conchada (2). No entanto, 2 pessoas acham que nenhum cemitério português está incluído na rota e 3 só selecionaram o Prado do Repouso e o Agramonte.

A uma escala internacional, apenas 7 pessoas conhecem um ou mais cemitérios, nomeando os seguintes: Cemitério de Veneza (Itália); Cemitério Acatólico de Roma (Itália) cemitério em Itália (perto de Trieste); Estocolmo (Suécia); Père Lachaise (Paris); Montmartre (Paris); Highgate (Londres); Corsier Sur-Vevey, e outros na Suíça; cemitérios militares na França e na Bélgica; Cemitério de Barcelona (Espanha); Finisterra (Espanha) e Cemitério de Helsínquia (Finlândia).

Quanto aos motivos alegados para a frequência dos cemitérios são: admirar a arte e arquitetura funerária (12); conhecer a história do local (cemitério/cidade), cultura (incluindo eventos,...), eventos religiosos (funerais,...), visita aos jazigos de familiares ou de amigos (6); fascínio por cemitérios e/ou morte, venerar personalidades famosas e sua história (4); introspeção/sair da rotina; lazer (3); admirar flores/jardim (2) e académicos, “cortar caminho” e tirar fotografias (1). Relativamente a esta questão salientamos a resposta do questionário nº12:

“No caso dos cemitérios de Paris, Londres a até Suíça, existe sempre a vontade de ver o local de sepultura de personalidades famosas. No meu caso tive sempre um fascínio pelo local em si, talvez pela inevitabilidade da morte, pelo silêncio, até porque me permite sair um pouco da "rotina" e meditar. Outros dos grandes fascínios dos cemitérios são a arquitetura fúnebre, e o simbolismo. Em alguns, o local como jardim é admirável.”

Observando os dados relativamente aos cemitérios mais frequentados podemos constatar que dos cinco que estamos a abordar nesta dissertação, quatro estão no top 5 dos mais visitados, sendo eles: 1º e 2º lugar: Agramonte e Prado do Repouso (17); 3º Catabumbal da Ordem de S. Francisco (9) e 4º e 5º lugar: Ordem da Lapa e Bonfim (8). O Cemitério dos Ingleses surge em 8º (3), depois de Campanhã (5) e Ramalde (4).

Alargando os motivos para todos cemitérios do Porto podemos observar que foram visitados por lazer (14); em vez de ser os religiosos, como aconteceu no caso do

Prado do Repouso e Agramonte. No entanto, os eventos religiosos vêm em 2º (11); 3º académicos (8); 4º eventos culturais (7); 5º meditar/introspeção (3); 6º profissional (2). Além disto, foi interessante observar, apesar da amostra residual, uma pessoa ter conhecido o/feito o culto ao Padre José Santos Ferreira Moura.

Alargando a escala para nível nacional, podemos constatar que os cemitérios mais visitados foram precisamente os dos mais importantes de Lisboa e de Portugal, ou seja o Cemitério dos Prazeres (6) e o Alto do S. João (5).

No inquérito foi dado a sugestão de alguns cemitérios procurando dar o exemplo do mais importante de cada concelho, mais próximo da cidade do Porto. No caso do Cemitério Central de Aveiro e da Conchada foram selecionados depois de algumas leituras que fizemos onde destacam estes exemplos. Perante os resultados podemos constatar que exceto o caso de Lisboa, o número de pessoas que conhecem os cemitérios vão sendo diluídas pelos diversos exemplos dados, o que significa que estes, como seria de esperar, têm uma importância local, só para os serviços fúnebres do concelho, mas não nacional. Com exceção é o caso do Lajes War Cemetery que não se enquadra no conceito de cemitério local, pois é nos Açores logo presumimos que tenha sido visitado para fins turísticos.

Sobre a Rota Europeia dos Cemitérios mais Significativos, 15 inquiridos não a conhecem o que significa que apesar do evento ser organizado, precisamente pelos cemitérios municipais que estão integrados na rota, esta informação não está a ser largamente difundida. Quanto ao top 5 dos cemitérios que as pessoas julgam estar inseridas na rota, foi interessante observar que ou por saberem efetivamente ou por acharem que têm grande importância, os cemitérios municipais surgem nos primeiros lugares: 1º Prado do Repouso; 2º Agramonte; seguindo do mais importante de Lisboa, o cemitério dos Prazeres.

Um vez mais o Cemitério da Lapa surge realçado como sendo dos mais importantes do Porto, neste caso, os inquiridos atribuíram-lhe uma importância a nível internacional para acharem que possui características distintivas de renome europeu.

Quanto aos motivos para visitar os cemitérios a prática desportiva em nenhuma das perguntas (13.1/14.1/15.1 e 19) foi referenciada o que significa que apesar da literatura que fizemos, em que apontem este motivo também, os participantes das visitas guiadas não veem os cemitérios como local ideal.

4.2.1.1.4 A Atratividade de locais/eventos relacionados com a morte

No que diz respeito às questões relacionadas com a visita a locais relacionados com a morte, os mais assinalados foram, os cemitérios e panteões, tendo sido referido em 18 inquéritos. As Exposições foram assinaladas em 7 inquéritos, num segundo lugar, tendo sido “O Corpo Humano Como Nunca Viu”, a exposição mais referenciada (4). Quanto às Masmorras, foram destacadas em 5 inquéritos, tendo surgido exemplos como a Cadeia da Relação do Porto; Prisão Académica de Coimbra e o Forte de Peniche (prisão no Estado Novo). Relativamente aos Locais de Conflito e Santuários foram destacados em 4 inquéritos, seguido dos Campos de Genocídio (3) e por último as Fábricas de Diversão (2).

Quanto aos motivos das visitas foram o admirar a arte/ arquitetura/beleza do espaço (8); conhecer a história do espaço, turismo/lazer (7); cultura (incluindo eventos,...), curiosidade/ interesse pelo local/morte (6); académicos/profissionais, eventos religiosos (funerais,...), sensações que transmite (3) e por último visitar os jazigos de familiares ou de amigos (1).

Apesar dos motivos de visitar lugares relacionados com os cemitérios serem muito semelhantes, quando comparados com os de visitar só cemitérios, devemos destacar que surge agora o turismo e o facto de transmitir sensações.

Como exemplo, destacamos a opinião do questionário nº 4:

“O primeiro (Campos de concentração Auschwitz-Bikernau) quis visitar para ver e sentir o resultado grotesco do ódio, do racismo, do antissemitismo, das ideias e ideais que rebaixam um ser semelhante e que ainda hoje existem e divulgam o desprezo da vida humana apenas porque de algum modo são diferentes. Penso que o conhecimento da crueldade a que o ser humano é capaz é uma motivação para conscientemente escolher não seguir esse caminho. O segundo (Campo de Batalha de Austerlitz) fui ver apenas por curiosidade cultural e histórica, de como decorriam as batalhas em seculos anteriores, posicionamentos, indumentárias, etc.”

Quando se inquiriu acerca da classificação do tipo de turismo: o Turismo Cultural domina a preferência dos inquiridos (6), seguindo o Turismo Cemiterial (4), Turismo Histórico e o Turismo Negro. O Turismo Artístico foi sugerido por 2 pessoas, por 1 pessoa temos o Turismo Arquitetónico, o Tanaturismo e classificações curiosas como o Turismo Biográfico, Turismo Eterno, Turismo Etnográfico e o Turismo Gótico (1).

Colocando os inquiridos no papel de responsáveis pela gestão de um cemitério com elevado interesse, 12 inquiridos promovia-o através da organização de visitas guiadas, sendo que 4 foram mais específicos e salientaram que estas seriam noturnas, por transmitir outra sensação. A organização de outro tipo de eventos (exposições; debates; concertos; ciclos de cinema; serviços educativos como caça ao tesouro; peças de teatro sobre a morte ou encenações de execuções públicas) foi referenciada por 7 pessoas. Alguns respondem de forma mais específica porque faziam o estudo do perfil dos visitantes/mercado (3), a inventariação e classificação do património (2) de modo a integrarem a informação em mapas/guias/livros turísticos (3), que estariam para venda (1), e em placas informativas (2). Como forma de dinamizá-lo, sempre tendo em conta a sua preservação (2), inscreviam-no na Associação Europeia Cemitérios Significativos (1) e faziam publicidade na comunicação social (3) e junto das faculdades (1).

4.3. A perspetiva dos experts: o Turismo Cemiterial, de Portugal para o Porto

“(...) o potencial turístico de um cemitério não se avalia somente pelo que contém, mas também pela sua localização, enquadramento urbano, asseio e, sobretudo, pela questão das dissonâncias no seu interior. (Queiroz, 2009:3)”

Esta afirmação ajuda a explicar o porquê de não estarem destacados todos os cemitérios portuenses nesta proposta de criação de uma Rota, bem como as divergências notórias nos cemitérios do país. Até agora analisamos o que os visitantes disseram sobre as suas experiências. Apontam algumas tendências, por vezes avaliam e hierarquizam os diferentes espaços cemiteriais, mas trata-se de uma visão de proximidade.

É a voz de alguns estudiosos acerca do património cemiterial que propõe alguns rumos classificativos de valorização de alguns cemitérios, merecedores de visitas organizadas. Por exemplo, Queiroz (2009:3) refere o caso dos cemitérios propostos em 2002 e 2003 como monumento nacional (Cemitério da Lapa, Cemitérios dos Prazeres e Cemitério Britânico de Lisboa) e os propostos como imóvel de interesse público (Cemitério de Viana do Castelo, Braga, Guimarães, Lamego, Conchada, Cemitério Setentrional da Figueira da Foz, Alto de S. João, Agramonte e Prado do Repouso) que podem ter menos potencial turístico que alguns que não foram propostos para classificação.

Contudo, alguns destes cemitérios, devido ao seu valor artístico e histórico, estão ao nível dos mais importantes do mundo, embora o seu potencial turístico se encontre numa fase embrionária. Não obstante alguns sinais são positivos, como as iniciativas de musealização de parte da Capela do Cemitério dos Prazeres de Lisboa e a colocação de sinalética nos jazigos de maior interesse que remetem para as brochuras temáticas existentes. No caso do Porto, os cemitérios municipais e não só (como se descreveu atrás) foram alvo destas iniciativas. Apesar de em nenhum dos casos existir “(...)uma estrutura especificamente vocacionada para a salvaguarda e promoção turística do património cemiterial”, a verdade é que algumas experiências tenham sido levadas a cabo (restauro em túmulos monumentais abandonados) (Queiroz, 2009:4)”. Além disto, Queiroz assume que o turismo cemiterial em Portugal não é organizado, ao contrário de França, Inglaterra, Espanha e Itália e considera que o investir nos cemitérios neste momento ainda não traz o retorno imediato, advertindo que apesar dos cemitérios ainda serem gratuitos, no futuro podem não o ser. Como exemplo temos o caso do Cemitério de Highgate (Londres), que se encontra dividido em duas áreas: a Este é de acesso livre mas devido à sua elevada procura, aos sábados realizam-se visitas guiadas com um custo de £7 por adulto; a Oeste só está acessível nas visitas guiadas, como forma de proteger a fauna e flora (Abranja et al., 2012: 1289).

Relativamente aos cemitérios municipais devemos destacar a criação do “Guia dos Cemitérios do Porto” que teve disponível nos postos de turismo. De acordo com Francisco Queiroz, em entrevista à Rádio TSF (2011), este tipo de iniciativas permite que a autarquia ganhe visibilidade e a relação dos familiares com os seus túmulos modifica-se, pois valorizam mais e sentem mais a pressão de preservar. Quanto ao Cemitério da Lapa, a Ordem foi apercebendo-se que tinham um grande potencial através das visitas guiadas, impedindo o processo de degradação e descaracterização a que estava sujeito.

Além desta vantagem, Francisco Queiroz (TSF, 2011) salienta o perfil do turista, pois tem uma média ou elevada formação e um médio ou elevado poder económico. Para este autor existem sobretudo três tipos de visitantes: nacionais do segmento do Turismo Cultural (grupo mais pequeno que tem dificuldade em visitar um cemitério sem um guia, livro ou pessoa); portugueses ou estrangeiros que procuram um turismo negro/mórbido (por exemplo os góticos) e turistas do norte da Europa, do mundo anglo-saxónico e nipónicos.

Estes turistas visitam os cemitérios essencialmente por duas razões:

- Visitar “(...) locais de elevado significado histórico, literário ou patriótico, como é o caso de túmulos de grandes escritores, músicos, líderes políticos e ideológicos, ainda que estes túmulos não tenham qualquer interesse artístico. Esta motivação nota-se em Portugal sobretudo em grupos restritos (Queiroz, 2009:6)”.
- Conhecer “(...) peças de arquitetura e escultura marcantes. Esta motivação não se nota muito em Portugal, porque os cemitérios ainda não são vistos pelo cidadão comum como repositórios de arte ou, se o são, existe ainda muita dificuldade em discernir o real valor das peças. Isto reflete falta de estudo dessas peças e, sobretudo, falta de divulgação do estudo que já foi realizado (geralmente, devido a preconceito por parte dos editores) (Queiroz, 2009:6)²⁷”

Apesar dos portugueses não visitarem um cemitério pelo espólio artístico que detém (verificou-se isso nos inquéritos atrás apresentados), não acontece o mesmo por parte dos turistas estrangeiros. Estes dissociam as duas perspetivas, a relação artística dos sentimentos de tristeza e de recordação. Francisco Queiroz (2009:6) explica que não é “mórbido para um inglês visitar um cemitério português, aplicando-se também o inverso. Tal significa que o potencial turístico dos cemitérios monumentais portugueses é maior sobretudo junto do mercado estrangeiro e especialmente junto de turistas não mediterrânicos.”

²⁷Indo encontro desta carência de informação, o Dr. Licínio Fidalgo explica que a temática do Turismo Cemiterial é muito recente em Portugal, pois data dos finais dos anos 90 mas só a partir de 2002 é que se começou a trabalhar. E a nível legislativo apesar de consultarem o Decreto-Lei nº411/98, ainda recorrem à Lei de 62 (Abranja et al., 2012: 1293).

5. Estudo de caso: A Rota dos Cemitérios do Porto

A criação de uma rota enquanto produto turístico implica a direção de uma estratégia, o que implica que incorporem no espectro mais alargado de património, recursos endógenos que intersejam com os espaços cemiteriais, entendidos como pontos de interesse do território.

Tendo em conta que o turismo, de uma forma muito redutora, baseia-se em 3A, Alojamento, Alimentação e Animação, a rota deve englobar estes mesmos aspetos, sempre que possível e interligarem-se. Assim, um recurso patrimonial associado a equipamentos e infraestruturas que vão em busca das necessidades do turismo, poderão definir itinerários turísticos que justifiquem a existência da rota e contribuir para a economia local.

Por itinerário turístico entende-se como sendo a “indicação de um caminho que pode ser seguido numa viagem entre dois locais distintos, com referências aos vários pontos de interesse turístico que se poderão encontrar pelo meio, e que está, em muitos casos, sujeito a um tema específico. Por forma a serem mais facilmente seguidos, os itinerários podem incluir indicações de distâncias e tempos previstos para as deslocações e visitas sugeridas (IPB,2012)”. A rota acaba por ser o mesmo que um itinerário, normalmente de curta duração e está associada a um tema.

No caso da Rota dos Cemitérios do Porto está estruturado em dois segmentos: o segmento complementar, que integra todos os cemitérios existentes nesta cidade, e o segmento principal que será direcionado para os mais significativos da cidade, pelo seu valor histórico, arquitetónico ou artístico. O segmento principal é constituído pelos seguintes cemitérios: Cemitério de Agramonte (1), Cemitério Britânico (2), Cemitério da Lapa (3), Cemitério Catacumbal de S. Francisco (4) e Cemitério do Prado do Repouso (5).

Figura 3 - Localização dos Cemitérios



Fonte: Google, 2013

5.1 Objetivos gerais e específicos

Objetivo geral:

- Dinamizar e valorizar os cemitérios do Porto, tornando-os num produto turístico atrativo de modo a aumentar o número de visitantes e turistas, revelando-se assim um recurso diferenciador da oferta turística da cidade.

Objetivos específicos:

- Posicionar o Porto no ranking mundial de turismo cemiterial;
- Inovar e transformar os cemitérios num produto turístico;
- Estudar e inventariar o património cemiterial existente;
- Contribuir para a salvaguarda e proteção do património cemiterial;
- Diferenciar, dinamizar e qualificar a oferta turística;
- Estabelecer parcerias com instituições religiosas, museus, associações culturais, etc;

- Coordenar e interligar os cemitérios afetos;
- Cativar novos públicos.

5.2 Análise SWOT

Observem-se e comparem-se as potencialidades e as fragilidades deste processo, prevendo as oportunidades, não obstante as possíveis dificuldades a acautelar.

Tabela 1- Potencialidades e Fraquezas

Potencialidades	Fraquezas
<ul style="list-style-type: none"> • Cemitério de Agramonte e Prado do Repouso pertencem à Rota Europeia dos Cemitérios mais Significativos, o que confere uma projeção internacional; • Cemitério Catacumbal está integrado num dos monumentos mais visitados da cidade: a Igreja Monumento de S. Francisco; • Bom estado de conservação em que se encontram; • Diversidade histórica, artística e arquitetónica do património que encerram; • Existência de roteiros disponíveis para o turista • Sinalética com informação turística; • Recursos Humanos disponíveis para informar; • Diversidade temática dos túmulos num espaço geográfico relativamente pequeno: escultores, escritores, poetas, músicos, heráldica, genealogia, simbologia, ... • Interesse das pessoas responsáveis em dinamizar o cemitério; • Alguns estão ao nível dos mais importantes cemitérios mundiais. 	<ul style="list-style-type: none"> • Gestão, inventariação e conservação em níveis diferentes; • Interesse reduzido por parte dos turistas cemiteriais; • Dificuldades de inserção dos cemitérios no setor turístico; • No caso cemitérios privados, garantir a acessibilidade ao público; • Gestão dos espaços demasiado burocrática; • Oportunidade de negócio só com resultados a longo-prazo; • Pouca consciencialização por parte de algumas das pessoas responsáveis para a necessidade de preservar o património cemiterial e seu potencial turístico; • Difícil articulação entre cemitérios públicos e privados; • Dinamização implica questões éticas; • Acessibilidade para pessoas com mobilidade reduzida nalguns; • Poucos apoios financeiros; • Recursos humanos não especializados nalguns; • Ausência de informação disponível em várias línguas; • Deficiente disponibilidade de materiais de divulgação; • Oferta cemiterial limitada; • Localização na periferia do centro histórico; • Sítios eletrónicos não abordam a oferta disponível; • Sítios eletrónicos de turismo não referem os cemitérios; • Itinerário implica recorrer a transportes e não só a pé devido distâncias e topografia acidentadas; • Visitar implica horários de funcionamento diferentes; • Ocorrência de funerais; • Fraca qualidade ou ausência de informação disponível; • Ausência de registos de visitas guiadas ou número de visitantes.

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 2- Oportunidades e Ameaças

Oportunidades	Ameaças
<ul style="list-style-type: none">• Boas acessibilidades de transportes;• Riqueza e diversidade de recursos culturais (património, artesanato, gastronomia e vinhos);• Boa capacidade oferta alojamento e restauração;• Possuem características diferenciadoras dos outros cemitérios do país;• Disponibilidade do Turismo do Porto para novos produtos turísticos;• Proximidade regional com outras cidades turísticas, nomeadamente Aveiro, Braga e Guimarães;• Estão inseridos num conjunto rico e diversificado considerado Património Mundial e Melhor Destino Europeu 2013;• A atratividade da cidade é influenciada por outros fatores: clima, património e viagens <i>low-cost</i>;• Tendência para aumentar o número de pessoas interessadas no turismo cemiterial;• Criação de parcerias entre as instituições sem que qualquer uma perda a sua própria identidade;• Criação de pontes entre o património cemiterial e diferentes tipos de públicos;• Capacidade científica para assegurar a produção de textos e informação sobre os cemitérios;• Posicionamento da marca do Porto e Norte de Portugal;• Criação de novos percursos pedestres;• Criação de novas formas de rendimento;• Alargamento da oferta cemiterial a outros espaços (igrejas);• Aumento das cremações.	<ul style="list-style-type: none">• Concorrência de pessoas não qualificadas que fazem visitas guiadas;• Sazonalidade turística da cidade;• Falta de apoios;• Conjuntura nacional económica e política desfavorável;• Tamos numa época de negação da morte: pessoas são muito minimalistas;• Desinteresse dos herdeiros na preservação mausoléus familiares;• Ausência de qualidade dos serviços daí necessidade de qualificação;• Concorrência de outros cemitérios nomeadamente os de Lisboa;• Perfil do turista da cidade não é o desejável: city short-break;• Ordens Terceiras nos cemitérios municipais possuem características de gestão diferentes.

Fonte: Elaboração Própria

5.3 Definição e descrição dos itinerários

Para otimizar a Rota, serão apresentados quatro itinerários que terão como ponto de partida a localização dos cemitérios e a existência, na periferia, de monumentos de grande valor e de excepcionais particularidades, que possam ser alvo de interesse por parte de turistas.

Além disto cientes da sinuosidade das ruas de cariz medieval e ao declive das mesmas, tentamos pensar num percurso mais agradável possível, evitando subidas ou

distâncias muito longas, sendo que quando elas são estritamente necessárias serão propostas soluções, como por exemplo o uso de transportes públicos.

Relativamente aos horários dos transportes foram calculados nos seguintes critérios: dia da semana (para evitar monumentos que encerram ao fim de semana ou o Cemitério Britânico que encerra ao domingo depois da missa) e época alta (altura do ano mais propícia ao turismo nesta cidade). Devido ao facto de os itinerários serem geograficamente bastante dispersos não foi possível, com os recursos existentes, esquematizá-los num mapa.

Decidimos então propor a criação de quatro itinerários: Locais de Descanso Eternos e o Património Mundial I e II; Porto Romântico e Noite Negra.

1. Locais de Descanso Eternos e o Património Mundial -1º Dia

O percurso “Locais de Descanso Eternos e Património Mundial” foi pensado para conjugar os cinco cemitérios em estudo com os locais ou monumentos mais importantes da cidade do Porto. Devido à enorme diversidade de atrações turísticas achamos por bem dividir esta proposta em dois dias.

Tabela 3- Locais de Descanso Eternos e o Património Mundial - 1º Dia

Hora	Local partida	Destino/ SIG	Tempo	Distância	Meio transporte
10.15h	Cemitério da Lapa	Cemitério Prado do Repouso	15 min	850m até ao metro da Lapa e 230 m do Heroísmo até ao destino	Linha do Metro A/B/C/E/F Saída: Heroísmo
11.40h	Cemitério Prado do Repouso	Praça da Liberdade (almoço)	30 min	1500 m	A pé
13.50h	Praça da Liberdade	Livraria Lello	10 min	500m	A pé
14.20h	Livraria Lello	Centro Português de Fotografia ²⁸	7 min	410m	A pé
15.30h	Centro Português de Fotografia	Torre dos Clérigos	2 min	150m	A pé
16.30h	Torre dos Clérigos	Cemitério Catacumbal	25 min	1100m	A pé

Fonte: Elaboração Própria

²⁸ Passagem pela Reitoria da Universidade do Porto e Jardim da Cordoaria.

2. Locais de Descanso Eternos e o Património Mundial -2º Dia

Tabela 4- Locais de Descanso Eternos e o Património Mundial - 2º Dia

Hora	Local partida	Destino/SIG	Tempo	Distância	Meio transporte
09.45h	Cemitério Britânico	Cemitério Agramonte	25 min	200m até autocarro e 300m da paragem até cemitério	Autocarro 201/208/591/507/601 Saída: Boavista
11.15h	Cemitério Agramonte	Praça Mouzinho de Albuquerque ²⁹	2 min	150m	A pé
15h	Casa da Musica	Museu de Serralves	30 min	100m até paragem e outros 100 da paragem até Serralves	Autocarro 203 - Castelo Queijo Saída: Museu de Serralves
17.10h	Museu de Serralves	Castelo Queijo	2 min	100 m até à paragem	Autocarro 203 - Castelo Queijo Saída: última paragem
17.30h	Castelo do Queijo	Parque da cidade	2 min	150m	A pé

Fonte: Elaboração Própria

3. Porto Romântico

Este percurso tem como base, um dos cinco percursos temáticos sugeridos pelo projeto “Caminhos do Romântico no Porto” (IGOGO, 2013), sendo que um deles “Porto do Romantismo” passa pelos jardins do Palácio de Cristal, Museu Romântico e Casa Tait.

Assim, como forma de dinamizar os únicos cemitérios românticos da Rota, o itinerário passa pelo da Lapa (primeiro cemitério romântico do país); Prado do Repouso (cemitério como o nome mais romântico do país) e pelo Agramonte.

²⁹ Visitar a Praça Mouzinho de Albuquerque e almoçar perto da Casa da Música.

Tabela 5- Porto Romântico

Hora	Local partida	Destino/SIG	Tempo	Distância	Meio transporte
10.15h	Cemitério da Lapa (após visita)	Cemitério Prado do Repouso	15 min	850m até ao metro da Lapa e 230 m do Heroísmo até ao cemitério	Linha do Metro A/B/C/E/F Saída: Heroísmo
11.40h	Cemitério Prado do Repouso	Praça da Batalha (almoço)	20 min	1000 m	A pé
13.30h	Praça da Batalha	Casa Tait	30 min	50m até ao Elétrico e 1000 m do Carmo até Casa Tait	Elétrico nº 22 Batalha-Carmo Saída: Carmo
14.10h	Casa Tait	Museu Romântico	2min	50m	A pé
14.45h	Museu Romântico	Palácio de Cristal	1 min	20m	A pé
15.40h	Palácio de Cristal	Cemitério Agramonte	25 min	200m até ao autocarro e 300m da paragem até cemitério	Autocarro 201/208/591/507/601 Saída: Boavista
17.10h	Cemitério Agramonte	Praça Mouzinho de Albuquerque	2 min	150m	A pé

Fonte: Elaboração Própria

4. Noite Negra

Tendo em conta que neste trabalho, um dos assuntos é o turismo negro, achamos que fazia todo o sentido por um percurso com uma componente de divertimento associado ao tema da morte, contando a história da cidade por uma ótica diferente. Assim, o percurso passará pelos seguintes locais:

Tabela 6- Noite Negra

Hora	Local partida	Destino/SIG	Tempo (min)	Distância (m)	Meio transporte
21.35h	Cemitério Britânico (após visita)	Torre de Pedro Sem	2min	150m	A pé
21.55h	Torre de Pedro Sem	Instituto de Medicina Legal	15m	700m	A pé
22.20h	Instituto de Medicina Legal	Hospital Sto. António	2min	100m	A pé
22.40h	Hospital Sto. António	Cadeia da Relação ³⁰	8min	400m	A pé
23.10h	Cadeia da Relação	Rua 31 de janeiro	12 min	550m	A pé
23.35h	Rua 31 de janeiro	Ponte das Barcas (pilares da Ponte Pênsil)	25min	1100m	A pé

Fonte: Elaboração Própria

³⁰ Com passagem pelo Campo dos Mártires da Pátria

5.4 A rota dos Cemitérios do Porto: da ideia ao negócio

Neste capítulo serão abordadas as estratégias que servirão para impulsionar o Porto como destino do turismo cemiterial, tendo como observatório o produto turístico que designámos por Rota dos Cemitérios do Porto. Assim, para que tal objetivo se concretize é necessária a análise e diagnóstico da envolvente interna e externa. As estratégias apresentadas neste capítulo terão em conta as respostas dadas nos inquéritos que foram apresentados no capítulo anterior, bem como o reflexo das conversas que tivemos com as pessoas responsáveis por cada um dos cemitérios no ativo.

5.4.1 Recursos necessários

Não basta criar uma rota, onde se sugere os cemitérios que merecem ser destacados, se não se der continuidade ao projeto e não existir uma entidade responsável pela sua dinamização, de modo a garantir a sua sustentabilidade económica. Para que tal seja possível, tem que ser enquadrada numa série de recursos que transformem uma mera lista de cemitérios num produto turístico, sendo eles (Figueira, 2010: 109):

Tabela 7- Recursos Necessários

Recursos	Descrição
Recursos Humanos	Diretor; técnicos dos serviços administrativos; sistemas de informação; cultura; turismo; planeamento e comunicação; finanças e património e outros profissionais.
Recursos Materiais	Equipamentos e materiais específicos como programas informáticos, instalações, entre outros.
Recursos Informativos	Recolha de informação no trabalho de campo; junto de profissionais especializados; produtos impressos (guias; manuais,...); suportes digitais; etc.
Recursos Financeiros	Promotores da Rota; parcerias; comparticipação dos governos europeu, nacional e local; patrocínio; comercialização de produtos e serviços.

Fonte: Elaboração Própria

5.4.2 Entidade responsável

Como entidade responsável pela monitorização da Rota achamos que deve ser a Câmara Municipal do Porto, através da Divisão da Higiene Pública.

A Câmara Municipal do Porto, como entidade pública, tem como obrigação o de defender os interesses de todos os seus munícipes, e de proteger e salvaguardar a identidade da cidade, que é o que a diferencia das demais cidades/locais, sendo assim o apoio a iniciativas, como esta Rota vai ao encontro dos seus objetivos. Além de que a Rota pretende contribuir para o aumento do número de postos de trabalho e ser um recurso turístico diferenciador, sendo assim uma mais-valia para o turismo da cidade.

Além do mais, a Câmara é a detentora dos dois únicos cemitérios inseridos na Rota Europeia dos Cemitérios mais Significativos, ou seja, o Prado do Repouso e o Agramonte, sendo que o único guia existente foi por iniciativa da própria.

Para além disto, aquando o início de organização das visitas guiadas aos cemitérios, em 2003, a Câmara subsidiava cerca de uma a duas visitas anuais aos cemitérios municipais mas também ao da Lapa e aos Ingleses. Este ano convidou o Cemitério da Lapa para que se integrasse no Ciclo Cultural dos Cemitérios Municipais do Porto e assim realizou-se no dia 28 de setembro uma visita guiada pelo Prof. Doutor Francisco Queiroz.

Neste sentido, a Câmara tem experiência na organização de eventos nos cemitérios que não estão sob a sua alçada, o que revela a sua capacidade de organização e gestão entre as diferentes entidades responsáveis.

Por último possui competências para auxiliar a execução do projeto, aptidão para viabilizar o mesmo, sendo que o seu organograma já integra a maior parte dos elementos necessários para a constituição da equipa multidisciplinar.

5.4.3 Público-alvo

Depois de se ter constituído a equipa, analisada a envolvente em que os elementos patrimoniais estão inseridos (análise SWOT) e definidos os objetivos, é necessário estruturar a estratégia de marketing. Neste sentido tem-se que proceder à delimitação do mercado alvo e ao posicionamento no mercado da rota³¹.

Relativamente ao nosso caso de estudo, a estratégia de cobertura do nosso mercado será o mercado diferenciado ou de segmentação, ou seja o produto, a Rota será canalizada para vários segmentos, mas serão desenvolvidas ofertas diferentes, com o objetivo de cativar esses mesmos públicos-alvo. Assim consideramos que o público-alvo é constituído por:

- Estudantes do ensino secundário ou superior;
- Indivíduos especialmente interessados (história, história da arte, escultura, arquitetura, heráldica e genealogia);
- Turistas do norte da Europa, anglo-saxónicos e Ásia;
- Turistas que pretendem o contacto com a ideia da morte (turismo negro).

Após a definição do mercado alvo, procede-se ao posicionamento no mercado, de modo a que a oferta seja planeada de forma a ocupar um lugar distinto e desejável relativamente à oferta dos concorrentes.

5.4.4. Enquadramento dos itinerários: criação elementos dinamizadores

Os itinerários só por si não têm valor se não forem integrados num conjunto de medidas que fundamente a sua existência. Sendo assim achamos necessário a criação de:

Logótipo: permite associar uma imagem gráfica a um produto e assim tornar a marca mais visível e legitimar o seu reconhecimento social. Este acompanhará e identificará todas as atividades desenvolvidas no âmbito da rota, como por exemplo as indicações rodoviárias, centro de informação, materiais de promoção e divulgação e eventos.

Sítio eletrónico: a criação de um sítio eletrónico permite que em qualquer parte do mundo se tenha acesso à informação sobre a rota e assim organizar a visita em

³¹ Informação retirada da unidade curricular “Marketing do Turismo” ministrado pelo Prof. Doutor Pedro Quelhas Brito, no âmbito deste mestrado no ano letivo 2011/2012.

função do que pesquisou. A página eletrónica tem que ser multilingue, onde se tem acesso a informações como a história, cemitérios que estão integrados; galeria fotográfica; contactos; notícias diversas; newsletter; *links* para os parceiros ou da rota ou outras instituições que possam ter interesse (espaços de alojamento, restauração, posto de turismo, Rota Europeia dos Cemitérios mais Significativos,...) e um motor de busca onde se poderá escrever o nome da pessoa a que pretendemos saber onde se encontra sepultada³².

Estará disponível também o roteiro e o mapa em formato *pdf* e o áudio-guia em formato mp3.

Centro de Informação dos Cemitérios do Porto: espaço de acolhimento e apoio aos visitantes e turistas, onde poderão ter acesso a materiais didáticos e interativos. Para além disto, terão ao dispor uma pequena biblioteca temática com fontes arquivísticas e bibliográficas; área de exposição dos materiais de informação e promoção; área de acesso à internet; espaços multiusos, aptos para o acolhimento de exposições e outros eventos. O centro deverá acolher também uma área expositiva definitiva sobre os cinco cemitérios e terá como espólio documentos, fotografias e objetos doados e recolhidos dos túmulos que se encontram abandonados.

Material de promoção e divulgação: material disponível em cada um dos cemitérios e que permita ser uma boa fonte de informação. Assim deverão ser elaboradas brochuras mais generalistas, contendo um breve historial e um mapa com a localização dos jazigos mais emblemáticos e brochuras temáticas (escultura, arquitetura, história, figuras ilustres, heráldica, genealogia, simbologia); áudio guias; monografias; inclusão nos roteiros dos guias turísticos da cidade; catálogo da exposição, etc. Estes materiais terão um código QR para dispositivos móveis (*smartphone* e *tablet*), para iOS e android, em que constará na aplicação informações sobre a rota.

Para além disto, deverão ser criados produtos diversificados que permitam que os visitantes levem uma recordação da passagem. Entre outros, devem estar incluídos peças de vestuário e acessórios; papelaria e até mesmo pequenas réplicas dos túmulos mais emblemáticos³³.

³² Veja-se o caso do Cemitério dos Ingleses de Lisboa (2013)

³³ Por exemplo, na exposição “O Corpo Humano como Nunca o Viu” poder-se-ia comprar entre outros, t-shirts, puzzles, marcadores de livros, imãs, com a fotografia real de um dos corpos presentes na mesma.

Deveria ser criado um DVD informativo e de divulgação da Rota, multilingue, com a recolha de testemunhos das pessoas que frequentam o cemitério³⁴.

Eventos: Conferências, debates, visitas guiadas, recitais de poesia, concertos, recriações históricas. A criação deste tipo de eventos deve respeitar um plano de atividades anual, para que as pessoas interessadas saibam e possam programar antecipadamente. Neste sentido, a “Semana dos Cemitérios Europeus” vai ser uma das atividades permanentes, sendo que nesta ocorrerão eventos simultâneos. O Centro de Informação também contaria com um espaço destinado aos serviços educativos, para fazer chegar a rota junto dos mais jovens.

Para além disto, ao longo do ano estaria disponível a marcação de visitas guiadas diurnas a todos cemitérios ou, caso pretendam, a um só. Além do mais deveria ser programada uma visita guiada noturna por mês, a decorrer na semana da lua cheia³⁵. Tratando-se de cinco cemitérios, estamos a falar de cinco meses que serão os da época alta (maio a setembro), quando as condições atmosféricas são mais favoráveis.

O Halloween e o Dia de Todos os Santos revela-se uma boa hipótese, sendo que todos anos pondera-se escolher um tema e criar um conjunto de ações sobre esse mesmo tema, por exemplo a criação de itinerários curtos e específicos ou conferências subordinadas ao tema em questão.

A rota deve ter em conta também:

Sinalética e caminhos: a sinalética permite que a identificação e orientação sejam feitas mais rápida e eficazmente, o que vai conduzir a uma maior satisfação e otimização do tempo. Relativamente aos caminhos, caso necessário, têm que ser refeitos ou pavimentados. Sobre estes aspetos terá que se fazer o levantamento da situação atual de cada cemitério e uniformizar os métodos utilizados, não esquecendo a sua identidade. O Cemitério Britânico pressupõe que seja diferente dos cemitérios municipais e da Lapa

³⁴ HEDDY HONIGMANN, 2007 (agradeço a indicação desde documentário sobre o Pere-Lachaise à Eng.^a Arnaldina Riesenberger).

³⁵ A Câmara Municipal de Matosinhos criou este ano o evento “Moontosinhos” em que realiza visitas guiadas noturnas em noite lua cheia, sendo que neste caso o percurso passa por monumentos e sítios patrimoniais de algum interesse. A que assistimos tinha o nome deveras sugestivo: “Vá de metro... Satanás”(CMM, 2013).

e por essa razão é que o torna emblemático. Assim, não se poderá pavimentar, mas sim utilizar materiais compactos que facilitem a acessibilidade a pessoas com deficiência visual ou mobilidade reduzida.

Canais de distribuição: a Rota será dinamizada junto dos fornecedores que são as empresas que vendem os produtos turísticos para os operadores de turismo e para as agências de viagem, onde se enquadra a área da restauração; alojamento; empresas de atividades turísticas; entre outros.

Os distribuidores são as agências de viagens que organizam os serviços dos fornecedores, interligando com a Rota e outras atrações de modo a criarem um pacote turístico para ser depois comercializado aos clientes.

Por último, temos os clientes que irão usufruir dos produtos e serviços disponibilizados pelos fornecedores e distribuidores.

Política de Comunicação: Será feita através da assessoria de imprensa e publicidade na televisão, rádio, jornais, feiras de turismo e distribuição de cartazes, brochuras, convites, guias turísticos, distribuição de materiais de *merchandising*, mapas turístico da cidade e colocação de *outdoors* nos cemitérios e através da publicidade dita “boca-a-boca”.

Como foi notório no capítulo anterior, a internet é uma excelente ferramenta de publicidade por isso, além do sítio eletrónico, a Rota deve estar nas principais redes sociais como o *Facebook* e *Twitter*.

Por último a referência da Rota junto de revistas científicas, o aumento de interesse junto da comunidade académica revela-se uma boa fonte de publicidade.

Política de Preço: o preço deve refletir a perceção que o cliente tem do produto logo tem ser determinado em função da relação entre a oferta e a procura. No caso dos produtos e serviços da Rota achamos que o material de divulgação como as brochuras e aplicação para *smartphone* e *tablet* devem ser gratuitas. Já o preço dos eventos deverá ter em conta as suas características, os custos que acarretam, as pessoas convidadas, o tipo de evento. Para além disto, tem-se que criar preços à medida do perfil dos participantes, como por exemplo crianças, estudantes, idosos, famílias, grupos,...

No entanto, se por um lado uma atividade ao ser gratuita permite chegar a um leque mais alargado de pessoas, o facto de ter um custo, por mais simbólico que o seja, atribui um valor afetivo a essa mesma atividade, além de que captaria melhor o público que vai ao encontro do nosso perfil-alvo. E como vimos anteriormente, no caso das

visitas guiadas, as pessoas em média estariam dispostas a pagar 3€, o que significa que atribuem alguma importância à atividade.

Estes elementos de dinamização e promoção são fruto do que foi observável a partir dos exemplos internacionais, nacionais e especificadamente no caso do Porto. No entanto, são uma simples abordagem do um processo mais complexo que é um projeto de criação de uma rota.

No entanto, a cidade do Porto tem um potencial de negócio e o incluir os cemitérios nos guias da cidade, destacar no mapa oficial como fazem com a Igreja Monumento de S. Francisco certamente conduzirá a que as pessoas acabem por ir os visitar, em detrimento de outras opções ou então alcançar o desejável que é visitarem tudo o que desejem e aumentar o número de 2.80 noites no Grande Porto, contribuindo assim positivamente para o turismo, alojamento, restauração e economia local.

Devemos salientar também que como vimos anteriormente todos os cemitérios no ativo permitem de uma forma mais ou menos específica a realização de visitas guiadas e a receção de turistas e visitantes, o que é de louvar. Mas achamos que nos sítios eletrónicos de cada cemitério ou referentes a eles deveria constar mais especificamente a possibilidade de realização de visitas guiadas e em que trâmites acontece, como o caso do Cemitério Alemão de Lisboa (2013).

Para além disto, se os próprios guias, operadores turísticos, agências de viagem, não promovem os cemitérios, não podemos esperar que os potenciais turistas do mercado estrangeiro (que como vimos anteriormente é aquele em que devemos apostar), os visitem pois não estão informados acerca das suas características excecionais a uma escala mundial.

O acreditar na publicidade “boca-a-boca” não chega e apesar de no Cemitério Catacumbal ter sido a política adotada, ao contrário dos cemitérios municipais que têm investido na sua divulgação, o primeiro tem uma maior procura o que leva a questionar porquê. Parece-nos, em primeiro lugar, que o facto de estar enquadrado num percurso museológico de interesse histórico e artístico extraordinário, que por si só vale muito, e ao estar integrado no centro histórico faz com que qualquer roteiro, guia, até mesmo os sítios eletrónicos de turismo o referenciem como local a ser visitado.

Não escamoteamos a impressão de um sentimento de ambivalência. Os cemitérios têm funções específicas, continuam a receber defuntos e os parentes continuam a visitar, cuidar, mais ou menos carinhosamente, os lugares de memória. O que parece colidir

com a postura dos turistas. Por isso, colocamos aqui, a título de exemplo, os seguintes comentários que foram feitos relativamente à notícia “Cidade dos Mortos nas rotas turísticas”, remetendo para a possibilidade de aparecessem turistas no dia 1 de novembro de 2010, dia de Todos os Santos.

“Fantástico!!! E não querem fazer umas raves lá também??? E que tal ver jazigos e campas pelo lado de dentro? Com mais um jeitinho abrem-se caixões! É à escolha do freguês ou do turista como lhe queiram chamar! Aproveitem uma fantástica promoção: dormida num jazigo de luxo com pequeno-almoço incluído, à noite um copo na igreja da zona, mais conhecida com o Hóstia Club. É lindo não é?? Tristeza, tudo serve para fazer dinheiro. Ai do infeliz que se lembre de adorar uma das campas dos meus entes, vai corrido à vassourada! (JN, 2010)”

Ou então,

“Eis mais um "bom motivo", para que as autarquias, com os seus acólitos, façam mais uma quantas empresas público-privadas, para exploração deste novo filão turístico. É só alguns espertos começarem a convencer os "competentes" presidentes das câmaras. Assim à custa dos mortos e dos dementes que se divertem em cemitérios, irão surgir mais uns quantos bons empregos, com a desculpa das receitas do turismo. Que sociedade de loucos!!!! (JN,2010)”

Como podemos constatar o turismo cemiterial levanta questões éticas. E se, por um lado, pretendemos que as pessoas tenham consciência da importância dos cemitérios, por outro, temos que ter em atenção que estamos a falar de espaços que reportam sentimentos de tristeza e sofrimento. Assim, a sua exploração comercial tem que contrabalançar entre os dois lados: familiares e amigos *versus* turistas. Não esquecendo também que a ética não depende só de quem promove mas também de quem usufrui e os visitantes têm que ter um comportamento adequado ao local que visitem, não obstante termos observado que as próprias instituições previnem tais comportamentos.

Assim, a criação da Rota dos Cemitérios tem que ter em consideração todos estes aspetos de modo a que sua comercialização transforme o turismo cemiterial num turismo consciente e sustentável, traduzindo-se em consequências positivas para os cemitérios, para quem os dinamiza e para toda a rede de apoio existente ao turismo.

Conclusões, limitações e recomendações

A morte, hoje em dia, sendo claramente um tabu, surge banalizada e dissimulada de modo a ser socialmente aceite. A comunicação social e até mesmo o próprio comércio vendem produtos que buscam as aspirações das pessoas: programas, livros, roupa, acessórios que de alguma maneira abordam a ideia da morte mas de forma a entreter e transmitir sempre a sensação de felicidade.

O turismo negro acaba por ser uma maneira de reconciliação entre o indivíduo e o seu maior receio: a ideia da morte e da certeza que vai morrer. A morte, sempre latente associada a fatores históricos, culturais, leva a que os turistas dediquem o tempo que tem de lazer a locais que permitem esta mesma reconciliação. O que leva a que os cemitérios, um dos exemplos de turismo negro, acabem por ser uma das hipóteses possíveis.

No entanto, quando falamos de turismo associado a cemitérios a literatura divide-se entre turismo cultural e turismo cemiterial, embora a linha que separa um do outro é muito ténue, tendo nós optando pelo segundo conceito.

O turismo cemiterial encontra-se em franca expansão em Portugal, seguindo os exemplos máximos do que se tem feito lá fora, conduzindo, assim a um aumento de interesse por parte das pessoas ou entidades responsáveis em dinamizá-los e esta gestão por outro lado capta cada vez mais turistas, embora não tenhamos dados quantitativos coerentes.

Esta consciencialização tem-se repercutido positivamente e têm sido tomadas medidas como a inventariação, conservação, preservação do património funerário, apesar de nem todos cemitérios estarem ao mesmo nível. Além destas ações devemos salientar o contributo científico, pois como vimos, um dos principais motivos de os visitantes terem ido aos cemitérios do Porto, foi o da concretização de trabalhos académicos. Ou seja, cada vez mais está a ser criada uma consciencialização coletiva da importância deste tipo de património, o que levará, a médio prazo, à mudança de atitude por parte dos operadores turísticos, tanto mais que significa sempre uma gama de algum potencial económico.

Os cemitérios do Porto têm potencialidades como recurso turístico e podem ser um elemento-âncora para a criação de uma rota. O facto de serem utilizados como espaços de lazer salienta o valor artístico, histórico e até mesmo o lado intangível, que são as memórias, agregadas a uma cidade considerada Património Mundial são fatores-chave para colocá-los numa posição de destaque a nível mundial.

Assim o presente trabalho pretendeu fazer um levantamento da literatura existente sobre a morte: as atitudes tomadas ao longo dos séculos por parte da sociedade, o que conduziu ao surgimento do turismo negro, partindo para o caso específico do turismo cemiterial. Neste sentido, achamos oportuno explicar a mutação que ocorreu no significado da sepultura, em que passou de um lugar de inumação, no sentido restrito para lugar de reprodução social e de memória. E foram estas valências que os tornaram em lugares incríveis e imprescindíveis de serem visitados por determinado tipo de turistas.

Contudo, como vimos, estamos a falar de conceitos, comportamentos muito recentes na história do turismo, e não esquecendo o preconceito associado, a morte, o turismo negro, o turismo cemiterial ainda estão numa fase embrionária relativamente à literatura existente.

Os estudos sobre cemitérios em Portugal têm sido essencialmente a nível teórico relativamente à História e à História da Arte, áreas estas que abordamos um turismo dependente das características intrínsecas, mas o nosso objetivo foi o outro lado, o lado de quem procura o quê, e quem dinamiza e como, ou seja, o lado prático.

Assim a proposta da criação de uma Rota dos Cemitérios do Porto, surgiu a partir dos elementos recolhidos na área de marketing mas o cerne foi a ótica do turismo que lhe está inerente.

Cientes das limitações, achamos que deveríamos ter alargado mais o espectro dos cemitérios abordados, dando maior ênfase aos que restaram e que mereciam talvez um maior destaque. Como por exemplo o Cemitério do Bonfim, único cemitério privado que não foi incluído no segmento principal e poderá ter algum potencial turístico também. E o Cemitério da Foz do Douro, que poderia ter adicionado novos elementos a se ter em conta, devido ao facto de possuir uma Capela-Jazigo onde está exposto o corpo do Reverendo Padre José dos Santos Ferreira Moura.

Além do mais, faria todo o sentido estudar mais exaustivamente o lado dos turistas, aqueles que se deslocam fora da área de residência por um período superior a

24 horas, pois o nosso estudo baseou-se em visitantes. Neste sentido, por exemplo, ter-se-ia que ir mais vezes fazer trabalho de campo e ir para os cemitérios, aguardar a sua chegada e então assim abordá-los, o que, por questões de disponibilidade, revelou-se uma opção inviável.

Por último, esperemos que esta dissertação aguçe o interesse no turismo cemiterial e a proposta da rota tem o objetivo de dar coerência às visitas. O cemitério, por si só, pode não atrair grandes massas e provavelmente é dos locais que mais problemas de carácter ético colocará, sobretudo porque colide com as práticas dos que os visitam por carinho e proximidade com os falecidos. Mas, por isso mesmo, ajuda a compreender como os cemitérios são cidades que imitam as cidades, com construções estilísticas invulgares, com jardins aprazíveis, marcados pelo silêncio a pela contemplação. Afinal fazem parar, e estão mesmo dentro da cidade, lado a lado com o bulício quotidiano...

Referências Bibliográficas

ABRANJA, Nuno Alexandre et. al. – Conhecimento e práticas do turismo cemiterial: um mercado emergente no setor. *Turismo e Desenvolvimento*. Vol.3, nº 17/18 (2012), p. 1285-1297. ISBN 1645.9261.

AFONSO, Liliane Rosa Gones – *Turismo cemiterial: o cemitério como espaço de lazer*. Minas Gerais: Universidade Federal, 2010. Dissertação de mestrado. Disponível em [\[http://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&frm=1&source=web&cd=1&ved=0CC0QFjAA&url=http%3A%2F%2Fbiblioteca.igc.ufmg.br%2Fmonografias%2FTurismo%2F2010%2FLiliane%2520Rosa%2520Gomes%2520Afonso%2Ftcc81.pdf&ei=8JVDUvi5FqfF7Ab6w4GYBw&usg=AFQjCNFT4-ebJihvJCaiEcR39PfHuOhrOA&sig2=XK5RLmZqoy2MA8uEVPGotg\]](http://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&frm=1&source=web&cd=1&ved=0CC0QFjAA&url=http%3A%2F%2Fbiblioteca.igc.ufmg.br%2Fmonografias%2FTurismo%2F2010%2FLiliane%2520Rosa%2520Gomes%2520Afonso%2Ftcc81.pdf&ei=8JVDUvi5FqfF7Ab6w4GYBw&usg=AFQjCNFT4-ebJihvJCaiEcR39PfHuOhrOA&sig2=XK5RLmZqoy2MA8uEVPGotg), consultado a 17 de novembro de 2012.

ALMEIDA, Marcelina das Graças de – *A cidade invicta e os espaços de enterramento: apontamentos bibliográficos*. Porto: Universidade Portucalense, s/d. Disponível em [\[http://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&frm=1&source=web&cd=1&ved=0CC0QFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.geocities.ws%2Fadarantes%2Ftextos_marcelina%2F3.doc&ei=HKY_UubLJYOAHAeqsYGgDg&usg=AFQjCNFnHVshy0FBXv5txU0Kl_Tf13t2qQ&sig2=LtXe6oM_ysHwqdZwHuzIkg&bvm=bv.52434380,d.Yms\]](http://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&frm=1&source=web&cd=1&ved=0CC0QFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.geocities.ws%2Fadarantes%2Ftextos_marcelina%2F3.doc&ei=HKY_UubLJYOAHAeqsYGgDg&usg=AFQjCNFnHVshy0FBXv5txU0Kl_Tf13t2qQ&sig2=LtXe6oM_ysHwqdZwHuzIkg&bvm=bv.52434380,d.Yms), consultado a 4 de maio de 2013.

ARIÈS, Philippe – *Sobre a história da morte no Ocidente desde a Idade Média*. 4ª ed. Lisboa : Teorema, 2010. ISBN: 978-972-695-948-9.

BESSA, Alda Mónica Coelho- *Memória e Saudade: Os túmulos de João Henrique Andresen e João Henrique Andresen Júnior, no Cemitério de Agramonte*, Porto: Faculdade de Letras, 2012. Dissertação de mestrado. Disponível em [\[http://sigarra.up.pt/flup/pt/publs_pesquisa.FormView?p_id=36305\]](http://sigarra.up.pt/flup/pt/publs_pesquisa.FormView?p_id=36305), consultado a 22 de fevereiro de 2013.

CARRASCO, Gessonia Leite de Andrade; NAPPI, Sérgio Castello Branco – Cemitérios como fonte de pesquisa, de educação patrimonial e de turismo. *Museologia e Patrimônio*. Vol.2, nº 2 (2009), p. 46-60. Disponível em [<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/60/7>], consultado a 16 de dezembro de 2012.

CASTRO, Trilha Elisiana – *Cemitérios em destaque: iniciativas nacionais e internacionais pela preservação do património funerário*. 2010, p. [1-10]. Disponível em [<http://elisianacastro.files.wordpress.com/2009/06/artigo-elisiana-abec2010-patrimonio-funerario-iniciativas-nac-e-int.pdf>], consultado a 20 de junho de 2013.

CATROGA, Fernando – *O céu da memória: cemitério romântico e culto cívico dos mortos*. Coimbra: Livraria Minerva Editora, 1999. ISBN 972-8318-69-3.

COUTINHO, Belmira; BAPTISTA, Maria Manuel – Cemitério Central de Aveiro: entre a vida e a morte. *Atas do Congresso A Europa das Nacionalidades - Mitos de Origem: Discursos Modernos e Pós-Modernos*. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2011, p.105-106. Disponível em [<http://mariammanuelbaptista.com/publicacoes.htm>], consultado a 30 de abril de 2013.

COUTINHO, Belmira – *Há morte nas catacumbas? Um estudo sobre turismo negro*. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2012. Dissertação de mestrado. Disponível em [https://ria.ua.pt/bitstream/10773/10167/1/Dissertacao_Belmira_Coutinho.pdf], consultado a 15 de maio de 2013.

DELAFORCE, John - “*Anglicans Abroad: the history of the Chaplaincy and Church of St James at Oporto*”. Londres: Ebenezer Baylis and Son, Ltd, 1982. ISBN 0 281 03842 2.

FIDALGO, Vanessa – *Histórias de um Portugal assombrado*. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2012. ISBN 978-989-371-3.

FIDALGO, Vanessa – *101 lugares para ter medo em Portugal*. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2013. ISBN 978-989-626-467-3.

FIGUEIRA, Luís Mota – *Manual para elaboração de roteiros de turismo cultural*. Tomar: Instituto Politécnico de Tomar, 2010. ISBN 978-972-9473-66. Disponível em [http://www.cespoga.ipt.pt/new/?page_id=340], consultado a 28 de agosto de 2013.

HAMPTON, John D. – *History of the Lisbon Champlaincy*. 2º ed. Sintra: Minerva Comercial Sintrense, Lda., 1989.

MONTEIRO, Jaqueline de Oliveira et. al. - Turismo Macabro: Conhecer para Entender; Entender para (Des)construir. *VII Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo*. São Paulo: Universidade Anhembi Morumbi, 2010. Disponível em

[http://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&frm=1&source=web&cd=1&ved=0CC0QFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.anptur.org.br%2Focs%2Findex.php%2Fseminario%2F2010%2Fpaper%2FdownloadSuppFile%2F839%2F401&ei=x4M_Uqm3LaT17Ab3hYGwAQ&usg=AFQjCNHAprgGuXuC5zDY5HiDCJabaX07_Q&sig2=cScNMRSVbUD85wEmG9wx7Q], consultado a 19 de março de 2013.

MOREIRA, Gleison de Oliveira – Cemitérios oitocentistas como lugares de memória. In *Fragmentos de Cultura*. Goiânia. Vol. 17, nº 9-10 (2007), p. 839-853. Disponível em [<http://revistas.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/471/391>], consultado a 17 de dezembro de 2012.

NIEMALÄ, Titta – *Motivation factors in dark tourism – case: House of Terror*. Lahti: University of Applied Sciences, 2010. Dissertação de bacharelato. Disponível em [<http://publications.theseus.fi/handle/10024/14984>], consultado a 4 de outubro de 2012.

OLÍVIA, Samira Adel Osman; RIBEIRO, Cristina Ferreira – Arte, história, turismo e lazer nos cemitérios da cidade de São Paulo. *Licere*. Belo Horizonte. Vol.10, nº1(2007), p.1-15. Disponível em [http://www.anima.eefd.ufjf.br/licere/pdf/licereV10N01_a6.pdf], consultado a 26 de abril de 2013.

QUEIROZ, Francisco (a)– *Cemitérios do Porto: Guide to Oporto Cemeteries*. Porto: Inova-Artes Gráficas, 2000. Depósito Legal 157010/00.

QUEIROZ, Francisco (c) – *Os Cemitérios do Porto e a arte funerária oitocentista em Portugal: Consolidação da vivência romântica na perpetuação da memória*. Vol. I, Tomo 1º. Porto: Universidade do Porto, 2002. Tese de doutoramento.

QUEIROZ, Francisco (d) – *Os Cemitérios do Porto e a arte funerária oitocentista em Portugal: Consolidação da vivência romântica na perpetuação da memória*. Vol. I, Tomo 2º. Porto: Universidade do Porto, 2002. Tese de doutoramento.

QUEIROZ, Francisco – *Os Cemitérios Históricos e o seu Potencial Turístico em Portugal*. 2009. Disponível em [<http://21gramas.pt/Uploads/17480711200709.pdf>], consultado a 20 de janeiro de 2013.

SOUSA, Gonçalo de Vasco (a) – A transferência dos restos mortais de Francisco de Almada e Mendonça para o cemitério do Prado do Repouso. *Arte e Sociabilidade no Porto Romântico*. Porto: Universidade Católica Portuguesa, 2009, p.91-96. ISBN 978-989-95776-5-7.

SOUSA, Gonçalo de Vasco (b) – Subsídios para uma iconografia da morte no Porto do século XIX(I). *Arte e Sociabilidade no Porto Romântico*. Porto: Universidade Católica Portuguesa, 2009, p.105-119. ISBN 978-989-95776-5-7.

SOUSA, Gonçalo de Vasco et. al. – Monumentos à saudade: jazigos de brasileiros em cemitérios portuenses. *Arte e Sociabilidade no Porto Romântico*. Porto: Universidade Católica Portuguesa, 2009, p. 155-166. ISBN 978-989-95776-5-7.

STONE, Philip R. – A dark tourism spectrum: Towards a typology of death and macabre related tourist, attractions and exhibitions. *Tourism*. Preston. University of Central Lancashire. vol. 54, nº 2 (2006), p.145-160. Disponível em [<http://www.dark-tourism.org.uk/research-publications>], consultado a 10 de outubro de 2012.

STONE, Philip R; SHARPLEY, Richard – Consuming Dark Tourism: A thanatological perspective. *Annals of Tourism Research*. Preston. University of Central Lancashire. vol. 35, nº 2 (2008), p. 574–595. Disponível em [<http://www.dark-tourism.org.uk/research-publications>], consultado a 10 de outubro de 2012.

STONE, Philip R. – Dark tourism and significant other death: towards a model of Mortality Mediation. In *Annals of Tourism Research*. Preston. University of Central Lancashire. vol. 39, nº 3 (2012), p.1565–1587. Disponível em [<http://www.dark-tourism.org.uk/research-publications>], consultado a 10 de outubro de 2012.

STONE, Philip R. – *Death, Dying and Dark Tourism in Contemporary Society: A Theoretical and Empirical Analysis*. Lancashire: University of Central Lancashire, 2010. Dissertação de doutoramento. Disponível em [<http://www.dark-tourism.org.uk/research-publications>], consultado a 10 de outubro de 2012.

STONE, Philip R; SHARPLEY, Richard – Dark tourism: towards a new post-disciplinary research agenda. *J. Tourism Anthropology*. Vol.1, nº 3/4(2011), p.318-332. Disponível em [http://works.bepress.com/cgi/viewcontent.cgi?article=1039&context=philip_stone], consultado a 10 de outubro de 2012.

VIEIRA, Maria de Fátima S. B.; REBELO, Maria Manuela Maia – *Venerável Irmandade de Nossa Senhora da Lapa*. Porto: Lemos & Moutinho – Artes Gráficas Lda., 2001. ISBN 972-98740-0-X.

YUILL, Stephanie Marie – *Dark tourism: understanding visitor motivation at sites of death and disaster*. Texas: Texas A&M University, 2003. Dissertação de mestrado. Disponível em [<http://repository.tamu.edu/handle/1969.1/89>], consultado a 4 de março de 2013.

Material não livro

TRÉFAUT, Sérgio (2009) - **A cidade dos mortos** [Registo vídeo]. Lisboa: Alambique.
1 DVD vídeo (62 min.). PAL.

QUEIROZ. Francisco (d)– **O Cemitério da Lapa** [desdobrável]: The Lapa Cemetery.
Porto: Venerável Irmandade de Nossa Senhora da Lapa, 2000.

VENERÁVEL ORDEM TERCEIRA DE S. FRANCISCO DO PORTO (VOTSFP) –
Igreja Monumento de S. Francisco [desdobrável]: roteiro. Porto: s/ed., s/d.

Recursos Eletrónicos

ASSOCIATION OF SIGNIFICANT CEMETERIES IN EUROPE (ASCE) (2011) –
Homepage. Disponível em [<http://www.significantcemeteries.org/>], consultado a 13 de maio de 2013.

BECKER (1995) – *A negação da morte*. Disponível em [http://books.google.pt/books/about/A_nega%C3%A7%C3%A3o_da_morte.html?id=3keJ9rEquBEC&redir_esc=y], consultado a 11 de março de 2013.

CÂMARA MUNICIPAL de MATOSINHOS (CMM) (2013) - *Moontosinhos: “Vá de Metro...Satanás”*. Disponível em [http://www.cm-matosinhos.pt/pages/242?news_id=2613&fb_action_ids=486322014779098&fb_action_types=og.likes&fb_source=other_multiline&action_object_map=%7B%22486322014779098%22%3A690943177589265%7D&action_type_map=%7B%22486322014779098%22%3A%22og.likes%22%7D&action_ref_map=%5B%5D], consultado a 5 de setembro de 2013.

CÂMARA MUNICIPAL do PORTO (CMP) (2007) – *Higiene Pública*. Disponível em [<http://www.cm-porto.pt/gen.pl?p=stories&op=view&fokey=cmp.stories/2375>], consultado a 22 de maio de 2013.

CÂMARA MUNICIPAL do PORTO (CMP) (2011) – *Sensos 2011*. Disponível em [<http://www.cm-porto.pt/gen.pl?p=stories&op=view&fokey=cmp.stories/259>], consultado a 9 de julho de 2013.

CASA DO FAUNO (2013) – *Eventos*. Disponível em [<https://www.facebook.com/casadofauno?fref=ts>], consultado a 22 de setembro de 2013.

CENTRO PORTUGUÊS DE FOTOGRAFIA (CPF) (2011) – *Edifício*. Disponível em [<http://www.cpf.pt/edificio.htm>], consultado a 10 de agosto de 2013.

CEMENTERIO RECOLETA (2012) – *Homepage*. Disponível em [<http://www.cementeriorecoleta.com.ar/>], consultado a 22 de maio de 2013.

CEMITÉRIO ALEMÃO DE LISBOA (2013) - *A IEAL e o turismo*. Disponível em [<http://www.dekl.org/português/a-ieal-e-o-turismo/>], consultado a 6 de agosto de 2013.

CEMITÉRIO INGLESES LISBOA (2013) – *Find a grave*. Disponível em [<http://www.findagrave.com/cgi-bin/fg.cgi?page=cr&CRid=639460>], consultado a 26 de abril de 2013.

CIMITERY MONUMENTALE DI STAGLIENTO (2012) – *Homepage*. Disponível em [<http://www.staglieno.eu/it/>], consultado a 22 de maio de 2013.

COSTASUR (2013) – *Clima do Porto*. Disponível em [<http://porto.costasur.com/pt/clima.html>], consultado a 30 de abril de 2013.

DESEJO SEM LIMITES (2012) - *O corpo humano como nunca o viu*. Disponível em [<http://www.desejosemlimites.com/trabalhos/o-corpo-humano-como-nunca-o-viu-porto>], consultado a 7 de abril de 2013.

FUNDAÇÃO BATALHA ALJUBARROTA (FBA) (2002) – *Centro de Interpretação*. Disponível em [<http://www.fundacao-aljubarrota.pt/?idc=15>], consultado a 10 de junho de 2013.

GHOST TOURS PORTUGAL (2013) – *Homepage*. Disponível em [<http://www.ghost-tours-portugal.pt/>], consultado a 13 de agosto de 2013.

GOOGLE (2013) – *Google Earth*. Disponível em [<http://www.google.com/earth/index.html>], consultado a 2 de setembro de 2013.

HISTÓRIA DE PORTUGAL (2012) – *Cadeia da Relação do Porto*. Disponível em [<http://www.historiadeportugal.info/cadeia-da-relacao-porto/>], consultado a 11 de julho de 2013.

HEDDY HONIGMANN (2007) – *Forever*. Disponível em [<http://www.heddy-honigmann.nl/hhonigmann/films/forever/index.php>], consultado a 24 de julho de 2013.

HOSPITAL DA LAPA (2013) – *Cemitério da Lapa*. Disponível em [<http://www.hospitaldalapa.com/engine.php?cat=45&area=45>], consultado a 27 de março de 2013.

IGOGO (2013) – *Caminhos do romântico*. Disponível em [<http://www.igogo.pt/caminhos-do-romantico/>], consultado a 11 de agosto de 2013.

INFOPIEDIA (2003) – *Ponte Hintze Ribeiro*. Disponível em [[http://www.infopedia.pt/\\$ponte-hintze-ribeiro](http://www.infopedia.pt/$ponte-hintze-ribeiro)], consultado a 25 de março de 2013.

INSTITUTO POLITÉCNICO BEJA (IPB) (2012) – *Definições*. Disponível em [<http://www.estig.ipbeja.pt/~pmmssc/git/definicoes.pdf>], consultado a 17 de dezembro de 2012.

JORNAL DE NOTÍCIAS (JN) (2010) – *Sociedade*. Disponível em [http://www.jn.pt/PaginaInicial/Sociedade/Interior.aspx?content_id=1699583&page=-1], consultado a 8 de dezembro de 2012.

JORNAL DE NOTÍCIAS (JN) (2011a) - *Angélico morreu*. Disponível em [http://www.jn.pt/PaginaInicial/Media/Interior.aspx?content_id=1891230&page=-1], consultado a 29 julho de 2013.

JORNAL DE NOTÍCIAS (JN) (2011b) - *Angélico pode vir a estar ligado ao ventilador vários dias*. Disponível em [http://www.jn.pt/PaginaInicial/Media/Interior.aspx?content_id=1889631&page=-1], consultado a 8 julho de 2013.

P3 (2013) – *Vícios*. Disponível em [<http://p3.publico.pt/vicios/em-transito/8331/porto-e-o-melhor-destino-europeu-de2013-para-lonely-planet>], consultado a 14 de novembro de 2012.

PORTO E NORTE (2013) - *Client*. Disponível em [<http://www.portoenorte.pt/client/skins/geral.php?page=9&cat=2&top=1>], consultado a 31 de julho de 2013.

PORTO TOURS (2013) – *Destaques*. Disponível em [<http://www.portotours.com/indexpt.php?op=catalog&method=list&idCategory=1>], consultado a 31 de maio de 2013.

PORTO TURISMO (2013) - *Visitar*. Disponível em [<http://www.portoturismo.pt/Visitar/Paginas/default.aspx>], consultado a 4 de maio de 2013.

QUEIROZ, Francisco (2001) - *Turismo Cemiterial: Possibilidades, Limites, Desafios*. Disponível em [<https://www.facebook.com/events/203835792960142/>], consultado a 17 de janeiro de 2013.

SINTRA SUBTERRANEA (2013) – *Homepage*. Disponível em [<https://www.facebook.com/groups/sintra.subterranea/>], consultado a 7 de julho de 2013.

ST JAMES CHURCH (2013) – *Homepage*. Disponível em [<http://www.stjamesoport.org/welcome.htm>], consultado a 4 de setembro de 2013.

TSF (2009) – *Programas*. Disponível em [http://www.tsf.pt/programas/programa.aspx?content_id=918070&audio_id=1040961], consultado a 20 de junho de 2013.

TSF (2011) – *Programas*. Disponível em [http://www.tsf.pt/Programas/BlogsMaisCedo.aspx?content_id=1016877&audio_id=1838719], consultado a 20 de junho de 2013.

VISIT PORTO TRAVEL (2013a) – *Noticia*. Disponível em [<http://www.visitporto.travel/Visitar/Paginas/noticia.aspx?noticia=437&lang=pt>], consultado a 17 de setembro de 2013.

VISIT PORTO TRAVEL (2013b)- *Viagem*. Disponível em [<http://visitporto.travel/Visitar/Paginas/Viagem/Viagem.aspx>], consultado a 17 de setembro de 2013.

VISIT PORTO TRAVEL (2013c) – *Cemitério dos Ingleses*. Disponível em [<http://www.visitporto.travel/Visitar/Paginas/Descobrir/DetalhesPOI.aspx?POI=2292>], consultado a 17 de setembro de 2013.

Apêndices

Apêndice I -Entrevistas por *e-mail* às pessoas representantes de cada um dos cemitérios

Cemitério Britânico

Dr. Terry Weineck

tgweineck@sapo.pt

7 de setembro de 2013

1. Qual é a sua opinião sobre a situação do turismo cemiterial em Portugal?

Cemeteries are not normally big tourist attractions, but if a short paper is written about the main cemeteries pointing out a few important points about the cemetery this could encourage a lot more interest. The description should be in several languages e.g. Portuguese, French, German and English

2. Há quantos anos se fazem visitas guiadas ao cemitério?

I do not know when guided tours first began at St James cemetery, but there were certainly visits after shortly the second world war when British groups came to visit our war graves of men killed during that war.

3. Quantas visitas guiadas foram realizadas por ano, desde que começaram a ser feitas?

(Caso estes dados não estejam registados/disponíveis, peço que faça uma estimativa anual do número de visitas guiadas ou então do número de visitantes)

There are some records in the visitor's book of groups of children from Portuguese schools visiting 2-3 times per year. Other than that we have family groups visiting graves of ancestors and these groups use the opportunity of making a general visit to the cemetery. Sometimes with a guide and sometimes without. These also take place a few times per year are not normally recorded.

4. Qual é o perfil das pessoas que visitam o Cemitério Britânico?

Students, families tracing ancestors, cultural groups and historical societies.

5. Quais são os motivos das pessoas que visitam o cemitério?

Already answered in preceding questions – Cultural education, family interests and historical interests.

6. Que tipo de atividades/iniciativas já foram realizadas? E quais pretendem fazer?

Other than our website and Brochures, and an occasional written article we no advertising initiatives

7. Quais são os meios de divulgação que utilizam?

See 6 above and also the attached article which I wrote recently for the Church magazine (Well).

8. Quais são as Potencialidades, Fraquezas, Oportunidades e Ameaças do Cemitério Britânico (análise SWOT)?

Potencialidades: Very limited but always an important point of reference for those nations who have well known historical personalities buried there.

Fraquezas: The cemetery is practically full with very few spaces available for new graves.

Oportunidades: Many people are choosing to be cremated these days and cremated remains (ashes) require very little space in a cemetery. We are addressing this issue by making smaller plots available for the burial of ashes.

Ameaças: I am not aware of any specific threat.

9. O que acha que se poderia fazer relativamente aos cemitérios mais importantes do

Porto? (Agramonte, Britânico, Catacumbal da Ordem de S. Francisco, Nossa Senhora da Lapa e Prado do Repouso).

I think that this is partially answered in 1. above. A small brochure in various languages on the main cemeteries in Porto highlighting the points of interest and made available at tourist offices would be a good introduction. It must be short as tourists do not want to have too much to read as the move from place to place. e.g. my attached article as published in the Well magazine would be too long and would need to be summarised further.

Cemitério da Nossa Senhora da Lapa

Dr^a Jacqueline Leal Ribeiro

secretariado@hospitaldalapa.com

16 de setembro de 2013

1. Qual é a sua opinião sobre a situação do turismo cemiterial em Portugal?

Pouco Explorado

2. Há quantos anos se fazem visitas guiadas ao cemitério?

Há muito mais de 30 anos.

3. Quantas Visitas guiadas foram realizadas por ano, desde que começaram a ser feitas?

(Caso estes dados não estejam registados/disponíveis, peço que faça uma estimativa anual do número de visitas guiadas ou então do número de visitantes)

Número variável, porém bastantes, principalmente ao escritor Camilo Castelo Branco.

4. Qual é o perfil das pessoas que visitam o Cemitério da Nossa Senhora da Lapa?

Professores, estudantes e demais pessoas ligadas a cultura e simples curiosos.

5. Na sua opinião, quais são os motivos das pessoas que visitam o cemitério?

As pessoas ligadas a literatura, pelos ilustres personagens que aqui se encontram, às artes e a arquitetura.

6. Que tipo de atividades/iniciativas já foram realizadas? E quais pretendem fazer?

Continuar a permitir o acesso das pessoas isoladamente ou de excursões ao nosso cemitério, seja qual for o motivo que as traz.

7. Quais são os meios de divulgação que utilizam?

Página na InterNet.

8. Quais são as Potencialidades, Fraquezas, Oportunidades e Ameaças ao Cemitério da Lapa (análise SWOT)?

Potencialidades:

Fraquezas:

Oportunidades: O estudo de uma época, Séc. XVIII

Ameaças: A falta de espaço para exercer a sua função.

9. O que acha que se poderia fazer relativamente aos cemitérios mais importantes do Porto? (Agramonte, Britânico, Catacumbal da Ordem de S. Francisco, Nossa Senhora da Lapa e Prado do Repouso)

Conceder franco acesso a todos eles e possibilidades a visitas de grupo devidamente marcadas, a presença de alguém que pudesse ajudar a melhor compreensão do que existe e do que vê.

Cemitério Catacumbal da Ordem de S. Francisco

Dra. Analdina Sousa Rocha

museu@ordemsaofrancisco.pt

18 de setembro de 2013

1. Qual é a sua opinião sobre a situação do turismo cemiterial em Portugal?

Temos em Portugal cemitérios com capelas mortuárias que são autênticas obras de arte e por isso deve ser divulgadas para ser apreciadas.

2. Há quantos anos se fazem visitas guiadas à Igreja e Cemitério Catacumbal S. Francisco?

Não há registos documentais, mas trabalho na Instituição há 15 anos e desde essa altura posso garantir que são feitas visitas guiadas ao Percurso Museológico da Ordem Terceira de S. Francisco – igreja monumento, museu de arte sacra e cemitério catacumbal.

3. Quantas visitas guiadas foram realizadas por ano, desde que começaram a ser feitas?

(Caso estes dados não estejam registados/disponíveis, peço que faça uma estimativa anual do número de visitas guiadas ou então do número de visitantes)

Temos uma média de 250.0000 visitantes anualmente, destes 50.000 usufruem da visita guiada realizada pelos nossos serviços, a outra maioria vem em grupos, acompanhados de Guia Oficial de Turismo.

4. Qual é o perfil das pessoas que visitam a Igreja e o Cemitério Catacumbal S. Francisco?

Temos vários tipos de público: grupos de peregrinos, grupos de cruzeiros, grupos de jovens, grupos escolares e turismo individual, muito diversificado.

90% dos nossos visitantes são estrangeiros, os restantes 10% são nacionais, e esta % tem vindo a aumentar.

5. Na sua opinião, quais são os motivos das pessoas que visitam a Igreja e o Cemitério Catacumbal S. Francisco?

A igreja Monumento de S. Francisco é um dos Ex Libris da cidade do Porto, ninguém consegue ficar indiferente em relação ao seu interior, todo forrado a Talha dourada, é denominada a Igreja de ouro.

6. Que tipo de atividades/iniciativas já foram realizadas? E quais pretendem fazer?

7. Quais são os meios de divulgação que utilizam?

O visitante que nos visita passa a informação a outro, é a dita divulgação de boca a boca.

8. Quais são as Potencialidades, Fraquezas, Oportunidades e Ameaças da Igreja e o Cemitério Catacumbal S. Francisco (análise SWOT)?

Potencialidades: boa localização, excecional decoração.

Fraquezas: difícil acesso a pessoas com limitações motoras.

Oportunidades: inserida no centro histórico do Porto, que está a ser melhorado.

Ameaças: Onerosa conservação e manutenção de um património tão antigo e tão vasto.

9. O que acha que se poderia fazer relativamente aos cemitérios mais importantes do Porto? (Agramonte, Britânico, Catacumbal da Ordem de S. Francisco, Nossa Senhora da Lapa e Prado do Repouso)

Deveria ser criado um Percurso estruturado de visita.

Cemitérios de Agramonte e Prado do Repouso

Eng.^a Arnaldina Riesenberger

parquesurbanos@cm-porto.pt

20 de setembro de 2013

1. Qual é a sua opinião sobre a situação do turismo cemiterial em Portugal?

O Porto e Lisboa, destacam-se, no panorama do turismo cultural nos cemitérios portugueses, pela constância das atividades e da criatividade, contudo chegam-nos cada vez mais, notícias isoladas de cemitérios de outras cidades. De um modo geral, muito há a fazer.

2. Qual é o perfil das pessoas que visitam os cemitérios municipais?

Nas visitas guiadas, aparecem muitos estudantes universitários, sobretudo das áreas da História, História da Arte, Arquitetura, Turismo, Fotografia e Artes Plásticas; Jovens famílias, com filhos; indivíduos isolados ou em grupo, c/ idades entre os 60/80, interessados em História, genealogia ou simplesmente viciados em conhecer. Quanto à entrada de visitantes ocasionais, não se encontra monitorizada.

3. Na sua opinião, quais são os motivos das pessoas que visitam os cemitérios municipais?

São diversos os motivos, que levam os visitantes aos cemitérios, por vezes apenas a curiosidade, em visitar um espaço, habitualmente identificado com momentos tristes.

No entanto a grande maioria, visita o cemitério, como um qualquer museu, com a vantagem de ter à sua disposição, diversas valências, visto que o estudo do cemitério romântico encerra várias perspetivas, a histórica, a de conservação e restauro, a arquitetónica, a genealógica e biográfica, a sociológica, a heráldica e a artística e iconográfica.

4. Que tipo de atividades/iniciativas já foram realizadas?

Desde 2003 a CMP, têm vindo a realizar diversas atividades de índole cultural, inserida nos Ciclos Culturais dos Cemitérios Municipais e desde 2007, na Semana à Descoberta dos Cemitérios. Dos diversos programas constam, concertos de órgão na Capela do Cem. de Agramonte, animação musical litúrgica na Missa dos Fiéis defuntos, exposições, visitas guiadas e palestras. De forma inédita, desde 2012, realizaram-se visitas guiadas noturnas, com cerca 200 participantes em ambos os Cemitérios Municipais, Prado de Repouso e Agramonte.

E quais pretendem fazer?

Pretendemos manter a mesma linha de divulgação cultural, simples, à escala do espaço mas com inovação. Gostaríamos de poder alterar a rotina de pesar pela qual a maior parte das pessoas visitam os cemitérios, e esta, é uma das nossas contribuições.

5. Quais são os meios de divulgação que utilizam?

A divulgação ao longo dos últimos 10 anos tem sofrido grandes alterações. Entre 2003 e 2006, a divulgação era efetuada essencialmente por publicação em jornal diário, informação no site da CMP, carta, distribuição de flyers e cartazes. A partir de 2007, passou a efetuar-se principalmente, por e-mail, mantendo-se no entanto a informação no site da CMP e a distribuição de flyers e cartazes.

6. Na sua opinião, quais foram as consequências, positivas ou negativas, do facto dos cemitérios municipais estarem incluídos na Rota Europeia dos Cemitérios mais Significativos?

O número de visitantes acidentais aos cemitérios municipais tem aumentado visivelmente, notando-se um crescimento desde 2011. No entanto também nas redes sociais, é possível comprovar o enorme interesse sobre os cemitérios, motivando mesmo a criação de grupos de discussão próprios, de iniciativa não oficial, c/ interesses na arte cemiterial, arquitetura funerária, genealogia e conhecimento histórico.

Relativamente às questões infra, entendemos, serem de âmbito estratégico, pelo que não será oportuno responder.

7. Quais são as Potencialidades, Fraquezas, Oportunidades e Ameças dos cemitérios municipais (análise SWOT)?

Potencialidades:

Fraquezas:

Oportunidades:

Ameças:

8. O que acha que se poderia fazer relativamente aos cemitérios mais importantes do Porto? (Agramonte, Britânico, Catacumbal da Ordem de S. Francisco, Nossa Senhora da Lapa e Prado do Repouso)

Apêndice II - Inquérito por questionário aplicado aos participantes na atividade “Visitas Guiadas aos Cemitérios Prado do Repouso e Agramonte”³⁶

³⁶ Disponível em

https://docs.google.com/forms/d/1KugVKnWblkDowyEwhODIzHog_RMbG9X5y7LI7KA-Qw/viewform

Visitas Guiadas aos Cemitérios Prado do Repouso e Agramonte (1 e 2 de Junho de 2013)

1. Este questionário insere-se numa investigação no âmbito do Mestrado em Turismo, da Universidade do Porto.
2. O questionário que apresentamos tem como objetivo identificar o perfil dos participantes nas visitas guiadas.
3. Não existem respostas certas ou erradas, o que se pretende é simplesmente obter a sua opinião. Procure responder a todas as questões.
4. Os dados recolhidos são confidenciais e anónimos, exclusivamente utilizados para análise estatística, no contexto do objeto de estudo.

OBRIGADA PELA SUA PARTICIPAÇÃO!

Ana Paula Pegas
Nº aluno: 110732001

*Obrigatório

I- Caracterização Pessoal

1. Idade (em anos) *

2. Género *

- Feminino
 Masculino

3. Ocupação Profissional *

- Estudante
 Trabalhador/a por conta própria
 Trabalhador/a por conta de outrém
 Estudante Trabalhador/a por conta própria
 Estudante Trabalhador/a por conta de outrém
 Desempregado/a
 Reformado/a
 Outra:

4. Localidade onde vive *

5. Habilitações literárias/Grau de ensino frequentado *

Indique por favor o grau de ensino mais elevado que frequentou, mesmo se incompleto.

- Não frequentou
 1º Ciclo Ensino Básico (1º ao 4º ano de escolaridade)
 2º Ciclo Ensino Básico (5º e 6º ano de escolaridade)
 3º Ciclo Ensino Básico (7º ao 9º ano de escolaridade)
 Ensino Secundário (10º ao 12º ano de escolaridade)
 Ensino Superior: Licenciatura
 Ensino Superior: Mestrado
 Ensino Superior: Doutoramento
 Outra:

6. Estado Civil *

- Solteiro(a)
 Casado(a)
 União de facto
 Divorciado(a)
 Viúvo(a)

II- Visitas Guiadas aos Cemitérios Prado do Repouso e Agramonte

7. Qual(ais) da(s) visita(s) guiada(s) assistiu? *

- Cemitério Prado Repouso (sábado)
- Cemitério Agramonte (domingo)
- Ambas

7.1. Caso não tenha respondido “ambas”, indique o(s) motivo(s) de não ter assistido à outra visita guiada.

- Não estava interessado(a)
- Incompatibilidade horária
- Incompatibilidade do dia
- Já conhecia
- Não frequenta (ou não gosta de frequentar) cemitérios à noite
- O Prado do Repouso proporcionava um tipo de experiência diferente
- Outra:

7.2. Caso tenha respondido “ambas”, quais das visitas guiadas gostou mais?

- Cemitério Prado Repouso
- Cemitério Agramonte
- Ambas
- Nenhuma
- Não sei

8. Como obteve conhecimento da existência deste evento: *

- Familiares
- Amigos
- Trabalho
- Internet
- Outra:

9. Com quem assistiu? *

- Familiares
- Amigos
- Colegas Trabalho
- Namorado(a)
- Sozinho(a)
- Outra:

10. Teve que pernoitar fora da sua área de residência para assistir a esta atividade, devido à sua localização? *

- Sim
- Não
- Pernoitei, apesar de não ter sido por causa da localização (aproveitou para conviver com outras pessoas, por exemplo)
- Outra:

11. Já tinha assistido às edições anteriores das “Visitas Guiadas aos Cemitérios Prado do Repouso e Agramonte”? *

- Não
- Sim

Se sim, em que ano(s) e qual(ais) cemitério(s)?

12. Recomendaria a atividade "Visitas Guiadas aos Cemitérios Prado do Repouso e Agramonte"? *

Sim
 Não
 Não Sei

Caso não tenha assistido à visita guiada, avance para questão nº 14

No caso do Cemitério Prado do Repouso (visita guiada noturna):

13. Já o conhecia anteriormente?

Não
 Sim

13.1. Se sim, em que âmbito?

Académico
 Eventos culturais
 Eventos religiosos (incluindo funerais)
 Práticas desportivas
 Profissional
 Lazer (passear, conhecer, ...)
 Meditar/introspecção
 Outra:

13.2. Estaria disposto(a) a pagar por esta atividade?

Não
 Não Sei
 Sim

13.2.1. Se sim, até quanto?
Valor em euros (€)

1
 2
 3
 4
 5
 mais de 5

Caso não tenha assistido à visita guiada, avance para questão nº15:

No caso do Cemitério de Agramonte (visita guiada diurna)

14. Já o conhecia anteriormente?

Não
 Sim

14. Já o conhecia anteriormente?

- Não
- Sim

14.1. Se sim, em que âmbito?

- Académico
- Eventos culturais
- Eventos religiosos (incluindo funerais)
- Práticas desportivas
- Profissional
- Lazer (passear, conhecer, ...)
- Meditar/introspecção
- Outra:

14.2 Estaria disposto a pagar por esta atividade?

- Não
- Não Sei
- Sim

14.2.1. Se sim, até quanto?

Valor em euros (€)

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- mais de 5

III- Cemitérios do Porto, Portugal e Internacionais

15. Qual(ais) dos seguintes cemitérios do Porto já frequentou? *

- Agramonte
- Aldoar
- Bonfim
- Campanhã
- Catacumbal da Ordem de S. Francisco
- Foz do Douro
- Ingleses
- Lordelo do Ouro
- Nevogilde
- Paranhos
- Prado do Repouso
- Ramalde
- Venerável Irmandade de Nossa Senhora da Lapa
- Todos

O visível que não se vê e o Património Cimiterial: proposta de criação de uma Rota Turística dos Cemitérios do Porto

15.1. Em que âmbito o(s) conhece? *

- Académico
- Conhecer o/fazer o culto ao Padre José Santos Ferreira Moura (no cemitério da Foz do Douro)
- Eventos culturais
- Eventos religiosos (incluindo funerais)
- Práticas desportivas
- Profissional
- Lazer (passear, conhecer, ...)
- Meditar/introspecção
- Outra:

16. Quais dos seguintes cemitérios portugueses já frequentou? *

- Alto do S. João (Lisboa)
- Central de Aveiro
- Conchada (Coimbra)
- Espinho
- Maia
- Póvoa de Varzim
- Prazeres (Lisboa)
- Santa Marinha (Vila Nova de Gaia)
- São Cosme (Gondomar)
- Sendim (Matosinhos)
- Valongo
- Vila do Conde
- Nenhum
- Outra:

17. Conhece/ouviu falar na Rota Europeia dos Cemitérios mais Significativos? *

- Sim
- Não

17.1. Qual(ais) dos cemitérios portugueses acha que estão inseridos na Rota Europeia dos Cemitérios mais Significativos? *

- Agramonte (Porto)
- Alto de S. João (Lisboa)
- Central de Aveiro
- Conchada (Coimbra)
- Prado do Repouso (Porto)
- Prazeres (Lisboa)
- Venerável Irmandade de Nossa Senhora da Lapa (Porto)
- Todos
- Nenhum
- Outra:

18. Conhece pessoalmente algum cemitério internacional? *

- Não
- Sim

18.1 Se sim, qual(ais)?

19. Quais são os motivos para frequentar cemitérios? *

IV- Locais/Eventos relacionados com a morte

20. Quais foram os locais/eventos turísticos que já visitou relacionados com a morte? *

Segundo Philip Stone (2006), entende-se como locais/eventos relacionados com a morte: Campos de Genocídio (Campos de Concentração Auschwitz-Birkenau...); Locais de Conflito (Campos de Batalha...), Santuários (Memorial World Trade Center, Memorial às Vítimas da Tragédia Entre-os-Rios...); Locais de Descanso (Cemitérios, Panteão Nacional...), Masmorras (Prisão Robben Island, Colónia Penal Tarrafal...), Exposições (Titanic, O Corpo Humano como Nunca Viu, ...) e Fábricas de Diversão (Haunted Lisbon Tour, Moontosinhos, Sintra Subterrânea, Secret Serpent Tours...).

20.1 Porque que motivos visitou estes espaços? *

21. Como é que classificaria o tipo de turismo associado a locais/eventos relacionados com a morte? *

22. Se fosse responsável pela gestão de algum cemitério com características que o tornam "especial", como o dinamizaria? *

Comentários e sugestões:

Apêndice III - Informação sobre todos cemitérios do Porto

Cemitérios Municipais do Porto

- **Designação:** Cemitério de Agramonte
- **Localização:**
Freguesia: Massarelos
Rua: Largo do Padre Baltazar Guedes
Coordenadas GPS:
41° 9'23.92"N
8°37'53.42"W
- **Horário de Funcionamento:**
Todos os dias, das 8.30h às 17h (nos dias 1 e 2 de novembro, das 8 h às 18h)
- **Contactos:** 226 066 604
- **Informação adicional:**

A cidade do Porto entre 1855 e 1856 vê-se perante o segundo surto de cólera, que apesar não ter sido tão grave quanto o de 1833, conduziu à morte de 846 pessoas, entre 7 de maio e 28 de outubro de 1855, o que representava 1% da população. Perante esta calamidade, o objetivo de terminar com os sepultamentos nos cemitérios privados e o facto do Prado do Repouso *a posteriori* poder não conseguir dar resposta, surge a necessidade da criação de um novo cemitério, que recaí sobre a Quinta de Agramonte. (Queiroz, 2002d:10-11)

A notícia da compra desta quinta, pertencente à viúva Maria José Correia de Pinho e Sousa (residente em Viana do Castelo), data de 18 de agosto de 1855, dia em que o Cemitério de Cedofeita vê ser-lhe interdito os enterramentos devido à sua lotação.

Apenas três dias depois, dá-se a bênção do Cemitério de Agramonte, supostamente só da parte do terreno destinado aos enterramentos. A bênção repete-se a 2 de setembro de 1855, contando agora com a presença das Irmandades do Sacramento e do Rosário e a vereação da Câmara Municipal, que vinham da Igreja de Cedofeita em procissão. Nesta altura, existia já uma capela de madeira ornada com damascos.

Em março de 1856 já tinham sidos enterrados mais de 400 pessoas, na maioria coléricos, sendo que a preferência das pessoas mais abastadas eram os cemitérios privados, e a recusa era de tal ordem que suspeitava-se que os caixões levavam palha e pedras em vez dos defuntos (Queiroz, 2002d:10-11).

Para além disto, entre janeiro de 1856 e novembro de 1857, na Prado Repouso foram inumados 495 maiores e 1992 menores contra 1198 maiores e 163 menores no Agramonte. Esta situação deveu-se ao facto de como o Prado do Repouso “recebia enterramentos de maiores sobretudo se fossem pagos, ou sejam se fossem destinados a jazigos e sepulturas em perpetuidade, já que as não havia em Agramonte. Assim o papel do Prado do Repouso como cemitério dos pobres transitou um pouco para Agramonte (Queiroz, 2002d: 82)”.

Em abril de 1856 “O Ecco Popular” ressalva que as autoridades e irmandades devem embelezar os seus cemitérios pois o povo tinha afinidade por cemitérios bem construídos, arejados e bonitos. Neste sentido, em junho este periódico aconselha a edificação de um novo muro em frente da rua do cemitério, de um portão e de uma capela com tamanho suficiente para funcionar como matriz, da futura paróquia de Agramonte (Queiroz, 2002d: 10-12).

No entanto, só a 2 de dezembro de 1867 é que se dá ao início das obras, estando a capela provisória concluída em janeiro de 1868. As obras de conclusão da capela em pedra e cal, da autoria de Gustavo Adolfo Gonçalves e Sousa, tiveram início em 1870-1871, tendo sido benzida em 1874. Devido ao seu estado de degradação, a Câmara Municipal procede à remodelação e ampliação, em 1906, ficando ao cargo do arquiteto José Marques da Silva. Seguindo o estilo neogótico, em 1910, a capela-mor é decorada com frescos de influência bizantina de Silvestro Silvestri (Queiroz, 2002d: 348).

Seguindo o exemplo do Prado do Repouso, é também nas décadas de 60 e 70 de 1800 que se já a aquisição dos terrenos, por parte das Ordens Terceiras. A Ordem do Carmo foi a pioneira, tendo comprado um terreno de 7.505 m², no dia 20 de janeiro de 1869. Quase dois anos depois, a 10 de janeiro de 1871, um terreno de área igual foi adquirida pela Ordem de S. Francisco. No ano seguinte, foi a vez da Celestial Ordem Terceira da Santíssima Trindade comprar um terreno de 5.500 m², por 3.000\$ 00 réis. (Sousa, 2009b:109-110).

O visível que não se vê e o Património Cemiterial: proposta de criação de uma Rota Turística dos Cemitérios do Porto

O Cemitério de Agramonte destaca-se pelos mausoléus de elevado interesse artístico, com esculturas de Soares dos Reis, Teixeira Lopes e Alves Pinto. Além disto, nas seções municipais, encontram-se inúmeras várias pessoas ilustres como António Carneiro (pintor), Guilhermina Suggia (violoncelista), Emílio Biel (fotógrafo) e Emília Eduarda (atriz). Ao lado direito do mausoléu da atriz temos o jazigo em memória das vítimas do incêndio no teatro Baquet.

Figura 4 - Planta do Cemitério de Agramonte



Fonte: CMP, 2013

Cemitérios Municipais do Porto

- **Designação:** Cemitério do Prado do Repouso
- **Localização:**
 - Freguesia:** Bonfim
 - Rua:** Largo Soares dos Reis (entrada norte) Largo do Padre Baltazar Guedes (entrada sul)
 - Coordenadas GPS:**
 - 41° 8'44.05"N
 - 8°35'43.62"W
- **Horário de Funcionamento:**
 - Todos os dias, das 8.30h às 17h (nos dias 1 e 2 de novembro, das 8 h às 18h)
- **Contactos:** 225 379 925
- **Informação adicional:**

Após o decreto de 24 de setembro de 1835, onde obriga-se à construção de cemitérios públicos em todas povoações, o Porto sente a necessidade de encontrar um espaço que respeite as condições exigidas: tem que ser afastado dos locais de habitação, grande e salubre. Assim, surge a escolha pela Quinta do Prado do Bispo, pertencente à Mitra portuense, ao qual o bispo, D. Manuel de Santa Inês, considerando-se um mero administrador, em carta dirigida ao Presidente, em junho de 1838, opôs-se à alienação da propriedade. Só consentiu em ceder à Câmara Municipal, após o envio de um *ultimatum* por parte do Ministério dos Negócios Eclesiásticos e Justiça, contra a obrigatoriedade desta pagar a quantia anual de 300\$000 réis até à sua morte (Sousa, 2009a:92).

A 14 de julho de 1839, a Câmara Municipal do Porto afixa os editais para adjudicação das obras de conclusão do cemitério, ficando ao cargo de Simões de Carvalho. Nos meses seguintes, tratou-se dos preparativos para a inauguração do primeiro cemitério público da cidade, onde se iria proceder à transferência dos restos mortais de Francisco de Almada e Mendonça, que se encontravam na Capela-Mor da Igreja da Santa Casa da Misericórdia do Porto.

A edificação deste cemitério surge como resposta aos problemas de saúde pública que afligiam a época e como uma forma de laicização da sociedade e dos seus hábitos funerários. Sendo o primeiro cemitério público da cidade, e como se encontrava longe dos locais sagrados usados para enterramentos, procurou-se dar alguma sumptuosidade aquando a sua inauguração.

Como Portugal participara há poucos anos na Guerra Civil, o país encontrava-se num período instável, onde as lutas políticas eram frequentes, então não se poderia escolher os restos mortais de um herói que lutara pela Liberdade, pois o cemitério poderia ser alvo de um motim de um absolutista ou Cartista ou Setembrista. Assim, a escolha pelos restos mortais de Francisco de Almada e Mendonça prende-se pelo facto de este ser considerado uma personalidade importante para a cidade, pelos relevantes serviços: além de Corregedor e Provedor da Comarca do Porto, foi Juiz das Reais Coutadas, Superintendente da Alfândega, entre outros. Francisco de Almada e Mendonça faleceu a 19 de agosto de 1904, na freguesia de Santo Ildefonso.

A transladação dos restos mortais, previstas para o dia 17 de novembro de 1839, foi adiada para o dia 1 de dezembro de 1839, devido ao mau tempo e ao mau estado do terreno do cemitério. Neste dia, procedeu-se à colocação dos restos mortais num cofre de chumbo para serem transportados para o Prado do Repouso, onde muitas pessoas assistiram ao evento público, incluindo o bispo D. Manuel de Santa Inês, que como apanhou muita chuva, a sua saúde agravou-se e acabou por falecer a 24 de janeiro de 1840 (Sousa, 2009a:95).

Ao longo das décadas 60 e 70 de 1800, foram instaladas as várias seções privativas. A primeira foi a da Santa Casa da Misericórdia, localizando-se junto ao portão principal, sendo que a assinatura do contrato de aforamento data de 22 de fevereiro de 1862. Em 1869 é a vez da Confraria do Santíssimo Sacramento de Santo Ildefonso proceder à compra de um terreno de área 1.445,05 m², por 795\$025 rs. Já em 1871, a Venerável Irmandade da Nossa Senhora do Terço e Caridade adquire por 2:617\$500 réis, um espaço com 1.745 m². (Sousa, 2009b:109).

O visível que não se vê e o Património Cemiterial: proposta de criação de uma Rota Turística dos Cemitérios do Porto

Neste cemitério destaca-se a capela, restos da inacabada Igreja de São Vítor, o mausoléu de Francisco Almada e Mendonça, a capela de Delfim Ferreira, o cruzeiro do antigo Mosteiro de São Bento da Ave-Maria, entre os muitos monumentos. Como figuras ilustres sepultadas temos, por exemplo, Abel Salazar (médico, cientista, professor e artista plástico), Eugénio de Andrade, pseudónimo de José Fontinhas (poeta) ou o maestro Pedro Osório (CMP, 2007).

Figura 5 - Planta do Cemitério Prado do Repouso



Fonte: CMP

Cemitérios Privados do Porto

- **Designação:** Cemitério Britânico -Anglican Church of St. James
- **Localização:**
Freguesia: Massarelos
Rua: Largo da Maternidade Júlio Dinis
Coordenadas GPS:
41° 9'0.05"N
8°37'26.55"W
- **Horário de Funcionamento:**
Tem que tocar à campainha ou ligar previamente a perguntar se está alguém, sendo que a Sra. Cecília Teixeira costuma estar entre as 10h e as 17h. Ao domingo de manhã está sempre aberto por causa da celebração da missa às 11h.
- **Contactos:** 22 606 4989
- **Informação adicional:**

As comunidades não católicas, nomeadamente protestantes, até ao século XIX, não podiam exercer culto livremente, sendo que em 1654 é assinado um tratado entre Cromwell e o Rei de Portugal vigente, D. João IV onde permite que os ingleses façam-no nas próprias casas e permite a aquisição de um local para que possam ser enterrados. Em 1671 foi fundado a Capelania Inglesa, por parte de comerciantes britânicos portuenses que contrataram o Reverendo John Brawlerd para prestar serviços religiosos para toda comunidade, que tinha lugar na casa da Sra. Elizabeth Cooke. No entanto, o poder da Inquisição predominou sobre o tratado, o que condicionou a vinda de capelães para Portugal bem como a aquisição de um terreno para o cemitério que só teve lugar no século XIX. (Delaforce, 1982: 4-6).

Até à criação dos cemitérios, os corpos eram inumados ao ar livre, em espaços afastados da urbe, que no caso do Porto, a solução recaía num terreno provisório na encosta do Cavaco (margem do Douro do lado de Gaia) ou nas areias do Rio Douro ou da Foz, em altura de maré baixa.

John Delaforce (citado por Queiroz, 2002d:37) considera que a ausência de um espaço cemiterial deveu-se também à falta de interesse por parte da comunidade britânica, pois existem alguns documentos do governo português que demonstram o interesse em regularizar a situação. Mas foi necessário que a 28 de fevereiro de 1785, surgisse uma nova ordem onde obrigasse a criação de um cemitério longe dos muros da cidade e dos locais do comércio, para que o Cônsul John Whitehead procedesse à aquisição do terreno.

Após várias hipóteses, em 1785 dá-se a decisão definitiva, escolhendo-se um terreno na zona da Torre do Pedro Sem. Para que não houvesse problemas com os católicos, procedeu-se à criação de muros altos, com as pedras do próprio terreno, pois este fora parcialmente uma pedreira. Assim, criadas as condições, o primeiro enterramento tem lugar em 1788, fazendo deste cemitério o primeiro cemitério permanente na cidade do Porto (Delaforce citado por Queiroz, 2002d:37).

Em 1817 sabe-se que a casa mortuária estava bastante degradada, o que leva a crer que existisse há diversos anos, talvez desde os primórdios da criação do cemitério, procedendo-se neste ano à sua reconstrução. Nesta altura, as obras da construção da igreja já tinham avançado muito desde 1814, quando se teve início, tendo sido concluída em 1818. Devido às restrições impostas pelo governo português, além dos muros altos, não era permitido que possuísse torres, cruzeiros ou sinos para que não tornar visível e audível a sua religião e provocar um escândalo junto dos católicos (Delaforce citado por Queiroz, 2002d: 40-42).

Assim, apesar de ser uma igreja, inicialmente a sua arquitetura retangular fez com que parecesse mais uma sala de reuniões. Ao longo dos anos é que foi sofrendo algumas alterações, tendo adquirido capela-mor e transepto, possuindo agora a forma de cruz.

Em 1843 dá-se a consagração da igreja a St. James e a bênção do cemitério, por parte do Bispo de Gibraltar George Tomlinson pois não existia um Bispo anglicano em Portugal (Delaforce citado por Queiroz, 2002d:40-42).

- **O Cemitério**

A 2 de abril de 1798, numa reunião na Feitoria Inglesa do Porto determinou-se que as “sepulturas no cemitério britânico portuense passariam a ser abertas, em sequência, da esquerda para a direita e que uma lápide numerada com dois palmos de altura acima do solo, em ardósia de Valongo, fosse colocada na cabeceira de cada sepultura, ficando uma pedra com metade da dimensão aos pés. Foi também decidido que – apesar da existência da lápide - esta não poderia conter qualquer inscrição: só o capelão poderia registar os dados do inumado, num livro próprio, o qual remetia para o número de sepultura. As despesas destas lousas seriam pagas pela feitoria” (Delaforce citado por Queiroz, 2002d:145).

Isto demonstra que antes de 1798, as sepulturas não tinham qualquer elemento identificativo e as inumações eram feitas de forma aleatória, não sendo numeradas. Assim, a partir de agora dá-se a organização do cemitério e a individualização das sepulturas, mas com ausência de monumentalidade. Ainda hoje em dia esta atitude adotada, nada tem a ver com o congénere em Lisboa. Francisco Queiroz (2002d:145) refere que o de Lisboa tem características especiais possuindo diversos monumentos sepulcrais que serviram de exemplo para os que foram erguidos nos cemitérios católicos, surgidos após a lei de 1835.

No entanto, podemos destacar alguns monumentos como por exemplo o do Cônsul John Whitehead, que apesar de ter falecido a 15 de dezembro de 1802, só foi concluído em 1820, após as Invasões Francesas. Segundo Francisco Queiroz (2002d:145), o de John Whitehead foi o primeiro monumento fúnebre perpetuo a ser erguido ao ar livre no Porto e trata-se de uma urna em cima de um pedestal, localizado no centro do cemitério.

Para além deste exemplo, temos o Memorial da Guerra, no pátio em frente à igreja e tem registado os nomes dos membros da comunidade britânica do Porto que perderam as suas vidas nas duas grandes guerras do século XX.

Alem deste, temos a lápide do Barão James Forrester, que se afogou no Rio Douro em 1861. Reza a história que quando o barco de Forrester se virou no Cachão da Valeira (S. João da Pesqueira), este afogou-se porque levava os bolsos cheios de moedas em ouro e ganancioso como era, não quis livrar-se do dinheiro, sendo arrastado diretamente para o fundo do rio, daí seu corpo nunca ter sido encontrado. Já a sua esposa, D. Antónia Adelaide Ferreira, mais conhecida como "Ferreirinha" salvou-se devido às saias em forma de balão que tinha vestido, permitindo que flutuasse até à margem do Rio Douro. A Ferreirinha veio a falecer a 1896 e encontra-se enterrada no cemitério de Peso da Régua.

O cemitério também detém as sepulturas dos membros da Royal Air Force, falecidos nas duas guerras mundiais do século XX. De destacar também, não pelo sua monumentalidade mas por mera curiosidade a existência de uma lápide em lousa de Valongo, que embora não sendo possível identificar a quem pertence e a data, é visível a existência de um fóssil. Segundo o Dr. Christian Alkins, na apresentação que fez: “So What is so interesting about the “Slate Band” from Valongo to Arouca”, este fóssil é um *Orthocone*³⁷.

Para além destes exemplos temos os mausoléus de Eduardo Moser, Feuerheard, Kebe, Jebb e Brindle e a pequena estela da família Katzenstein (VISIT PORTO TRAVEL,2013c).

³⁷ Esta apresentação teve um cariz informal e decorreu no dia 30 de outubro de 2012, no Oporto Cricket and Lawn Tennis Club.

Cemitérios Privados do Porto

- **Designação:** Cemitério da Lapa
- **Localização:**
Freguesia: Cedofeita
Rua: Largo da Lapa s/n
Coordenadas GPS:
41° 9'26.64"N
8°36'44.24"W
- **Horário de Funcionamento:**
Todos os dias das 8:00 às 17:00
Domingos e feriados: 8:00 às 13:00
- **Contactos:** 22 200 13 69
- **Informação adicional:**

A Venerável Irmandade da Nossa Senhora da Lapa (Vieira; Rebelo, 2001: s/p.) foi fundada pelo presbítero brasileiro, o Reverendo Ângelo de Sequeira. Este padre chegou a Portugal em 1753 e contribuiu com a edificação de várias capelas e Igrejas devotas à Nossa Senhora da Lapa. Como chegara ao Porto num altura de “acalmia de uma violenta e prolongada tempestade”, começou-se a dizer que o presbítero fazia milagres, rumor que não negou. Desejoso de fundar um Seminário e uma Capela a Nossa Senhora da Lapa, a sua fama de milagreiro contribui para que o povo concedesse muitas esmolas.

Assim, a 7 de janeiro de 1755 deu-se início à construção da Capela, que ainda antes de estar terminada já era conhecida como Capela de Nossa Senhora da Lapa das Confissões, por aí o Rev. P. Ângelo de Sequeira ouvir as confissões dos ladrões arrependidos. A 10 de março deste ano, é exposta a imagem de Nossa Senhora da Lapa, aumentando significativamente a afluência de fiéis, tornando-se urgente a construção de um templo maior.

Para além disto, sentiu-se a necessidade de se criar uma entidade regularmente constituída para coordenar os trabalhos religiosos. Assim, a 29 de julho de 1755, é aprovado a fundação da Confraria da Lapa, por bula papal, nesta altura, o Benedicto XIV. A 27 de abril de 1759 são confirmados novos Estatutos, agora com a nova designação de Irmandade.

A 17 de julho de 1756 é colocada a primeira pedra da Igreja, ficando concluída mais de um século depois, a 17 de abril de 1863. No entanto, desde 1773 que começou a ser celebrado o culto religioso na Capela-Mor.

Atualmente a Venerável Irmandade de Nossa Senhora da Lapa desenvolve a sua ação social em três setores: Hospital, Igreja e o Cemitério.

- **O Cemitério**

A 24 de julho de 1833, é autorizado a fundação do cemitério, na portaria assinada por D. Pedro IV em nome da Rainha. A sua criação deveu-se ao pedido por parte da Mesa Administrativa, numa altura em que o Cerco do Porto do Porto e da epidemia de cólera que se lhe seguiu, contribuiu para a lotação dos locais de enterramento, no interior das igrejas (Vieira; Rebelo, 2001: s/p.).

Esta iniciativa de criação de um cemitério exterior mostrou que o objetivo era que fosse erguido num terreno, para uso definitivo pois, a “Irmandade da Lapa pretendia um cemitério convenientemente murado, enobrecido com portal, com locais próprios para a construção de monumentos. (...) Os cemitérios românticos foram concebidos como espaços arruados e ajardinados, com belos monumentos (derradeiros símbolos de saudade pelos entes queridos), locais de meditação na fugacidade da vida, dentro da mentalidade de então (Queiroz, 2000a: s/p.)”. São assim criadas as condições para que este cemitério seja considerado o primeiro cemitério romântico de Portugal pois, surgiu antes do decreto de 1835, onde fora instituído os cemitérios públicos.

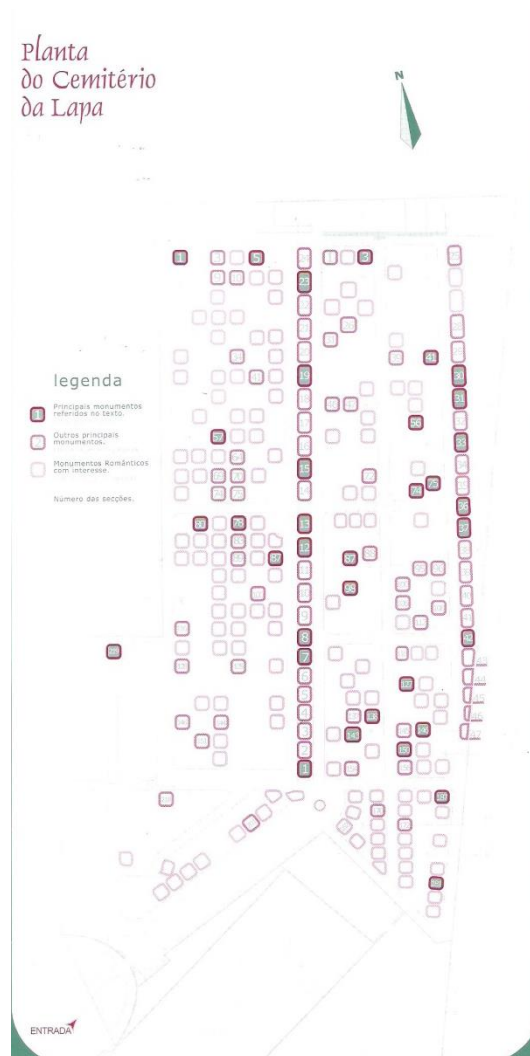
Desde a sua fundação, que é considerado o cemitério da elite portuense, onde os monumentos refletem o gosto da época, tornando-o num dos “mais importantes museus portugueses da arte do período romântico, sobretudo no campo da arquitetura, da escultura e das artes decorativas (Vieira;Rebelo, 2001: s/p.)”.

Devido à sua elevada procura, durante o século XIX, o cemitério foi alvo de várias obras ampliações, até 1874, ano em que atinge o limite máximo para construção. Esta situação conduziu a que alguns dos seus monumentos mais imponentes vissem ser demolidos para dar lugar a jazigos mais modernos, tanto de burgueses e liberais portuenses como de figuras históricas.

Do elevado número de personalidades que jazem neste cemitério podemos salientar as seguintes: “Frei Manuel de Santa Inês, Bispo eleito do Porto após a revolução liberal; José Ferreira Borges, um dos homens da revolução liberal e autor do primeiro Código Comercial Português; Barão de Massarelos, ilustre negociante portuense; Visconde da Lagoaça, Presidente da Câmara do Porto; escritores Camilo Castelo Branco, Arnaldo Gama e Soares de Passos; Arquitetos José Marques da Silva, David Moreira da Silva e José Luís Nogueira; o Coronel Pacheco; Silva Porto, eminente africanista; o Conselheiro Venceslau de Lima, antigo Diretor da Irmandade e Governador Civil do Porto; Parada Leitão, professor ilustre; Luzia Joaquina Bruce, grande benfeitora da Lapa; D. Agostinho de Jesus e Sousa, Bispo do Porto, falecido em 1952 (HOSPITAL DA LAPA, 2013)”.

Relativamente à Igreja, da autoria do Arquiteto José de Figueiredo Seixas, destaca-se por possuir o mausoléu em que encerra o escrínio onde encontra-se o coração de D. Pedro IV de Portugal e I do Brasil, que havia legado à cidade, sendo que a decisão de aqui se depositar, data de 1835 e deve-se a D. Maria II (Vieira;Rebelo, 2001: s/p.).

Figura 6 - Planta do Cemitério da Lapa



Fonte: Queiroz, 2000b

Cemitérios Privados do Porto

- **Designação:** Cemitério Catacumbal da Igreja de S. Francisco
- **Localização:**
Freguesia:
Rua: Rua do Infante D. Henrique
Coordenadas GPS:
41° 8'26.97"N
8°36'57.74"W
- **Horário de Funcionamento:**
Novembro a fevereiro – 9h/17.30h
Março a outubro - 9h/19h
Julho, agosto e setembro -9h/20h
- **Contactos:** 222 062 100
- **Informação adicional:**

A Venerável Ordem Terceira S. Francisco do Porto (VOTSFP,s/d:14)) atualmente exerce funções no Hospital, Unidade de Acolhimento Sénior e Museu. Relativamente ao Museu é constituído pela Igreja Monumento de São Francisco e a Casa do Despacho, com o respetivo Cemitério Catacumbal.

O início da construção da Igreja remonta a 1245, em estilo gótico, tendo sofrido diversas reconstruções até 1425, sendo que nos séculos XVII e XVIII é toda revestida de talha-dourada, sendo considerada uma dos melhores exemplares de Portugal. Devido à sua riqueza patrimonial foi classificada como Monumento Nacional em 1910, e património mundial em 1996 pela UNESCO (VOTSFP, s/d:1-4).

Como elementos significativos a serem observados temos a capela sepulcral de Luís Álvares de Sousa, retábulo de N^a Sra. Do Socorro, retábulo do altar que retrata a “Árvore de Jessé”, nicho com escultura de S. Francisco, retábulo dos Santos Mártires de Marrocos, entre outros (VOTSFP, s/d:4-11).

Devido ao seu elevado interesse e fragilidade do interior, a igreja é usada apenas pelos membros da Ordem, ou, pontualmente para eventos privados como casamentos e batizados, sendo que as visitas escolares e turísticas também são permitidas (VOTSFP, s/d:14). Além da Igreja Monumento, ao lado encontra-se a Casa do Despacho, da autoria de Nicolau Nasoni, cuja origem remonta a 1726. No seu interior encontra-se a Sala de Sessões e Sala do Tesouro, onde podemos ver o espólio da VOTSFP e o Cemitério Catacumbal. Neste cemitério encontram-se todos os benfeitores que foram sepultados entre 1749 e 1866 (VOTSFP, s/d:13).

Numa altura em que em que todas comunidades católicas do Porto usavam a sepultura *ad santos*, o cemitério catacumbal da VOTSFP, era considerado uma opção mais viável e higiénica. Além de permitir inumar em gavetões e não só sepulturas térreas, o facto de ser abobadado (como se fosse uma cripta) e possuir entrada pela Casa do Despacho e não pela igreja, evitava a proliferação dos cheiros da decomposição para esta, não interferindo no culto religioso (Queiroz, 2000a:5).

Como estrutura, o “cemitério contém elementos decorativos neoclássicos, e, na parte mais antiga, um altar barroco e ornamentação em talha dourada. Os túmulos são em mármore branco e preto e estão organizados em gavetões de ambos os lados das galerias havendo também as tradicionais sepulturas térreas. Há também um ossário, uma janela no chão de uma das galerias, que permite observar centenas de ossos em baixo (Noé, Sereno, & Santos citados por Coutinho, 2012: 164)”.

As sepulturas térreas estão tapadas por um retângulo de madeira e não possuem qualquer identificação a não ser a numeração das mesmas, ao contrário dos gavetões que possui gravado no exterior o nome e a data do falecimento.

Tabela 8- Cemitérios não incluídos no segmento principal da Rota

Cemitério	Rua	Coordenadas GPS	Horário	Contacto
Aldoar	Rua de Álvaro Ferreira Alves	41°10'2.04"N 8°39'48.75"W	2ª a Sábado – 8.30h às 12 h e das 14 h às 17.30h Domingos e feriados – 8.30h às 12 h	22 610 0965
Bonfim	Alameda Cláudio Carneiro	41° 9'5.89"N 8°35'36.39"W	2ª a Sábado – 8.30h às 17h Domingos e feriados – 9h às 13 h	22 589 9690
Campanhã	Bairro do Lagarteiro	41° 9'16.62"N 8°34'24.21"W	2ª a Sábado – 8.30h às 17.30h Domingos e feriados – 8.30h às 13 h	22 537 9950
Foz do Douro	Rua de Corte Real	41°9'16"N 8°40'31"W	2ª a Sábado- 9h às 17.30h Domingo- 9h-13h	226 180 513 (Junta de Freguesia)
Lordelo do Ouro	Rua de António Bessa Leite	41° 9'21.96"N 8°38'47.27"W	2ª a Sábado- 8.30h às 13h e das 14h às 17.30h Domingo- 8.30h- 12h	22 616 6910 (Junta de Freguesia)
Nevogilde	Rua de Júlio Dantas	41° 9'51.28"N 8°40'36.31"W	2ª a Domingo -8.00 às 12.30h 13-17h	22 617 8644
Paranhos	Rua Doutor Manuel Pereira da Silva	41°10'29.47"N 8°36'3.62"W	2ª a Sábado – 8h às 17h Domingos e feriados – 8 h às 13h	22 509 0867
Ramalde	Rua Igreja de Ramalde	41°10'4"N 8°38'53"W	2ª a Sábado – 8.30h às 12 h às 17.30h Domingos e feriados – 8.30h às 13.30 h	22 616 5690

Apêndice IV -Turismo Negro: o caso de Portugal

1. Dark Fun Factories – Fábricas de Diversão Negras

Sintra Assombrada

A Sintra Assombrada é um projeto em parceria com a Casa do Fauno, um bar decorado ao estilo medieval que detém uma loja de venda de produtos esotéricos e localiza-se perto da Quinta da Regaleira. Este projeto consiste na realização de visitas orientadas pela Serra de Sintra com a guia turística Maria João Marinho, que as faz desde julho de 2012. Normalmente os percursos pedestres têm a duração de 3 horas e percorre-se uma distância que vai dos 6 aos 10km, podendo realizar-se também por jipe através da empresa da Maria João Marinho: Scret Serpent Tours.

As visitas guiadas pedestres costumam ser todos os sábados às 22.30h, têm um custo de 5€ e quando a procura ultrapassa o limite permitido, as 50 pessoas, marcam para outros dias, normalmente à sexta-feira.

O objetivo deste tipo de percursos é dar a conhecer locais ou histórias em que envolvam o oculto, fantasmas, assombrações, mistérios, sendo que a componente da morte estará sempre presente. “Assombrações e Portais da Serra”, “Anjos, Demónios e Fantasmas da Vila Velha”, “Entremundos (passa no cemitério da vila)” Assombrações e Portais da Serra”, são alguns dos temas sugestivos destas visitas.

A visita que assistimos no dia 28 de junho de 2013 tinha como tema “Assombrações e Fantasmas da Vila de Sintra” e realizou-se com a presença de 37 pessoas, sendo que algumas souberam da existência pelo *Facebook* da Casa do Fauno (2013). É importante salientar que no dia seguinte, iria decorrer outra mas já se encontrava esgotada, o que demonstra o interesse das pessoas por este tipo de atividades.

Este percurso foi de cerca de 7 km e passou ou foram mencionados locais como a Casa Schindler, Palácio dos Seteais, Caminho Entre-Quintas (algumas pessoas optaram por contornar, para evitar sentirem-se mal ou por medo); Vale dos Anjos, Quinta dos Lobos; Quinta da Regaleira; Quinta Velha; Chalet Bister; Casa do 3 Invertido; Palácio das Valenças, tendo terminado na Torre do Relógio.

Para além de Sintra, temos o caso da Ghost Tours Portugal (2013), sediada em Lisboa.

2. Dark Exhibitions – Exibições negras

Corpo humano como nunca o viu

A exposição “O corpo humano como nunca o viu” trata-se de uma exposição itinerante que já percorreu várias cidades do mundo, denominada “Bodies Revealed” e consiste na utilização de espécimes humanos reais para fins informativos relativamente ao próprio corpo de quem visita. Estas partes ou corpos humanos completos são preservados através de um processo chamado polimerização, onde a água dos tecidos é removida por submersão em acetona e posteriormente esta é extraída por camara de vácuo, preenchendo-se os espaços com borracha líquida de silicone (Desejo Sem Limites, 2013).

Pretendendo que o conhecimento não esteja só disponível na comunidade médica e passe a estar acessível a todos, esta exposição pretende “consciencializar cada um sobre o próprio corpo humano e a respeitá-lo, potenciando a adoção de estilos de vida mais saudáveis” (Desejo Sem Limites, 2013).

Neste sentido, esta exposição passou duas vezes por Portugal: entre maio e outubro de 2007, em Lisboa, onde tiveram 165 mil visitantes e entre setembro de 2010 e janeiro de 2011, no Porto, tendo sido visitada por 135 mil pessoas.

No caso do Porto, a exposição decorreu nos espaços da Alfândega e contou com a presença de 14 corpos humanos e mais de 200 fragmentos e órgãos, distribuídos por nove temas: Esqueleto, Muscular, Nervoso, Respiratório, Digestivo, Reprodutivo, Circulatório, Corpo Tratado e Desenvolvimento Fetal (Desejo Sem Limites, 2013).

3. Dark Dungeons – Masmorras Negras

A Cadeia da Relação do Porto – Centro Português de Fotografia

Edifício que data 1606, onde fora inicialmente erguido as primeiras instalações da Relação e Cadeia, no entanto, devido à má construção ruuiu a 1 de abril de 1752. Em 1765, começou a ser reconstruída o edifício para exercer as mesmas funções, da autoria do engenheiro e arquiteto Eugénio dos Santos Carvalho, tendo ficado concluída só em 1796 (HISTORIA PORTUGAL, 2012).

Relativamente à Cadeia foram tidas em contas as questões de segurança, sendo que as paredes de granito são grossas, existiam grades duplas no piso térreo, as portas eram chapeadas a ferro, etc.

Quanto à área de detenção dividia-se da seguinte maneira:

- “No primeiro piso, ao nível do rés do chão, situavam-se as enxovias - de St^a Teresa, de St^o António, de S. Victor, de St^a Rita, do Sr. de Matosinhos e de St^a Ana - lajeadas originalmente de granito, escuras, húmidas e frigidíssimas, com acesso apenas por alçapões situados no andar superior;
- No segundo piso, situavam-se os salões de N. Sr^a do Carmo e de S. José e a saleta das mulheres, também espaços coletivos mas mais salubres;
- No último piso ficavam os quartos de Malta, - concebidos como prisões individuais para “pessoas de condição” e que se encerravam apenas durante a noite, - bem como as enfermarias (CPF,2011)”.

No entanto, a distribuição dos presos tinha em conta o tipo de crime que cometerem, o seu estatuto social e a sua capacidade para pagar a carceragem.

Para além disto, possuía um oratório dos réus condenados à morte, no 1^o piso; capela onde era celebrada a missa e desde 1862 o saguão principal, que servia para iluminar e arejar transformou-se num pátio. Constantemente sobrelotadas, é nesta época que as enxovias de St^o António e St^a Ana tornam-se destinadas para os homens; St^a Teresa, para as mulheres e St^a Rita para os menores, sendo que a do Sr. de Matosinhos encontrava-se a oficina e a de castigo tinha como patrono S. Victor.

Algumas dos detidos mais famosos:

- N^o8 (Quartos de Malta)- Mártires da Pátria: o duque da Terceira; detido em outubro de 1846, com diversos generais e oficiais;
- N^o 12 (Quarto de São João) - Ocupado em 1860 por Camilo Castelo Branco, sendo que no pavilhão das mulheres esteve Ana Plácido, ambos, acusados do crime de adultério; Além de Camilo aqui esteve detido o banqueiro Roriz;
- N^o 13 - Urbino de Freitas, professor da Faculdade de Medicina, e detido por alegadamente, ter envenenado os sobrinhos para lhes roubar a herança;
- Salteador Zé do Telhado, o miguelista Pita Bezerra, o jornalista político João Chagas, entre outros (HISTORIA PORTUGAL, 2012).

Devido às precárias condições e infraestruturas deficientes, a 29 de abril de 1974, os detidos são transferidos para o Estabelecimento Prisional em Custóias, que encontrava-se em construção desde 1961.

Quanto ao edifício a partir de 1987 sofre um conjunto de intervenções, sendo a última em 2000, da autoria dos Arquitetos Eduardo Souto Moura e Humberto Vieira. Assim, reabriu em 27 de outubro de 2001, albergando agora todos os serviços do Centro Português de Fotografia e do Arquivo de Fotografia do Porto.

4. Dark Resting Places – Locais de Descanso Negros

Ao longo deste trabalho podemos ver diversos exemplos sobre os Locais de Descanso Negros, como por exemplo os cemitérios de Agramonte, Ingleses do Porto e de Lisboa; Prado do Repouso, Prazeres e Alto do S. João.

5. Dark Shrines – Santuários Negros

Memorial às Vítimas da Ponte Hintze Ribeiro (Entre-os-Rios)

A 4 de março de 2001, por volta das 21h, deu-se uma tragédia que se tornou mundialmente conhecida: a queda da Ponte Hintze Ribeiro, que unia as margens de Entre-os-Rios: Penafiel, a norte e Castelo de Paiva a sul. Esta ponte, em homenagem ao militar de alta patente que ofereceu a esta região, data de 1884 e não aguentou ao mau tempo que tinha-se feito sentir nos últimos dias, onde a chuva intensa contribui para o aumento do caudal e da corrente do Rio Douro que associado ao facto de ela necessitar de obras estruturais devido à extração de areias, culminaram na sua queda (INFOPEDIA, 2003).

No momento da queda circulavam três carros e um autocarro, arrastando com eles para a morte 59 pessoas, das quais 36 corpos não apareceram. Durante dias não se falava noutra coisa, tendo-se tornado rapidamente um local de oração e colocação de flores e de velas, por parte de familiares e amigos

mas também de curiosos que aproveitavam o facto de a travessia fazer-se agora por ferry-boat, gratuitamente para darem um passeio.

Como forma de recordar a tragédia, a 4 de janeiro de 2003 foi inaugurado o Memorial às Vítimas da Ponte Hintze Ribeiro, da autoria do escultor Laureano Ribatua e consiste num anjo de 12 metros de altura e 10 toneladas de peso, sendo a maior escultura de bronze realizada até aquela data (INFOPEDIA,2003).

6. Dark Conflict Sites – Locais de Conflitos Negro

Fundação da Batalha de Aljubarrota

A Fundação da Batalha de Aljubarrota (FBA) foi fundada por António de Sommer Champalimaud, em 2002 e pretendeu recuperar e valorizar o campo de São Jorge, transformando assim o antigo Museu Militar no Centro de Interpretação da Batalha de Aljubarrota (CIBA) de modo a permitir ao público melhores condições e o acesso a informação sobre a batalha de forma “rigorosa, instrutiva e cativante” (FBA, 2002).

Assim o CIBA abrange uma área de 1.908 m² onde tem ao dispor áreas expositivas, auditório onde se projeta um espetáculo multimédia que reconstitui a Batalha; serviços educativos com um programa educativo dirigido a escolas e outro tipo de grupos, visitantes individuais e famílias; loja; cafetaria; parque de merendas e um Parque de Engenhos Medieval.

De modo a permitir uma relação entre os visitantes e a paisagem circundante, esta foi recuperada tentando seguir o rigor histórico do que aconteceu no dia 14 de agosto de 1385, onde morreram cerca de 1000 portugueses e 4000 do exército franco-castelhano (FBA, 2002).

7. Dark Camps of Genocide – Campos de Genocídio Negros

Igreja de S. Domingos e envolvente

A Igreja do século XVIII dedicada a S. Domingos localiza-se na Praça do Rossio, em Lisboa, sendo que em 1506 viu ser palco do início de uma revolta popular: o Massacre de Lisboa de 1506, também conhecido como Pogrom de Lisboa ou Matança da Páscoa de 1506 (Fidalgo, 2013: 202-205).

Antes de mais, temos que contextualizar que Portugal encontrava-se mergulhado numa enorme crise gerada por um longo período de seca, fome e peste. Para além disto, a sociedade não via com bons olhos os cristãos-novos, ou seja, os judeus que foram expulsos de Espanha em 1492 e vieram para Portugal, tendo sido obrigados a converterem-se a partir de 1497, de modo a evitarem a humilhação pública.

Numa época em que o país era extramente devoto, quando a 19 de abril de 1506, uma pessoa, que se encontrava no interior do Convento de São Domingos diz ter visto o rosto de Jesus Cristo no altar, todas pessoas presentes veem isto como sinal de esperança e milagre.

No entanto, alguém mais racional ou cauteloso opõe-se e supõe que talvez tenha sido o reflexo de uma luz, explicação que não é bem recebida, levando a que os fieis o espancassem até à morte. Aliados a isto, os frades dominicanos prometeram a absolvição dos pecados dos últimos 100 dias a quem matasse os “hereges”, tendo-se espalhado facilmente, a acusação de que os judeus eram os culpados pela seca, peste e pela morte de Deus (deicídio) (Fidalgo, 2013: 202-205).

Assim, juntaram-se mais de 500 pessoas, incluindo marinheiros estrangeiros, que invadiram a casa de muitos judeus, arrastando-os até ao Largo de São Domingos onde lançaram à fogueira cerca de 4 mil homens, mulheres e crianças. Tal matança durou três dias, de 19 a 21 de abril e ocorreu na Semana Santa de 1506, tendo terminado só quando foi morto João Rodrigues Mascarenhas, escudeiro de rei que era cristão-novo mas não era judeu.

D. Manuel I ordenou de imediato que os guardas acabassem com os tumultos e condenou à morte por enforcamento as pessoas envolvidas, tendo expulsado os frades do Convento, que esteve fechado por oito anos (Fidalgo, 2013: 202-205).

Como forma de recordação do massacre, em setembro de 2000 foi erigido um monumento ao lado da igreja, composto por três memoriais:

“Um, proposto pelo patriarcado de Lisboa, é formado por duas colunas de pedra unidas por uma faixa de metal, onde se lê um pedido de desculpas público por parte da Igreja Católica. Outro é uma escultura proposta pela Comunidade Israelita, da autoria da arquiteta Graça Bachmann, composta por uma semiesfera inclinada, onde se destaca uma frase retirada do livro de Job: «Ó terra, não ocultes o meu sangue e não sufiques o meu clamor.» Uma frase evocativa do masse completa o texto, escrito sobre uma

Estrela de David, símbolo judaico. A terceira é um mural escrito em 34 línguas, onde se lê «Lisboa, Cidade da Tolerância.» (Fidalgo, 2013: 202-205)

Apesar dos exemplos aqui mencionados seguirem a ordem sugerida pelo Stone, ou seja, do mais claro para o mais negro, como este autor explicou os locais/eventos relacionados com a morte podem se mover ao longo do espectro e no caso de Portugal é o que acontece.

Como comparação, por exemplo, temos o seguinte caso: apesar de no massacre de Lisboa de 1506, terem morrido cerca de 4 mil pessoas e na tragédia da Ponte Hintze Ribeiro, 59, consideramos que o local onde está o memorial às vítimas da queda da ponte é mais negro do que o primeiro. Ou seja, o fator temporal é determinante, além de que no caso de Lisboa a recordação do acontecimento cinge-se por um monumento com três memoriais, enquanto que no caso de Entre-os-Rios, temos acesso ao nome das pessoas, às fotografias, e podemos recordar a ponte caída, os destroços do autocarro e dos carros, o relato do condutor que dera cedência de passagem ao autocarro, e que fora fulcral para ter sobrevivido, o desespero das pessoas enlutadas, entre outros, afinal só passaram 12 anos e as imagens ainda perduram na memória de muita gente.

Para além disto, o memorial é um espaço de oração mas acima de tudo funciona como espaço simbólico, tal como se de um cemitério tratasse, para os familiares enlutados que não tiveram a oportunidade de inumar os seus ente-queridos.

Apêndice V - Resultados dos inquéritos por questionário

I- Caracterização pessoal

Tabela 9– Caracterização dos inqueridos segundo a idade

Classe Etária	Frequência
[17-29]	12
[30-41]	7
[42-53]	3
[54- 66]	4
Total	26

Tabela 10- Dados demográficos de quem foi à visita guiada aos Cemitérios Agramonte e Prado de Repouso

Nr.	1. Idade	2. Género	3. Ocupação Profissional	4. Localidade onde vive	5. Habilitações literárias	6. Estado Civil
1	24	Masculino	Desempregado/a	Valongo	Ensino Superior: Licenciatura	Solteiro(a)
2	24	Masculino	Estudante	Baguim do Monte (Gondomar)	Ensino Superior: Licenciatura	Solteiro(a)
3	26	Feminino	Estudante Trabalhador/a por conta de outrem	Águeda	Ensino Superior: Doutoramento	Solteiro(a)
4	26	Feminino	Estudante Trabalhador/a por conta de outrem	Ermesinde (Valongo)	Ensino Superior: Mestrado	Solteiro(a)
5	26	Masculino	Estudante	Senhora da Hora (Matosinhos)	Ensino Superior: Doutoramento	Solteiro(a)
6	33	Masculino	Trabalhador/a por conta de outrem	Maia	Ensino Superior: Licenciatura	Solteiro(a)
7	38	Masculino	Trabalhador/a por conta de outrem	Rio Tinto (Gondomar)	Ensino Secundário	União de facto
8	38	Masculino	Estudante Trabalhador/a por conta própria	Porto	Ensino Superior: Mestrado	Casado(a)
9	46	Feminino	Trabalhador/a por conta própria	Vila Nova de Gaia	Ensino Superior: Mestrado	Casado(a)
10	46	Masculino	Trabalhador/a por conta de outrem	Porto	Ensino Secundário	Divorciado(a)
11	52	Masculino	Trabalhador/a por conta de outrem	Senhora da Hora (Matosinhos)	Ensino Superior: Licenciatura	Casado(a)
12	55	Masculino	Trabalhador/a por conta própria	Lordelo do Ouro (Porto)	3º Ciclo Ensino Básico	Casado(a)

Tabela 11- Dados demográficos de quem foi à visita guiada ao Cemitério Prado de Repouso

Nr.	1. Idade	2. Género	3. Ocupação Profissional	4. Localidade onde vive	5. Habilitações literárias	6. Estado Civil
13	17	Feminino	Estudante	Matosinhos	Ensino Secundário	Solteiro(a)
14	22	Feminino	Estudante Trabalhador/a por conta de outrem	Guimarães	Ensino Superior: Licenciatura	Solteiro(a)
15	25	Feminino	Desempregado/a	Porto	Ensino Superior: Mestrado	Solteiro(a)
16	29	Feminino	Estudante Trabalhador/a por conta própria	Maia	Ensino Superior: Licenciatura	Solteiro(a)
17	34	Masculino	Trabalhador/a por conta de outrem	Senhora da Hora (Matosinhos)	Ensino Superior: Licenciatura	Solteiro(a)
18	35	Feminino	Trabalhador/a por conta de outrem	Vila Nova de Gaia	Ensino Superior: Licenciatura	Solteiro(a)
19	36	Feminino	Trabalhador/a por conta de outrem	Rio Tito (Gondomar)	Ensino Superior: Mestrado	Solteiro(a)
20	37	Masculino	Trabalhador/a por conta de outrem	Matosinhos	Ensino Superior: Licenciatura	Solteiro(a)

Tabela 12- Dados demográficos de quem foi à visita guiada ao Cemitério de Agramonte

Nr.	1. Idade	2. Género	3. Ocupação Profissional	4. Localidade onde vive	5. Habilitações literárias	6. Estado Civil
21	24	Feminino	Estudante	Porto	Ensino Superior: Mestrado	Solteiro(a)
22	26	Feminino	Estudante	Porto	Ensino Superior: Licenciatura	Solteiro(a)
23	28	Feminino	Investigadora/bolseira	Murtosa	Ensino Superior: Mestrado	Casado(a)
24	60	Masculino	Estudante Trabalhador/a por conta própria	Braga	Ensino Superior: Mestrado	Casado(a)
25	61	Masculino	Desempregado/a	Porto	Ensino Secundário	Solteiro(a)
26	66	Feminino	Reformada	Canidelo (Vila Nova de Gaia)	3º Ciclo Ensino Básico	Divorciada

Tabela 13- Caracterização dos inqueridos segundo a ocupação profissional

Ocupação Profissional	Frequência
Estudante	5
Trabalhador/a por conta própria	2
Trabalhador/a por conta de outrem	8
Estudante Trabalhador/a por conta própria	3
Estudante Trabalhador/a por conta de outrem	3
Desempregado/a	3
Reformado/a	1
Outra	1
Total	26

Tabela 14– Caracterização dos inqueridos segundo o concelho onde reside

Concelho onde reside	Frequência
Águeda	1
Braga	1
Gondomar	3
Guimarães	1
Maia	2
Matosinhos	5
Murtosa	1
Porto	7
Valongo	2
Vila Nova de Gaia	3
Total:	26

Tabela 15– Caracterização dos inqueridos segundo as habilitações literárias

Habilitações literárias	Frequência
Não frequentou	0
1º Ciclo Ensino Básico	0
2º Ciclo Ensino Básico	0
3º Ciclo Ensino Básico	2
Ensino Secundário	4
Licenciatura	10
Mestrado	8
Doutoramento	2
Total	26

Tabela 16– Caracterização dos inqueridos segundo o estado civil

Estado Civil	Frequência
Solteiro(a)	17
Casado(a)	6
União de facto	1
Divorciado(a)	2
Viúvo(a)	0
Total	26

II- Visitas Guiadas aos Cemitérios Prado do Repouso e Agramonte

Tabela 17– Qual(ais) da(s) visita(s) guiada(s) assistiu?

Qual(ais) da(s) visita(s) guiada(s) assistiu?	Frequência
Cemitério Prado Repouso	8
Cemitério Agramonte	6
Ambas	12
Total	26

Tabela 18– Motivo(s) de não ter assistido à outra visita guiada

Motivo(s) de não ter assistido à outra visita guiada	Prado do Repouso	Agramonte
	Frequência	Frequência
Não estava interessado(a)	0	0
Incompatibilidade horária	2	1
Incompatibilidade do dia	5	5
Já conhecia	1	0
Não frequenta (ou não gosta de frequentar) cemitérios à noite	0	0
O Prado do Repouso proporcionava um tipo de experiência diferente	2	0
Outra:	0	0
Total	10	6

Tabela 19- Quais das visitas guiadas gostou mais

Quais das visitas guiadas gostou mais	Frequência
Cemitério Prado Repouso	1
Cemitério Agramonte	1
Ambas	10
Nenhuma	0
Não sei/Nr	0
Total	12

Tabela 20- Como obteve conhecimento

Como obteve conhecimento	Frequência
Familiares	1
Amigos/conhecidos	14
Trabalho	2
Internet	10
Outro	0
Total	27

Tabela 21– Com quem assistiu

Com quem assistiu	Frequência
Familiares	4
Amigos	12
Colegas Trabalho	6
Namorado(a)	6
Sozinho(a)	5
Outro	0
Total	33

Tabela 22- Teve que pernoitar fora da área de residência para assistir a esta atividade

Teve que pernoitar fora da área de residência para assistir a esta atividade	Frequência
Sim	0
Não	25
Pernoitei, apesar de não ter sido por causa da localização (aproveitou para conviver com outras pessoas, por exemplo)	1
Total:	26

Tabela 23- Já tinha assistido às edições anteriores das “Visitas Guiadas aos Cemitérios Prado do Repouso e Agramonte”

Já tinha assistido às edições anteriores das “Visitas Guiadas aos Cemitérios Prado do Repouso e Agramonte”	Frequência
Não	22
Sim	4
Total:	26

Tabela 24- Já conhecia o cemitério anteriormente

	Prado do Repouso	Agramonte
Conhecia o cemitério anteriormente	Frequência	Frequência
Não	6	8
Sim	14	10
Total	20	18

Tabela 25- Em que âmbito já conhecia o cemitério

	Prado do Repouso	Agramonte
Em que âmbito já conhecia o cemitério	Frequência	Frequência
Académico	6	3
Eventos culturais	0	0
Eventos religiosos	8	5
Práticas desportivas	0	0
Profissional	1	0
Lazer	6	2
Meditar/introspeção	2	0
N/r	6	8
Total:	29	18

Tabela 26- Estaria disposto(a) a pagar pela atividade

	Prado do Repouso	Agramonte
Estaria disposto(a) a pagar pela atividade	Frequência	Frequência
Não	5	2
Não Sei	3	4
Sim	12	12
Total	20	18

Tabela 27- Até quanto estaria disposto a pagar

	Prado do Repouso	Agramonte
Até quanto estaria disposto a pagar (€)	Frequência	Frequência
1	2	1
2	3	5
3	5	2
4	0	1
5	1	2
mais de 5	1	1
Total	12	12
Média	2,55	2,82

III- Cemitérios do Porto, Portugal e Internacionais

Tabela 28- Qual(ais) dos cemitérios do Porto já frequentou

Qual(ais) dos cemitérios do Porto já frequentou	Frequência
Agramonte	24
Aldoar	0
Bonfim	8
Campanhã	5
Catacumbal da Ordem de S. Francisco	9
Foz do Douro	2
Inglezes	3
Lordelo do Ouro	2
Nevogilde	2
Paranhos	3
Prado do Repouso	24
Ramalde	4
Venerável Irmandade de Nossa Senhora da Lapa	8
Nº Inquéritos	26

Tabela 29- Em que âmbito conhece os cemitérios

Em que âmbito conhece os cemitérios	Frequência
Académico	8
Conhecer o/fazer o culto ao Padre José Santos Ferreira Moura (no cemitério da Foz do Douro)	1
Eventos culturais	7
Eventos religiosos (incluindo funerais)	11
Práticas desportivas	0
Profissional	2
Lazer (passear, conhecer, ...)	14
Meditar/introspeção	3
Outra:	0
Nº Inquéritos	26

Tabela 30- Quais dos cemitérios portugueses já frequentou

Quais dos seguintes cemitérios portugueses já frequentou	Frequência
Alto do S. João (Lisboa)	5
Central de Aveiro	3
Conchada (Coimbra)	1
Espinho	1
Maia	2
Póvoa de Varzim	0
Prazeres (Lisboa)	6
Santa Marinha (Vila Nova de Gaia)	1
São Cosme (Gondomar)	2
Sendim (Matosinhos)	4
Valongo	3
Vila do Conde	0
Outros:	
Águas Santas	1
Campo	1
Lajes War Cemetery	1
Mafamude	1
Monte Atoguia	1
S. Pedro da Cova	1
Sobrado	1
Nenhum	7
Nº Inquéritos	26

Tabela 31– Conhece/ ouviu falar na Rota Europeia dos Cemitérios mais significativos

Conhece/ouviu falar na Rota Europeia dos Cemitérios mais Significativos	Frequência
Sim	11
Não	15
Total	26

Tabela 32- Qual(ais) dos cemitérios portugueses acha que estão inseridos na Rota Europeia dos Cemitérios mais Significativos

Qual(ais) dos cemitérios portugueses acha que estão inseridos na Rota Europeia dos Cemitérios mais Significativos	Frequência
Agramonte (Porto)	17
Alto de S. João (Lisboa)	2
Central de Aveiro	0
Conchada (Coimbra)	2
Prado do Repouso (Porto)	19
Prazeres (Lisboa)	13
Venerável Irmandade de Nossa Senhora da Lapa (Porto)	12
Todos	0
Nenhum	2
Outro	0
Nº Inquéritos	26

Tabela 33- Conhece pessoalmente algum cemitério internacional

Conhece pessoalmente algum cemitério internacional	Frequência
Não	19
Sim	7
Total:	26

Tabela 34- Motivos para visitar os cemitérios

Motivos para visitar os cemitérios	Número do(s) Inquérito(s)	Total
Admirar a arte e arquitetura funerária	4,7,8,9,11,12,14,17,18,21,23,26	12
Conhecer a história do local (cemitério/cidade)	8,16,17,18,20,21	6
Cultura (incluindo eventos,...)	5,6,8,18,19,25	6
Eventos Religiosos (funerais,...)	1,6,11,22,23,25	6
Visitar os jazigos de familiares ou de amigos	1,4,5,23,24,26	6
Fascínio por cemitérios e/ou morte	2,3,12, 15	4
Venerar personalidades famosas e sua história	1,4,12,13,23	4
Introspeção/Sair da rotina	3,12,25	3
Lazer (passear...)	5,14,25	3
Admirar flores/jardim	12,26	2
Académicas	22,23	1
Cortar caminho	5	1
Tirar fotografias	10	1
	Total Inquéritos	26

IV- Locais/Eventos relacionados com a morte

Tabela 35– Locais/Eventos relacionados com a morte

Locais/Eventos	Exemplo	Número do(s) Inquérito(s)	Total
Campos de Genocídio	Campos de concentração Auschwitz-Bikernau	4,5	2
	Museu Judaico de Berlim	17	1
Locais de conflito	Campo de Batalha das Barreiras	2	1
	Campo de batalha de Austerlitz	4	1
	Não especificou	5,12	2
Santuários	Memorial às vítimas da ponte das barcas	1	1
	Não especificou	5,7,12	3
Locais de Descanso	Panteão Nacional	5,6,22,23	4
	Cemitério de Veneza	15	1
	Não especificou cemitérios	1,2,3,5,7,12,13,14,16,18,20,22, 23,24,25,26	16
Masmorras	Cadeia da Relação do Porto	1	1
	Prisão Académica de Coimbra	1	1
	Forte de Peniche (prisão no Estado Novo)	5,22	2
	Não especificou	12	1
Exposições	O Corpo Humano Como Nunca Viu	1,3,5,19	4
	Instrumentos Medievais de Tortura, Período da Inquisição	3,23	2
	Não especificou	9,12	2
Fábricas de Diversão	Sintra Subterrânea	1	1
	Não especificou	9	1
Não especificou		8,10,11,21	4

Tabela 36- Motivos para frequentar espaços/eventos relacionados com a morte

Motivos para frequentar espaços/eventos relacionados com a morte	Número do(s) Inquérito(s)	Total
Admirar a arte/ arquitetura/beleza do espaço	5,8, 12,14,17,18,23,25	8
Conhecer a história do espaço	3,4,8,12,17,20,23	7
Turismo/Lazer	1,5,14,15,18,22, 26	7
Cultura (incluindo eventos,...)	1,3,5,8,13,19	6
Curiosidade/ Interesse pelo local/morte	2,3,4,6,9,12	6
Académicos/Profissionais	1,9,19	3
Eventos Religiosos (funerais,...)	13,23,26	3
Sensações que transmite (alegria, paz, nostalgia,..)	1,20,25	3
Visitar os jazigos de familiares ou de amigos	24	1
Não especificou	10,11,21	3
	Total Inquéritos	26

Tabela 37– Classificação do tipo de turismo

Classificação	Número do(s) Inquérito(s)	Total
Turismo Cultural	1,8,17,19,22,26	6
Turismo Cemiterial	6,16,22,26	4
Turismo Histórico	1,12,16,26	4
Turismo Negro	1,2,3,23	4
Turismo Artístico	1,12	2
Turismo Arquitetónico	1	1
Turismo Biográfico	1	1
Turismo Eterno	7	1
Turismo Etnográfico	26	1
Turismo Gótico	20	1
Tanaturismo	5	1
Não especificou	9,10,11,13,14,18,24,25	8
	Total Inquéritos	26

Tabela 38- Como dinamizaria o cemitério com características “especiais”

Dinamização	Número do(s) Inquérito(s)	Total
Visitas Guiadas	1,3,4,9,13,15,19,22,23,24,25,26	12
Eventos (exposições; debates; concertos; ciclos de cinema; serviços educativos como caça ao tesouro; peças de teatro sobre a morte ou encenações de execuções públicas)	1,4,5,14,16,21,22	7
Visitas Guiadas Noturnas	1,20,21,22	4
Criação/Integração de informação em Guias/Livros Turísticos	2,15,18	3
Publicidade na comunicação social	3,14,17	3
Inventariação e classificação do património	3,8	2
Colocar Placas Informativas	3,12	2
Preservação do cemitério	3,8	2
Divulgação junto das faculdades	17	1
Estudo do perfil dos visitantes/mercado	3	1
Integração na Associação Europeia Cemitérios Significativos	3	1
Venda de mapas/folhetos	12	1
Não Especificou	6,7,10,11	4
	Total Inquéritos	26